



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

WILLIAN FERNANDES GARCIA

**EM DEFESA DE UMA IDENTIDADE CRISTÃ:**  
O “HEREGE” MARCIÃO PELOS OLHOS DE TERTULIANO DE  
CARTAGO NA OBRA *ADVERSUS MARCIONEM*

WILLIAN FERNANDES GARCIA

**EM DEFESA DE UMA IDENTIDADE CRISTÃ:  
O “HEREGE” MARCIÃO PELOS OLHOS DE TERTULIANO DE  
CARTAGO NA OBRA *ADVERSUS MARCIONEM***

Dissertação apresentada ao Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Monica Selvatici.

Londrina  
2018

### **Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

G216e Campos, Jefferson Tadeu de.

Em defesa de uma identidade cristã : o "herege" Marcião pelos olhos de Tertuliano de Cartago na obra Adversus Marcionem / Willian Fernandes Garcia. - Londrina, 2018.  
100 f.

Orientador: Monica Selvatici.

Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2016.  
Inclui bibliografia.

1. História social - Teses. 2. Cristianismo - História - Teses. 3. Identidade - Teses. I. Selvatici, Monica. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

CDU 930.1:2

WILLIAN FERNANDES GARCIA

**EM DEFESA DE UMA IDENTIDADE CRISTÃ:**  
O “HEREGE” MARCIÃO PELOS OLHOS DE TERTULIANO DE  
CARTAGO NA OBRA *ADVERSUS MARCIONEM*

Dissertação apresentada ao Departamento de  
História da Universidade Estadual de Londrina,  
como requisito à obtenção do título de Mestre  
em História.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Profa. Dra. Monica Selvatici  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Alfredo dos Santos Oliva  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Profa. Dra. Renata Lopes Biazotto Venturini  
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Londrina, 12 de Abril de 2018.

Dedico este trabalho a minha família  
que me apoiou sem restrições do início  
ao fim desta jornada.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha orientadora Monica Selvatici, não só pela constante orientação neste trabalho, pela paciência, mas sobretudo pela sua amizade.

A minha noiva Sabrina pelo carinho e paciência nesta longa jornada em busca pela concretização de um sonho.

E a todos os professores e amigos que em algum momento contribuíram para a realização desta dissertação.

**Quis tam comesor mus Pontic quam qui  
evangelia corrosit?  
(TERTULLIANUS, *Adversus Marcionem*)**

GARCIA, Willian Fernandes. **Em defesa de uma identidade cristã: O “herege” Marcião pelos olhos de Tertuliano de Cartago na obra *Adversus Marcionem***. 2018. 100 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

## RESUMO

Nesta dissertação analisamos questões de identidade no cristianismo antigo a partir do impacto da figura do cristão considerado herege, Marcião, para o desenvolvimento do movimento cristão nos séculos II d.C. e III d.C.. A partir da ótica do autor cristão Tertuliano de Cartago analisamos o processo de construção, em termos do discurso, de uma certa identidade cristã tendo por premissa a oposição entre o “verdadeiro” cristianismo e os “falsos cristianismos”, neste caso representados pelo marcionismo. Levando em conta as Teorias da Etnicidade podemos apresentar o processo de construção, ou desconstrução, de um adversário levado a cabo por Tertuliano ao mesmo tempo em que ele construía as premissas de sua identidade cristã através da comparação entre as ideias que ele julgava corretas em oposição ao que supostamente seus oponentes pregavam.

**Palavras-chave:** Tertuliano. Marcião. Identidade. História do Cristianismo.

GARCIA, Willian Fernandes. **In defense of a Christian identity:** The “heresiarch” Marcion through the eyes of Tertullian of Carthage in *Adversus Marcionem*. 2018. 100 p. Dissertation (Master’s Degree in History) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

### **ABSTRACT**

In this thesis issues of identity in Early Christianity are analysed based on Marcion and his impact over the development of Christianity in the 2<sup>nd</sup> and 3<sup>rd</sup> centuries AD. Through the view of Tertullian of Carthage we show how Christian identity was built up fundamentally by the opposition between the “true” Christianity against “false Christianities”, in this case represented by Marcionism. Relying on the Teories of Ethnicity we presented the process of construction, or deconstruction, of an adversary carried out by Tertullian at the same time as he built up the premises of his Christian identity through the comparison between the ideas he judged correct in opposition to what was supposedly preached by his oponents.

**Keywords:** Tertullian. Marcion. Identity. Christianity History.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>TERTULIANO DE CARTAGO E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE CRISTÃ NO MUNDO ANTIGO</b> .....	<b>20</b>
2.1	TERTULIANO: SUA VIDA, OBRA E CONTEXTO EM PERSPECTIVA.....	21
2.2	A PROVÍNCIA AFRICANA NOS SÉCULOS II D.C. E III D.C.: O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E A LIDERANÇA DA METRÓPOLE CARTAGO NO NORTE DA ÁFRICA ROMANA .....	28
2.3	O CRISTIANISMO E SEU DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL NA PROVÍNCIA DA ÁFRICA ROMANA NOS SÉCULOS II D.C. E III D.C.....	34
2.4	SER CRISTÃO EM CARTAGO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO II D.C. E INÍCIO DO SÉCULO III D.C.: UMA ANÁLISE DA COMUNIDADE CRISTÃ DE TERTULIANO .....	41
<b>3</b>	<b>TERTULIANO <i>ADVERSUS MARCIONEM</i>: CONSTRUINDO UMA IDENTIDADE CRISTÃ ATRAVÉS DA DESCONSTRUÇÃO DE UM ADVERSÁRIO</b> .....	<b>51</b>
3.1	MARCIÃO E AS CONTROVÉRSIAS ACERCA DE SUA VIDA: AS VERSÕES DE SEUS DETRATORES .....	52
3.2	O MUNDO IMPERFEITO DO CRIADOR, O DEMIURGO X SUA ANTÍTESE, O DEUS “FORASTEIRO” DE MARCIÃO.....	56
3.3	A OBRA DE MARCIÃO E AS TENTATIVAS DE RECONSTRUÇÃO DOS SEUS TEXTOS: A ANTÍTESE, O EVANGELHO E O <i>APOSTOLIKON</i> .....	63
3.4	DESCONSTRUINDO MARCIÃO: O “BÁRBARO HEREGE” .....	69
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>88</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>96</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Fazer História Antiga é pensar e repensar o nosso lugar em um mundo em transformação. Assim o estudo sobre a forma cultural pela qual os indivíduos se expressam nos permite refletir sobre nós mesmos e nossa sociedade, de modo que “a identidade de uma pessoa, um grupo ou uma coletividade inteira é o que lhe permite pensar sobre si mesmo, repensar seu passado e reconhecer seus limites e suas potencialidades para construir seu próprio futuro”. (GUARINELLO, 2013, p. 8). O fenômeno da globalização é paradigmático neste sentido, pois serve de impulso para uma inovação na forma como fazemos História. A busca pela compreensão dos meios que levaram à integralização do mundo contemporâneo causou impacto na forma como fazemos História Antiga, uma vez que o olhar dos historiadores se volta ao passado ao passo das questões que são levantadas no presente. Assim, uma tradicional História Eurocêntrica que serviria de padrão para a explicação de toda a história global passou a ser questionada em prol de uma história múltipla, uma história que destaca e valoriza as identidades próprias dos mais diversos povos que contribuíram em maior ou menor grau para a formação do mundo contemporâneo. Portanto, a nova História Antiga tem prezado novas abordagens de estudo que visam se distanciar dos antigos modelos sequenciais de história que pressupunham a ideia de uma história universal. Estes modelos já não são mais suficientes para responder às exigências contemporâneas, que objetivam a construção de uma história mundial de integralização (GUARINELLO, 2013).

É perceptível, no mundo contemporâneo, o quanto o problema das identidades sociais está manifestado. Para Guarinello, nunca esta questão esteve tanto no centro do debate acadêmico nas Ciências Humanas quanto agora. Isso se deve ao fato de que no atual mundo globalizado houve uma “tomada de consciência do caráter precário e mutante das identidades sociais” (2009, p. 147). Esta tomada de consciência nos leva a duas observações, a primeira é uma positiva crítica dos antigos modelos normativos de identidades oriundos do Nacionalismo da segunda metade do século XIX, ou seja, uma crítica à existência de identidades naturais. No entanto, por outro lado, esta questão nunca esteve tão em evidência no mundo e as identidades podem ser entendidas como “formas essenciais pelas quais os seres humanos se agrupam para atuar de modo coletivo” (2009, p. 147), ou seja, esta é a forma pela qual as pessoas se sentem parte de algo maior do que suas próprias

individualidades, portanto, refletem sobre seu passado em comum e propõem transformações para seus futuros.

A globalização abalou os alicerces dos tradicionais modelos de identidade, o que levou à transformação acerca da compreensão de um mundo homogêneo para um mundo onde múltiplas vozes, por vezes discordantes, ecoam. Este processo propiciou uma fragmentação das relações sociais que levou até ao questionamento dos principais agentes deste antigo modelo, o Estado-Nacional, por exemplo. Portanto a questão das identidades não é apenas relevante, como é central e urgente nas ciências humanas atualmente. Guarinello aponta a necessidade de buscarmos na história algum paralelo que nos ajude a pensar sobre nossa própria época. Uma experiência análoga que possa nos ajudar a avaliar as possibilidades que decorrem do desenvolvimento histórico. Assim, é no estudo do Império Romano que encontramos um bom paralelo nestes aspectos, pois lá também houve um “processo de unificação de diferentes povos e culturas sob a égide de um poder centralizado, mas que mantiveram durante séculos suas identidades próprias e separadas” ( 2009, p. 148). É o que Guarinello chama de “uma experiência histórica de micro-globalização regionalizada”. Através da análise deste exemplo é possível observar os meios de criação, transformação e destruição das identidades. O Império Romano pode ser considerado o resultado de um processo de conquistas militares que levaram à centralização da administração de um vasto território por um único poder. Portanto, esta centralização do poder político reunia sociedades completamente distintas entre si. Antigos impérios e civilizações que foram pouco a pouco conquistados e mantinham sob a égide do controle político romano suas características particulares. (GUARINELLO, 2009)

O estudo do caso particular da construção da identidade cristã no mundo romano parece se justificar, portanto, se pensarmos no impacto que o cristianismo causa ainda hoje na cultura ocidental. Refletir sobre sua formação e desdobramentos no mundo romano pode nos auxiliar a compreender melhor o papel do cristianismo para a questão das identidades no mundo em que vivemos. Além disto, do ponto de vista acadêmico, existe uma profusão de estudos que tratam, ora das origens das primeiras comunidades cristãs ainda no primeiro século, ora de uma igreja já consolidada e institucional a partir do século IV d.C. em diante. Há certa escassez de estudos sobre o desenvolvimento e os desdobramentos decorrentes que levaram o cristianismo de suas pequenas comunidades no primeiro século a

uma igreja consolidada e institucionalizada no quarto século. Além do mais, muitos dos trabalhos sobre este período particular - o segundo século e início do terceiro século - não são obra de historiadores propriamente ditos, o que evidencia uma lacuna de análises com base nas metodologias da Ciência Histórica.

Por este motivo, para esta dissertação escolhi por objeto de estudo analisar a construção da identidade cristã no século II e início do século III a partir do discurso oficial de uma autoridade da Igreja, neste caso específico, a fala de Tertuliano da Igreja de Cartago, no norte da África, em sua obra *Adversus Marcionem*, na qual ele ataca o grupo dos seguidores de Marcião de Sinope, importante cristão da Ásia Menor no século II d.C. Marcião foi um cristão influente em seu tempo, pois fundou uma Igreja própria com hierarquia que perdurou por quase quatro séculos após sua morte. Historiadores e teólogos que pesquisam os movimentos cristãos nos primeiros séculos do mundo romano identificam a origem deste movimento a partir da Igreja de Sinope, onde seu pai pode ter sido bispo. Marcião, ao começar a pregação de sua forma de entender o cristianismo, acabou sendo expulso da Igreja em Sinope e foi para Roma onde rapidamente teria se unido à igreja de Roma de onde também teria sido expulso após 4 anos de estadia. Após sua expulsão da Igreja de Roma ele volta a Sinope e funda sua própria Igreja. Seu discurso teológico era fortemente anti-judaico e mostrava proximidade com o gnosticismo, embora não seja usual denominá-lo um gnóstico, é certo que a influência do movimento gnóstico existe em sua pregação. (ALTANER; STUIBER, 1988, P. 115-116.)

É pequena quantidade de pesquisas cujo foco principal é a obra de Tertuliano, em língua portuguesa, por exemplo, a quantidade de obras sobre sua pessoa é limitada. Apesar de sua grande influência para o desenvolvimento do cristianismo latino no ocidente do império me parece que a imagem de herege construída a partir de sua aparente simpatia pelo movimento montanista seria a causa disso. Com relação à origem das fontes que pretendo utilizar, gostaria de apresentar brevemente o portal online Tertullian.org. Felizmente nos Estados Unidos existe um portal online para pessoas interessadas em conhecer melhor a obra de Tertuliano. O site Tertullian.org é um portal que disponibiliza online uma vasta lista de referências de obras produzidas sobre Tertuliano e suas obras, bem como, e principalmente, as obras do próprio Tertuliano em suas versões latinas e traduções em inglês. Ali estão disponíveis os principais trabalhos de compilação dos

manuscritos antigos e formatação dos textos latinos, bem como as principais traduções para o inglês. Assim utilizarei minhas fontes a partir de uma tradução própria feita a partir destas versões bilingues do texto estabelecido (Inglês/Latim), as quais estarão devidamente discriminadas nas referências bibliográficas.

As Ciências Sociais têm desenvolvido ao longo das últimas décadas suas teorias que pretendem compreender o fenômeno das identidades no campo social. A ideia de uma identidade remonta ao século XIX e à formação dos Estados Nacionais, como bem ressaltado por Funari, os Estados Nacionais eram instituições forjadas na ideia de unidade de toda uma população em torno de alguns ideais simbólicos como o compartilhamento de uma mesma língua, um mesmo território e uma mesma cultura. Esta unidade tinha o propósito de criar certo aspecto de homogeneidade social que, além de inventada, era imposta. (FUNARI, 2010)

Desse modo, o reflexo de tal sistema de ideias nos estudos antropológicos foi a construção de um modelo interpretativo que podemos chamar de normativo. Apenas após a Segunda Guerra Mundial e a crítica ao Nacionalismo com os movimentos sociais de contestação a este modelo homogeneizante é que as Ciências Sociais foram afetadas por valores como a busca e aceitação das diferenças e da pluralidade. Trabalhos de teóricos pioneiros como Levi-Strauss são marcos nessa mudança de panorama. A quebra do antigo modelo normativo pelas reflexões plurais e mutáveis acerca das identidades sociais teve reflexo profundo nos estudos de História Antiga haja vista que o modelo de interpretação normativo havia causado grande impacto sobre as interpretações acerca do mundo antigo. A mudança de paradigma propiciou uma avalanche de estudos em busca de especificidades e particularidades (FUNARI, 2010). Com o modelo normativo cunhou-se a ideia de que a cultura de uma nação é algo monolítico e homogêneo. A crítica a este modelo levou a uma valorização da diversidade humana e visava o reconhecimento de que “as pessoas possuem múltiplas auto-representações, elas comportam-se de diferentes maneiras em diversos contextos, em constante mutação”. (FUNARI, 2010, p.14)

A valorização das especificidades e a busca pela pluralidade permitiu o alargamento do campo de visão no que diz respeito à análise das construções das identidades, fato este que teve um importante reflexo nos estudos sobre o mundo antigo, como já mencionado anteriormente. Uma das questões que merecem destaque é a questão do modelo analítico tradicional de interpretação

*étnica*<sup>1</sup> na arqueologia histórica. A interpretação *étnica* na arqueologia histórica tem derivado das fontes escritas. Ou seja, há um privilégio das fontes escritas que são analisadas anteriormente à fonte material. E o pré-conceito que parte da análise da fonte escrita guia a análise e a interpretação da fonte material. A este processo tem se denominado ‘determinismo histórico’.

A experiência deste modelo de interpretação tradicional de buscar correlatos arqueológicos de grupos *étnicos* historicamente conhecidos tem se provado inútil, pois ignora a natureza situada e subjetiva das fontes históricas e principalmente desconsidera as diferenças qualitativas na manifestação da *etnicidade*<sup>2</sup> em ambos os tipos de fonte. O ideal seria encarar ambos os tipos de fontes como iguais e potencialmente opondo elementos num processo dialético de conhecimento (JONES, 2005). Alguns problemas se interpõem para uma mudança de perspectiva, a primeira questão vem do próprio campo arqueológico.

Entre arqueólogos há um modelo interpretativo corrente que entende *etnicidade* como um conceito subjetivo e, portanto, só seria possível de ser examinado se tivéssemos acesso às reflexões intelectuais destes povos. Como resultado os arqueólogos históricos (aqueles que lidam com sociedades que possuem escrita) se transformaram em uma espécie de catalogadores de objetos e grupos *étnicos* com base em fontes escritas. Isto por si só já seria questionável, no entanto devido a este modelo interpretativo praticamente acabaram-se os estudos *étnicos* sobre sociedades antigas (que ainda não possuíam escrita). Há, pelo menos, três questões fundamentais e passíveis de crítica sobre este padrão de pesquisa,

em primeiro lugar, podem as fontes históricas ser tomadas como afirmações diretas e válidas a respeito da *etnicidade*? Em segundo lugar, existe uma relação fixa entre “marcadores étnicos”<sup>3</sup> e uma identidade particular? E, em terceiro lugar, são os grupos *étnicos* identidades homogêneas e radicalmente separadas umas das outras? (JONES, 2005, p. 29).

---

<sup>1</sup> Segundo Barth, ‘*Étnico*’ é um termo que designa um grupo de pessoas que se considera possuir uma identidade partilhada, uma história em comum e uma herança cultural tradicional. (BARTH, 1998)

<sup>2</sup> Segundo Barth, ‘*Etnicidade*’ é “a organização social da diferença cultural”, ou seja, é o mecanismo que configura os diversos grupos étnicos a partir de suas diferenças na sociedade a qual pertencem. (BARTH, 1998, p. 5)

<sup>3</sup> Segundo Jones, marcador *étnico* são fontes de cultura material supostamente diagnósticas de determinado grupo étnico (JONES, 2005).

Dessa forma a catalogação de vestígios materiais tem sido absolutamente impregnada com discursos de identidade originários das fontes escritas que raramente são analisados e criticados e, em geral, são apenas aceitos como realidade. A crítica deste tipo de análise da fonte histórica reconhece na mesma uma perspectiva parcial e fragmentada sobre o passado, uma perspectiva que parte de indivíduos ou grupos sociais determinados da sociedade (em geral o grupo dominante). Estas críticas que questionam se de fato a fonte histórica pode transmitir alguma afirmação absoluta e objetiva sobre o passado têm feito boa parte dos arqueólogos mudarem seus modelos interpretativos e passarem a relegar as fontes escritas a segundo plano ao destacar a solidez dos vestígios materiais, vistos como muito mais confiáveis e objetivos. Essa abordagem leva a uma inversão do modelo anterior. Aqui a evidência arqueológica é que tem a prioridade e determina a interpretação da fonte escrita (JONES, 2005).

Outros desdobramentos críticos mais recentes no que diz respeito a como abordar as fontes escritas e materiais têm sido a crescente ressalva feita sobre a noção de que tanto as fontes escritas e materiais são, até certo ponto, subjetivas. “Elas são subjetivas como resultados dos processos envolvidos na sua produção e na sua interpretação contemporânea” (JONES, 2005, p. 32). Desta forma penso, tal qual Sian Jones, quando afirma que as fontes escritas precisam, sim, ser levadas em consideração, mas de modo crítico em termos dos contextos nos quais foram produzidas. (JONES, 2005)

O problema da identidade tem sido estudado mais recentemente não sob a perspectiva de que a identidade seja um reflexo passivo e direto de uma cultura ou língua distinta. Ou seja, o modelo atual sustenta que a *etnicidade* é “a construção subjetiva de identidade com base na cultura compartilhada real ou pressuposta e/ou descendência em comum” (JONES, 2005, p. 33). O método de análise que tem sido utilizado pelos cientistas sociais é o da *auto definição* e *definição* pelos outros. Fredrik Barth, em *Ethnic groups and boundaries* (1969), é quem postula essa definição na qual a identidade étnica é o resultado de um processo de autodescrição e descrição pelos outros durante a interação social. Desse modo, somente certas práticas sociais são utilizadas e percebidas como expressão de uma diferença *étnica*. Enquanto outras práticas sociais são compartilhadas pelos grupos para além de suas fronteiras *étnicas* (BARTH, 1998). Além deste compartilhamento de alguns traços sociais é importante notar que a

interação social é fundamental para o processo de construção das identidades sociais, pois é nesse momento que os grupos atribuem a si mesmos e aos outros os símbolos que os diferenciam e, portanto, os identificam (JONES, 2005). Ao contrário do que se imaginava, a interação social não leva a uma liquidação da diferença através da aculturação, pelo contrário, as diferenças culturais persistem à interação e, além disso, as distinções étnicas dependem de interação social, aliás, a interação social é o motor fundamental nos quais os sistemas sociais são construídos (BARTH, 1998).

Todas estas definições estruturais são muito úteis e importantes, mas há que se questionar a forma como são analisadas, pois a partir deste tipo de estratificação da sociedade em categorias é possível presumir que as fronteiras étnicas se mantêm sem problemas e questionamentos. Isso também limita o alcance de vários fatores que servem para compreender a diversidade cultural. Este modelo nos leva a imaginar os grupos sociais vivendo em relativo isolamento enquanto desenvolvem suas formas culturais e sociais. “Esta História produziu um mundo de povos separados, cada um com sua cultura própria e organizado numa sociedade que podemos legitimamente isolar para descrevê-la como se fosse uma ilha” (BARTH, 1998, p. 11). De todas as características, elencadas por Barth, que constroem os grupos étnicos, “partilhar uma cultura em comum” é aquela a que normalmente é dada mais importância. No entanto, para Barth é necessário entendê-la não como o sentido primário e definidor das características dos grupos étnicos, mas sim como um resultado (BARTH, 1998, p. 12). Assim, ao se concentrar naquilo que é socialmente efetivo os grupos étnicos são vistos como uma forma de organização social cujo fator fundamental é o ato de auto-atribuição e atribuição pelos outros. Dessa forma, “Uma atribuição categórica é uma atribuição étnica quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica mais geral, presumivelmente determinada por sua origem e seu meio ambiente” (BARTH, 1998, p. 13). Portanto, na medida em que os atores sociais utilizam deste método para definir a eles mesmos e aos outros para fins de interação social, é neste momento que se constituem os grupos étnicos.

As fronteiras identitárias são o cerne da questão ao se tratar do processo de construção das identidades, pois são elas que definem o grupo perante a sociedade. A interação de um grupo com outros implica a necessidade de critérios para determinar a pertença e formas de determinar tanto a pertença quanto a

exclusão. É a fronteira étnica que determina a organização das relações sociais e comportamentais. Quando nos perguntamos sobre o que torna as distinções étnicas manifestas, devemos destacar, num primeiro momento, a “categorização de setores da população em categorias estatutárias exclusivas e imperativas” e depois considerar que outro fator é a necessária aceitação do princípio de que as normas aplicadas a uma categoria podem ser diferentes daquelas aplicadas a outras.

Logo, cada categoria pode ser então associada a uma escala de valores distinta. Quanto maiores as diferenças entre essas orientações valorativas, mais elas implicam restrições à interação étnica. O indivíduo deverá evitar, no conjunto do sistema social, os estatutos e as situações que implicam um comportamento em desacordo com suas orientações valorativas, já que um comportamento deste tipo de sua parte será sancionado de maneira negativa. (BARTH, 1998, p. 17)

Este processo de atribuição de identidades com base na interação social é normalmente entendido a partir das relações de poder, “a construção ativa de identidade está embutida na negociação dos interesses econômicos e políticos”. (JONES, 2005, p. 33). Daí a observação de que os indivíduos podem mudar de identidade em diferentes situações. Assim, as teorias mais recentes sobre *etnicidade* abandonaram o antigo modelo monolítico e homogêneo por um modelo múltiplo e fluído que percebe a complexidade das relações sociais e o resultado de suas interações. “As relações entre identidades *étnicas* particulares e tipos particulares de cultura material podem ser fluidas e ambíguas e a expressão da *etnicidade* pode mudar em diferentes contextos de interação social” (JONES, 2005, p. 34). Assim, não somente as fontes escritas, mas também a cultura material pode ser deliberadamente apropriada e redefinida a partir das relações de poder que envolvem determinados grupos em uma determinada sociedade.

Segundo Siân Jones, a análise da tomada de consciência da *etnicidade* dos povos dentro de seus respectivos contextos culturais e suas relações podem ser mais bem compreendidas a partir das *Teorias da prática* e, nesse sentido, o cientista social Pierre Bourdieu tem grandes contribuições a nos oferecer. Segundo a teoria da prática de Bourdieu, os povos possuem disposições duráveis subliminares relativas a certas práticas culturais. Estas disposições tornam-se parte de um sentido individual de si e são geradas por certas condições que compõem o ambiente social particular ao qual pertencem. A totalidade destas disposições é o

que ele chama de '*Habitus*', as orientações do *Habitus* formam e são formadas pela prática social. Assim,

A construção da identidade étnica é baseada nas disposições subliminares compartilhadas do *Habitus* que formam e são formadas por um conjunto de práticas. Um *Habitus* compartilhado gera sentimentos de identificação entre pessoas particularmente dotadas. Aqueles sentimentos são conscientemente apropriados e dão forma por meio de recursos simbólicos existentes (JONES, 2005, p. 35).

Neste sentido, torna-se necessário considerar a natureza dos processos sociais e culturais envolvidos na construção das identidades étnicas.

No entanto, *Habitus* e *etnicidade* não são diretamente correspondentes. Embora as disposições habituais compartilhadas sejam o meio pelo qual acontece o reconhecimento de bases comuns de sentimento e interesses e a percepção das afinidades e das diferenças culturais, a tomada de consciência de uma *etnicidade* se dá apenas no contexto das interações sociais e apenas quando as tradições culturais dos grupos que estiverem interagindo forem diferentes. Apenas a partir da auto reflexão acerca da percepção da diferença é que se dá a tomada de consciência *étnica* de um determinado grupo *étnico*. "Tais formas de interação levam a um modo reflexivo de percepção, envolvendo uma racionalização consciente das práticas culturais que tem previamente constituído modos de comportamento subliminares e tomados como certos." (JONES, 2005, p. 36). Desse modo, é fundamental destacar que é no nível discursivo que as representações étnicas são produzidas, reproduzidas e transformadas e esse processo se dá através da comunicação das diferenças culturais entre os outros grupos étnicos distintos. Sendo assim, esta teoria da prática social contribui para a compreensão da natureza dinâmica e contextual da *etnicidade* ao mesmo tempo em que dá conta de compreender "a relação entre as percepções dos povos sobre a *etnicidade* e as práticas culturais e as relações sociais nas quais estão inseridos" (JONES, 2005, p.36). Esta teoria é também crítica das representações discursivas literárias de *etnicidade* na medida em que ressalta que há um distanciamento entre a manifestação discursiva literária e sua prática social.

A respeito da relação prática social *versus* representação discursiva, a teoria da etnicidade proposta questiona veementemente a ideia de entidades étnicas limitadas e homogêneas na prática. Logo, "a práxis da etnicidade resulta em

múltiplas realizações transitórias da diferença étnica em contextos particulares” (JONES, 2005, p. 37). A distinção entre as representações conceituais abstratas de etnicidade e a prática da etnicidade pode ser observada nos contextos de ‘inscrição’ e ‘incorporação’ onde as representações abstratas são frequentemente encontradas em ‘práticas inscricivas’, tais como a escrita, a arte e outras formas simbólicas. Já a práxis aparece no domínio da ‘prática incorporativa’, no âmbito da prática diária, do comportamento corporal, etc.

Portanto, uma crítica deve ser feita aos modelos tradicionais da História interpretativa da arqueologia histórica. Pois estes dão prioridade a uma análise de representações inscricivas, como representações literárias por exemplo, e não levam em conta a diferença qualitativa para a análise dos vestígios materiais (representações incorporativas). Desse modo, penso tal qual Siân Jones quando conclui que:

O ponto que desejo enfatizar aqui é a importância de reconhecer diferenças qualitativas entre representações objetivas, inscricivas da *etnicidade* e a práxis da *etnicidade*. Em lugar das aparentemente coerentes categorias étnicas que são produzidas em um nível discursivo a práxis da *etnicidade* pode ser manifestada no registro arqueológico como uma complexa rede de fronteiras estilísticas sobrepostas, constituídas por expressões da diferença étnica, expressões que eram de uma vez transitórias, mas também sujeitas a reprodução e transformação em processos contínuos da vida social. (JONES, 2005, p.38-39)

Ou seja, as identidades se moldam na sociedade a partir do convívio social entre os diferentes grupos que a compõem, lembrando que a diferença cultural entre os grupos é pré-requisito para o processo de atribuição de símbolos identificadores. Este processo que se desenvolve em via de mão dupla dá forma às representações identificadoras dos grupos na sociedade. No entanto, as identidades são fluidas e múltiplas de modo que os indivíduos flutuam para além de suas fronteiras étnicas a depender de seus interesses político-econômicos e as relações de poder que os configuram. As representações discursivas literárias agem, portanto, como instrumentos normatizadores cujo objetivo seria o de circunscrever a prática social dos indivíduos às suas respectivas fronteiras identitárias.

É sob essa perspectiva que analisaremos o processo de construção de uma identidade cristã ao longo do século II d.C. e início do século III d.C. A obra de Tertuliano de Cartago, um importante líder da Igreja cristã do período, age com o

objetivo anteriormente demonstrado, a criação de uma representação discursiva literária sobre o “verdadeiro cristianismo” cujo intuito era o de ir aos poucos circunscrevendo a prática dos fiéis cristãos às fronteiras identitárias que estavam sendo delimitadas pelas autoridades da igreja.

Desta forma, no primeiro capítulo analisaremos a figura de Tertuliano, sua vida, suas obras e sua importância para o desenvolvimento teológico do cristianismo antigo. Também empreendemos uma análise sobre o contexto histórico do cristianismo de sua época e da Cartago na qual viveu boa parte de sua vida.

No segundo capítulo empreenderemos uma análise da obra *Contra Marcião*, a partir da qual pretendemos demonstrar, com base na metodologia de Barth, o processo de construção de uma identidade cristã levado a cabo por Tertuliano por meio da atribuição de qualidades e características a um de seus adversários, o movimento marcionita, dos seguidores de Marcião de Sinope. Ao analisarmos a obra *Contra Marcião* pretendemos também conseguir tecer algumas afirmações sobre quem foi Marcião de Sinope e qual a importância da religiosidade que pregava. A ideia é compreendermos porque Tertuliano escolhe Marcião e lhe dedica especialmente toda uma obra.

## 2 TERTULIANO DE CARTAGO E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE CRISTÃ NO MUNDO ANTIGO

Num primeiro momento o foco da análise estará no discurso criado por Tertuliano e todas suas implicações no que diz respeito ao processo de criação de uma identidade cristã ao longo dos séculos II e III. Após, nossas atenções se voltarão para uma análise no âmbito da prática das comunidades cristãs onde o foco serão as razões do discurso marcionita ter se desenvolvido na Ásia Menor e prosperado a ponto de causar forte repercussão no mundo cristão de sua época e as consequências advindas dos embates que ocasionou, como, por exemplo, a questão da formação do Cânon Bíblico. É a partir de Marcião que se passou a pensar em um Cânon de Escrituras Sagradas Cristãs com mais profundidade devido ao fato de este ter sido o primeiro autor cristão a propor a compilação e edição de uma lista de escritos sagrados especificamente para os cristãos, cujas razões refletiam a forma como ele entendia e pensava os fundamentos da sua fé cristã.

Portanto, de início voltaremos nossa atenção para a oposição binária “cristãos” x “os outros” e apontaremos o quão fundamental é esta percepção no processo de atribuição de características para construir uma identidade cristã em oposição a outras identidades, também construídas. Entretanto, em um segundo momento, será possível perceber o quanto esta oposição binária é muito mais um constructo discursivo do que uma realidade prática na medida em que, retomando Barth, na prática, os indivíduos são muito mais flexíveis e as identidades são muito mais cambiáveis do que no discurso na medida em que os indivíduos navegam entre várias realidades identitárias ao longo de suas experiências cotidianas assumindo diferentes identidades a depender da necessidade e da situação momentânea no seu dia a dia.

É necessário que tenhamos cuidado ao analisar a sociedade de modo abrangente para não cairmos na tentação de compreendermos, por exemplo, os cristãos, como um grupo apartado do resto da sociedade. É o que Barth nos lembra ao comentar o equívoco de transformar a sociedade em uma espécie de “arquipélago de ilhas”, onde cada grupo vive isolado e pode ser “engavetado” em suas características únicas e próprias. Este cuidado é fundamental ao pensarmos na obra de Tertuliano que iremos analisar, até porque estas representações discursivas

textuais agem justamente com o intuito de criar uma imagem idealizada acerca dos cristãos. Segundo Sena Pera, “O Cristianismo, ao atingir um determinado nível de hierarquização e coesão interna, passou a estigmatizar como anômicos aqueles grupos internos que não se conformavam plenamente a vertente episcopal dominante.” (SENA PERA, 2009, p. 17) Dessa forma, tanto ao descrever seu próprio grupo e principalmente ao descrever os outros grupos cristãos devemos levar em conta a intenção por trás do discurso de criar uma imagem de um “verdadeiro” cristianismo x “falsos” cristianismos a depender do posicionamento do autor que estamos analisando. Éric Rebillard nos recorda que parte de nossas evidências sobre o cristianismo antigo são textos escritos por clérigos, tais como Tertuliano, que visavam “construir uma identidade cristã como a de um grupo internamente homogêneo e externamente unido” (REBILLARD, 2012, p. 2). No âmbito da prática, Rebillard (2012, p. 3) nos aponta a noção de “pluralidade interna do indivíduo”, ou seja, é justamente aquela ideia já destacada por Barth de que os homens na sua individualidade apresentam “hábitos heterogêneos, esquemas ou disposições que podem ser contrárias ou contraditórias umas para com as outras”. Ou seja, é a noção de uma identidade múltipla onde na prática os indivíduos ativam identidades diferentes quando se encontram em situações e necessidades diferentes.

## 2.1 TERTULIANO: SUA VIDA, OBRA E CONTEXTO EM PERSPECTIVA

Para começarmos a falar sobre Tertuliano e a Cartago do final do segundo século devemos ressaltar a preocupação inicial do escritor que era, ao menos nos seus primeiros textos mais robustos, um cuidado com a relação entre os cristãos e os pagãos, ou seja, seus textos falavam sobre como ser um cristão piedoso em um mundo pagão. Rebillard nos aponta que isso pode não ter sido nada além de uma estratégia retórica de sua parte para trazer à tona uma questão que na prática não importava tanto assim para a maioria dos cristãos, pois a identidade cristã era apenas uma das várias identidades que compunham o tecido social dos próprios cristãos, ou seja, seria uma tentativa por parte de Tertuliano de estabelecer fronteiras para comportamentos cristãos no meio social e conciliar a vida social cristã no mundo pagão.

Como mencionado anteriormente, não há muitas fontes que tratam

especificamente da pessoa de Quintus Septimus Florens Tertullianus, uma das poucas e mais importantes menções sobre ele que sobreviveu ao tempo e chegou até nós foi feita por Jerônimo<sup>4</sup> em sua obra *De Viris Illustribus* (Sobre homens ilustres). Além das informações fornecidas por Jerônimo temos as informações que podemos inferir de suas próprias obras. Originário de Cartago, onde viveu a maior parte de sua vida, Tertuliano se converte ao cristianismo já adulto e depois, já próximo do final de sua vida, teria se aproximado do Montanismo<sup>5</sup>. É possível que tenha nascido por volta do ano 160 d.C. e morrido por volta do ano 220 d.C. Digo isto, pois não sabemos com precisão as datas exatas de seu nascimento e morte, no entanto devido à análise de sua obra, atualmente tem sido aceita esta periodicidade baseando-se no fato de que seus textos teriam sido escritos entre os reinados dos imperadores Septímio Severo (193 - 211 d.C.) e Caracala (211 - 217 d.C.) (REBILLARD, 2012, p. 9). Por ter sido criado como pagão, se convertido tardiamente e depois ainda ter supostamente se aproximado do movimento montanista, fato este muito mais fruto de especulação do que algo que de fato tenha ocorrido, Tertuliano teve sua imagem e suas obras, de certo modo, escanteadas pela igreja nos séculos posteriores justamente por ter sido criada esta imagem de que ele teria se transformado em um herege no final da vida. Podemos averiguar esta imagem criada sobre ele ao lermos Agostinho (354 – 430 d.C.), vejamos:

Os Tertulianistas derivam de Tertuliano, de quem se leem ainda hoje muitas obras eloquentes. Eles, mesmo diminuindo pouco a pouco até nosso tempo, puderam sobreviver em Cartago, até os últimos restantes. Depois de alguns anos em que fiquei na sede de Cartago – penso que recordas -, exauriram-se completamente. Os pouquíssimos que ficaram passaram a Igreja Católica e a ela entregaram a basílica ainda hoje bem conhecida (...) Tertuliano, portanto, não se tornou herético por esse motivo (isto é, pelas doutrinas da corporeidade da alma e de Deus, por ele admitidas), mas porque, passando aos Catafrígios (os montanistas), que, de resto, tinha antes confutado, começou a condenar como adultério as

---

<sup>4</sup> Um dos mais destacados Pais da Igreja antiga, escreveu uma profusão de obras e era reconhecido também por ser um historiador da Igreja antiga. Ficou muito conhecido por ter feito a *Vulgata Latina*, primeira tradução da Bíblia para uma língua vulgar, no caso o Latim, versão esta que é até hoje a versão oficial da Igreja Católica Apostólica Romana. Viveu entre a segunda metade do séc. IV e início do séc. V d.C.

<sup>5</sup> Montanismo foi um movimento cristão originário da Frígia liderado por um profeta chamado Montano que, na segunda metade do século II, se dizia possuído pelo espírito santo e proclamava a iminência do fim dos tempos. Foi um movimento marcado por um forte rigor ascético e pela espera escatológica. É provável que tenha chegado ao Norte da África já no início do século III. Encontramos traços de um pensamento montanista apenas a partir das últimas obras de Tertuliano. No meio teológico é um movimento entendido muito mais como um movimento cristão carismático do que como uma seita cristã distinta. (PODOLAK, 2010, p. 17)

segundas núpcias, indo contra a doutrina dos apóstolos. Depois, separando-se também deles, difundiu seus próprios grupos (**Sobre as heresias**. Capítulo 86. Apud: PODOLAK, 2010, p. 18).

O Bispo de Hipona escreve em finais do século IV e na primeira metade do século V, ou seja, quase dois séculos depois do tempo de Tertuliano. Agostinho nos apresenta uma visão sobre ele que parece influenciada pelas concepções do movimento que ele denomina “Tertulianistas”, vale ressaltar que historiadores especializados em Tertuliano não atribuem a ele nenhum tipo de cisma com a Igreja e muito menos a fundação de um novo grupo religioso em sua época. Tais fatos não parecem encontrar evidências na farta documentação cristã imediatamente posterior à vida do cartaginês. A maioria dos historiadores e teólogos tem compreendido esta citação de Agostinho sobre Tertuliano como uma referência do Bispo de Hipona aos Montanistas que ainda restavam no Norte da África de seu tempo (FERGUSON, 2009, p. 313). De qualquer forma, apesar da imagem de herege, posteriormente criada, o próprio Agostinho admite que, mesmo em seu tempo, Tertuliano ainda era muito lido e classifica de eloquentes suas obras, o que nos revela o poder de persuasão e influência do discurso dele no clero cristão ainda por volta de dois séculos após sua morte.

No entanto, deixando as polêmicas da igreja à parte, o fato é que Tertuliano foi um importante e influente Teólogo para a Igreja antiga. Suas obras forneceram contribuições fundamentais para o desenvolvimento teológico da Igreja ao longo dos séculos II d.C. e III d.C. De acordo com Podolak (2010, p. 11), Tertuliano “lançou as bases linguísticas, filosóficas e da reflexão teológica ocidental”. É considerado no meio teológico ainda hoje o mais importante autor cristão do ocidente anterior a Agostinho (PODOLAK, 2010, p. 11). Segundo Ferguson,

os argumentos doutrinários contra os marcionitas e os gnósticos solidificaram a posição ortodoxa de sua época. Suas interpretações sobre a Trindade e a natureza de Cristo contra a visão monarquista providenciaram argumentos e vocabulário para a forma como o pensamento teológico viria a se desenvolver na Igreja Ocidental ao longo dos próximos séculos. (FERGUSON, 2009, p. 319)

As obras de Tertuliano podem ser bem datadas devido à forma como ele, por vezes, descreve momentos históricos ou personalidades históricas específicas em seus textos. Seus primeiros tratados são datados do ano de 197 d.C., pois em suas três primeiras obras (*Apologeticum*, *Ad Martyras* e *Ad Nationes*)

ele menciona um conhecido caso de represália por parte do imperador Septímio Severo contra Clódio Albinus e seus seguidores que culminou na conhecida batalha de Lugduno no ano de 197 d.C.<sup>6</sup> De forma parecida, seus últimos trabalhos (dentre eles, *Sobre o Pudor*), os quais apresentam traços de ideias montanistas em sua concepção teológica, podem ser datados por volta de 220 d.C. Já a obra *Adversus Marcionem* (Contra Marcião), que é seu mais extenso texto, foi produzida segundo ele próprio durante os anos 207-208, pois ele mesmo menciona estar no décimo quinto ano do imperador Septímio Severo.

Tertuliano teria escrito por volta de trinta e sete obras no total, no entanto, apenas trinta e uma dessas obras chegaram até nós. A existência de outras obras é sabida, pois são citadas pelo próprio Tertuliano nos textos que chegaram à atualidade. A história da transmissão das obras de Tertuliano remonta a quatro coleções encontradas em lugares diferentes e mantidas até hoje. A menor destas coleções é o *Corpus Trecense* que foi descoberto em meio ao acervo da biblioteca de Troyes no ano de 1916 por Dom Wilmart. O *Codex Trecenses* número 523 contém apenas cinco tratados de Tertuliano (*Adversus Iudeos*, *De Carne Christi*, *De Carnis Resurrectione*, *De Baptismo*, *De Paenitentia*). Esta coleção conta com importantes notas marginais no texto que remontam a Vicente de Lérins por volta do ano 454 d.C. A segunda coleção é o *Corpus Masbureense* cuja origem é provavelmente anterior ao ano de 494 d.C., pois neste ano houve um decreto do Papa Gelásio que condenou todas as obras de Tertuliano. Portanto admite-se que sua origem seja anterior a este decreto. Esta coleção contém doze tratados de Tertuliano (*De oratione*, *De pudicitia*, *De ieiunio*, *Scorpiace*, *De idolatria*, *De spectaculis*, *De baptismo*, *De testimonio animae*, *De anima*, *De monogamia*, *De carnis resurrectione*, *De praescriptione haereticorum*). A terceira coleção ficou conhecida como *Corpus Agobardino*, pois pertencia ao Bispo Agobardo de Lião, por volta de 840 d.C. Esta coleção contém, por exemplo, as obras *Ad nationes*, *De corona*, *De cultu feminarum*, *Ad uxorem* e *De exhortatione castitatis*, apenas para mencionar obras que ainda não haviam sido mencionadas nas outras coleções. A última e mais completa coleção é a chamada *Corpus Cluniacense*, que se encontra na biblioteca municipal de Montpellier. Sua origem remonta à Espanha do século VI. Esta coleção conta com vinte e sete obras de Tertuliano, inclusive seus livros anti-

---

<sup>6</sup> Esta batalha foi o desfecho final de uma disputa pelo poder imperial em Roma na qual Septímio Severo lançou por terra as pretensões de Clódio Albinus de assumir o poder.

heréticos e, portanto, é aqui que se encontra sua obra mais extensa, o livro *Adversus Marcionem*. (LOPES, 2014, p. 210-211)

A grande quantidade e qualidade de seus escritos nos revelam um homem de boa formação educacional, provavelmente era de família que lhe permitiu se aprofundar nos estudos. Era conhecedor de Platão e dos escritores estoicos<sup>7</sup> que tiveram grande influência em sua concepção metafísica (FERGUSON, 2009, p. 313). Tinha ampla formação em retórica e sua forma de escrever lembrava a de um jurista. O seu aparente treinamento jurídico chegou a provocar uma dúvida quanto a sua identificação com a pessoa de um famoso jurista cartaginês contemporâneo de sua época, cujo nome também era Tertullianus. No entanto, atualmente a grande maioria dos pesquisadores que se debruçam sobre a vida de Tertuliano rejeitam esta ideia e dizem se tratar de pessoas diferentes. Este aparente treinamento jurídico que transparece em seu discurso tem sido compreendido como uma influência da própria cultura romana em sua formação cultural. Lembremos que a contribuição romana para a formação do Direito no Ocidente é perceptível até os dias atuais e outro ponto que pode explicar sua aparente formação no universo do Direito é a interpretação dada pela Igreja ao Antigo Testamento. O cristianismo se apropriou do Antigo Testamento e passou a interpretá-lo como um livro de leis para a Igreja, dessa forma seria quase natural o desenvolvimento de um vocabulário legalista ao tratar da interpretação destes textos sagrados. (FERGUSON, 2009, p. 320)

A fim de traçar uma descrição mais apurada sobre a pessoa de Tertuliano devemos, portanto, analisar a principal evidência sobre sua pessoa que nos legou o mundo antigo. Vejamos então o que diz Jerônimo<sup>8</sup> sobre ele:

Tertuliano o presbítero, agora lembrado como chefe dos escritores Latinos após Victor e Apollonius, era da cidade de Cartago na província da África, e era filho de um pro-cônsul ou um centurião, um homem de caráter vigoroso e perspicaz, ele floresceu principalmente no reinado do imperador Severus e Antoninus Caracalla e escreveu muitos volumes pelos quais nós passamos, pois são muito bem conhecidos pela maioria. Eu mesmo conheci um certo Paulo, um homem idoso de Concórdia, uma cidade da Itália, que, enquanto ele mesmo era um jovem homem, foi secretário do abençoado Cipriano que já estava em idade avançada. Ele dizia que ele mesmo via como

---

<sup>7</sup> Escola filosófica dos séculos III e IV a.C. cuja ideia central era o desprezo dos prazeres mundanos ou a indiferença quanto aos problemas da vida cotidiana, o ser humano era entendido como parte do cosmos logo a sabedoria acerca do cosmos era visto como o essencial da vida humana (SELLARS, 2006. P. 32.)

<sup>8</sup> Importante autor do Cristianismo do século IV d.C. cujas principais obras são o livro *De Viris Illustribus* e sua tradução da Bíblia para o latim, a Vulgata.

Cipriano era acostumado a nunca passar um dia sem ler Tertuliano, e que ele (Cipriano) frequentemente dizia para ele, 'me dê o Mestre', se referindo a Tertuliano. Ele foi presbítero da Igreja até a metade de sua vida, depois levado pela inveja e o abuso do clero da Igreja Romana, ele deslizou para a doutrina de Montanus, e menciona a nova profecia em vários de seus livros.

Ele escreveu, além disso, diretamente contra a igreja, os volumes: Sobre a modéstia, Sobre as perseguições, Sobre os banquetes, Sobre a monogamia, seis livros Sobre o Êxtase, e um sétimo que ele escreveu Contra Apollonius. Dizem que ele viveu até uma idade bem avançada, e teria composto várias pequenas obras, que não eram extensas. (**De Viris Illustribus**. Capítulo 53. Tradução do autor<sup>9</sup>)<sup>10</sup>

A identificação de Tertuliano como presbítero<sup>11</sup> é fato importante, pois é uma evidência que posiciona Tertuliano no alto escalão dos membros do clero da Igreja de Cartago. O próprio Tertuliano se refere a si mesmo como presbítero em algumas de suas obras como, por exemplo, neste trecho de *De Exhortatione Castitatis* onde ele comenta sobre a necessidade de os presbíteros da igreja terem um único casamento, vejamos: “Há um aviso no Levítico: Meus presbíteros não deverão ter múltiplos casamentos... Então, portanto, entre nós a prescrição é mais completa e mais cuidadosamente assentada, pois aquele que é escolhido para a ordem sacerdotal deve ser homem de um único casamento...” (**On Exhortation to Chastity**. Capítulo 7. Tradução do autor).<sup>12</sup> Além disso, Jerônimo menciona que na sua época Tertuliano era reconhecido como “chefe dos escritores latinos”, uma evidência de sua importância e de sua influência para a Teologia em desenvolvimento da Igreja. Ainda no mesmo sentido, Jerônimo menciona que Tertuliano havia escrito vários textos que eram muito bem conhecidos pela maioria

<sup>9</sup> A Tradução do autor será feita a partir da versão em língua inglesa dos textos.

<sup>10</sup> “Tertullian the presbyter, now regarded as chief of the Latin writers after Victor and Apollonius, was from the city of Carthage in the province of Africa, and was the son of a proconsul or Centurion, a man of keen and vigorous character, he flourished chiefly in the reign of the emperor Severus and Antoninus Caracalla and wrote many volumes which we pass by because they are well known to most. I myself have seen a certain Paul an old man of Concordia, a town of Italy, who, while he himself was a very young man had been secretary to the blessed Cyprian who was already advanced in age. He said that he himself had seen how Cyprian was accustomed never to pass a day without reading Tertullian, and that he frequently said to him, Give me the master, meaning by this, Tertullian. He was presbyter of the church until middle life, afterwards driven by the envy and abuse of the clergy of the Roman church, he lapsed to the doctrine of Montanus, and mentions the new prophecy in many of his books... He composed, moreover, directly against the church, volumes: On modesty, On persecution, On fasts, On monogamy, six books On ecstasy, and a seventh which he wrote Against Apollonius. He is said to have lived to a decrepit old age, and to have composed many small works, which are not extant.” (**De Viris Illustribus**. Chapter 53)

<sup>11</sup> O termo Presbítero tem origem no grego e a tradução mais comum seria a de Ancião.

<sup>12</sup> “There is a caution in Leviticus: “My priests shall not pluralize marriages.”... Thence, therefore, among us the prescript is more fully and more carefully laid down, that they who are chosen into the sacerdotal order must be men of one marriage.” (**On Exhortation to Chastity**. Chapter 7)

dos cristãos. Aqui é possível que ele esteja se referindo especificamente ao clero, o que, no entanto, não deixa de apontar a influência que as obras de Tertuliano exerciam na igreja como um todo neste período. Outro exemplo nesta mesma linha ocorre quando Jerônimo, a fim de destacar a importância de Tertuliano, conta uma história de que teria conhecido um homem que havia sido secretário do Bispo Cipriano de Cartago<sup>13</sup>, e que Cipriano lhe haveria confidenciado que lia muito as obras de Tertuliano, a ponto de referir-se a ele como “meu mestre” e não ficar um dia sequer sem lê-lo.

Devido ao papel de destaque ocupado por Tertuliano no clero da Igreja em Cartago é possível encontrarmos em textos contemporâneos sobre a sua pessoa a identificação de Tertuliano como Bispo<sup>14</sup> de Cartago. No entanto, como ressalta Rebillard, há questionamentos quanto à figura de um Bispo de Cartago anterior a Cipriano, existem algumas menções em outras fontes do período de personalidades anteriores sendo identificadas como Bispos, mas nada que possa ser afirmado com precisão.<sup>15</sup> É apenas a partir de Cipriano que se podem fazer tais afirmações sólidas. No entanto, por mais que a figura de um Bispo de Cartago ainda não existisse na época de Tertuliano, é importante notar que estamos tratando de um período no qual a Igreja se encontra no pleno desenvolvimento de suas instituições. Neste contexto, Tertuliano pode ser compreendido como um líder, um expoente dentro do clero de Cartago que ainda se encontrava em um estágio de desenvolvimento no qual, de forma gradual, a autoridade da Igreja concentrada em uma pessoa estava pouco a pouco se consolidando, algo que culminaria com o Bispado de Cipriano por volta de 250 d.C., apenas poucas décadas posterior a Tertuliano. Portanto, penso que podemos afirmar que, embora não fosse um Bispo, a influência dos textos de Tertuliano era grande sobre o clero de seu tempo e, como vimos através de Jerônimo, sobre o clero posterior a ele. Desta forma, podemos afirmar que seus textos influenciavam os discursos e pregações de seus pares que acabavam por atingir a toda a comunidade cristã no mundo romano, em especial na África do Norte.

No que diz respeito às alegações de sua conversão ao Montanismo

---

<sup>13</sup> Cipriano é considerado pela historiografia o primeiro Bispo de Cartago, Seu Bispado se deu apenas algumas décadas após a morte de Tertuliano, por volta do ano 250 d.C. Foi uma autoridade muito influente para o cristianismo do período de modo geral e especialmente para o cristianismo do Norte da África que, no seu tempo, passava por um período conturbado de perseguições.

<sup>14</sup> O termo Bispo vem do grego Epi-Skopos, cuja tradução mais comum seria a de superintendente.

<sup>15</sup> Para mais informações sobre estas menções, ver: REBILLARD (2012, p. 10).

em período próximo do final de sua vida, Rebillard nos aponta que atualmente já não se entende mais Tertuliano como um cristão cismático, pois a ideia de um cisma é vista como anacrônica. Ainda mais se levarmos em conta a questão das identidades múltiplas, ter simpatia por algum movimento cristão não implicaria necessariamente uma separação oficial. Este argumento ganha ainda mais força se levarmos em conta as relações ainda muito fluidas entre os cristãos e suas organizações neste período. (2012, p. 10)

## 2.2 A PROVÍNCIA AFRICANA NOS SÉCULOS II D.C. E III D.C.: O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E A LIDERANÇA DA METRÓPOLE CARTAGO NO NORTE DA AFRICA ROMANA

A África Romana pode ser considerada o berço do cristianismo ocidental. Ali surge e se propaga para todo o ocidente a literatura cristã latina. Tertuliano junto de Minucio Felix foram os primeiros escritores cristãos de que temos registro a usarem o latim e devido a isso, estes dois autores, principalmente Tertuliano, tem grandes contribuições para a linguagem latina do cristianismo. Pelo fato de ter de traduzir os textos gregos cristãos e explicá-los para uma audiência latina a fim de conseguirem se comunicar com seu público estes autores acabaram por ser responsáveis por boa parte da linguagem cristã latina. Segundo Ferguson (2009, p. 313), “Palavras como Trindade, substância, pessoa, sacramento, mérito e etc., receberam posteriormente seus significados devido ao uso dado por ele”. Embora o cristianismo tenha chegado tardiamente ao Norte da África, a contribuição e influência de tal região foram imensos para o cristianismo antigo. É provável que a chegada do cristianismo ao Norte da África tenha se dado através de mercadores. Vale ressaltar que Cartago era uma cidade muito importante economicamente para o império romano, como veremos mais adiante. Desde muito cedo Cartago era um importante entreposto comercial, estrategicamente localizado às margens do mar Mediterrâneo, fazendo a ponte comercial entre a Europa, o Oriente e a África. Era uma cidade pujante que reverberava a produção comercial, intelectual e cultural que havia em Roma. (LOPES, 2014, p. 173-174)

Para podermos analisar a comunidade cristã de Cartago será necessário compreendermos melhor qual a situação social e econômica da província Africana e especificamente de Cartago na segunda metade do século II d.C. e início

do século III d.C. Desta forma, ao analisarmos esta comunidade cristã sob o ponto de vista econômico, de quais círculos da esfera social local faziam parte os membros desta Igreja? De onde o cristianismo conquistava seus membros? Entre os mais pobres, os escravos talvez, ou seria ainda entre os trabalhadores médios urbanos que se encontrava a maioria dos fiéis? Ou entre os mais ricos?

Para começarmos a responder a esta pergunta precisamos lembrar que Cartago era a principal cidade de uma rica e importante província do império romano. Esta cidade era o centro político e econômico da província. Embora o período entre os séculos II d.C. e III d.C. possa ser usualmente considerado como um momento de crise do principado romano, a situação na África do Norte é distinta daquilo que se observa na Europa. A África do Norte apresenta um crescimento único nesta época. A economia desta região, desde há muito tempo, prosperava através de uma intensa e lucrativa atividade agrícola baseada nas grandes propriedades de terra. Portanto, à medida que o ocidente Europeu experimentava um gradual agravamento da crise ao longo deste período - fruto das invasões de povos fronteiriços, das guerras e das pestes que acometeram o império -, a África do Norte, que se encontrava afastada de tais problemas, teve nessa crise uma oportunidade de desenvolvimento econômico. Os problemas na Europa ocasionaram uma queda na atividade produtiva em seu território, no entanto, a demanda de consumo aumentava. É neste contexto que o Norte da África surge como um potencial mercado exportador para suprir a demanda europeia e, além da produção agrícola, havia uma necessidade de incrementar sua produção de bens primários para suprir o encolhimento da produção europeia. (FILORAMO; RODA, 1997, p. 51-52) Segundo Filoramo e Roda (1997, p. 53), “a crise permitiu à África Ocidental assumir papel econômico, e depois também político, primário no conjunto do império; esse papel se traduziu *in loco* num excepcional desenvolvimento econômico, social e demográfico”. Fontes arqueológicas corroboram esta ideia ao nos mostrar uma intensa atividade construtora e de expansão urbana em Cartago neste período. Escavações em sítios arqueológicos da região têm apresentado sinais de alargamento das fronteiras da cidade e a construção de novos prédios públicos ao longo deste período. Este desenvolvimento econômico acabou gerando em Cartago, a capital desta província, um intenso desenvolvimento social. (FILORAMO; RODA, 1997, p. 53)

Cartago neste período era uma cidade que possuía uma estrutura

social bem definida. Uma elite rica, trabalhadores médios urbanos (comerciantes, artesãos e etc.), os mais pobres e escravos. Dessa forma, funcionava como uma metrópole política e integradora de toda a província Africana. Assim, de acordo com o próprio Tertuliano, o cristianismo encontrou terreno fértil para seu desenvolvimento em Cartago. A quantidade de cristãos em Cartago na época de Tertuliano é algo que não podemos afirmar com precisão, no entanto, podemos inferir algumas conclusões a partir de alguns dados demográficos. Historiadores estimam atualmente a população cartaginesa no ano de 200 d.C. em cerca de 70.000 pessoas. Neste período estima-se que 3% da população de todo o império fosse cristã. Ou seja, se levarmos em conta a média geral do império e a aplicarmos ao caso cartaginês podemos imaginar que a população cristã em Cartago fosse de algo em torno de 2.500 cristãos nesse período. Evidentemente este número é apenas uma suposição baseada em algumas estimativas. No entanto, este cálculo nos ajuda a perceber o tamanho da presença de cristãos em Cartago nesta época. (REBILLARD, 2012, p. 10)

O desenvolvimento econômico e social do Norte da África pode ser observado desde princípios do século I d.C. e ao longo do século II d.C. como fruto da política imperial romana de assentamentos nas regiões conquistadas pelo império. Após as guerras púnicas e a destruição do antigo império cartaginês, as políticas imperiais romanas passaram a ver em Cartago e no Norte da África um território fundamental para suas pretensões imperialistas. Dessa forma era necessário controlar o território e fomentar seu desenvolvimento.

A principal política romana neste sentido era os assentamentos, ou seja, a romanização desta região propiciou o surgimento de grandes latifúndios voltados para a produção agrícola e, junto ao crescimento econômico alavancado pela produção agrícola, veio o desenvolvimento urbano. Outro fator de desenvolvimento da região foi a exploração de recursos minerais ali muito abundantes. A literatura greco-romana nos apresenta ao menos dois grandes exemplos que nos evidenciam a riqueza da região Norte da África. Em *Satyricon*, texto do final do século I d.C. do gênero novela romana, o autor Petrônio nos apresenta a figura de um rico latifundiário que aparece na cidade de Crotona. A origem fictícia deste personagem é africana, o que nos mostra como os romanos viam os africanos, qual era a imagem construída sobre eles, a de homens ricos, grandes proprietários de terras. Um segundo exemplo nos é apresentado por

Filoramo e Roda quando estes divulgam os trabalhos arqueológicos nos sítios da antiga região de Bagradas, uma das principais regiões da agricultura norte-africana. São uma série de inscrições que detalham a quantidade e opulência dos latifúndios desta região. A visível ostentação demonstrada nesses locais nos mostra que a imagem construída fora da África do Norte sobre os africanos, embora uma construção, talvez não fosse tão distante da realidade. (1997, p. 58)

O crescimento das cidades do Norte da África entre os séculos II d.C. e III d.C. se deve, em grande medida, pelo êxodo rural e o crescimento populacional experimentado neste período pela população africana devido às favoráveis condições socioeconômicas do período. Ou seja, a riqueza sob o ponto de vista econômico teve como consequência propiciar as condições necessárias para que houvesse um crescimento populacional na região durante este período. O aumento da população citadina pode ser facilmente observado através das análises arqueológicas do período. Percebe-se nitidamente a expansão dos limites das cidades neste período, bem como a construção de novos espaços de convivência públicos cada vez maiores, tais como teatros e circos impulsionados pelo crescimento da população e pelo processo de romanização da região. (FILORAMO; RODA, 1997, p. 63-64)

Ao mesmo tempo é igualmente perceptível a liderança exercida por Cartago sobre a totalidade da província africana. A obra de Tertuliano é também evidência do poder, da liderança e da riqueza cartaginesa na África romana dos séculos II d.C. e início do III d.C. Em *Pallio* ele menciona a soberania dos cartagineses e a opulência dos tempos em que vivia para criticar o julgamento comumente feito pelos cartagineses a respeito das vestimentas daqueles que não se adequavam ao padrão cartaginês, vejamos:

Homens de Cartago, príncipes desde sempre da África, enobrecidos pelas memórias antigas, abençoados pelas felicidades modernas, eu alegro-me que o tempo é de tamanha prosperidade para vocês que vocês têm tempo livre para desperdiçar e prazer em encontrar uma forma de criticar uma vestimenta. Estes são 'os tempos de paz e abundância'. Chovem sobre vocês bênçãos do império e dos céus. (**On the Pallium**. Capítulo 1. Tradução do autor)<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup>“Men of Carthage, ever princes of Africa, ennobled by ancient memories, blest with modern felicities, I rejoice that times are so prosperous with you that you have leisure to spend and pleasure to find in criticising dress. These are the "piping times of peace" and plenty. Blessings rain from the empire and from the sky.” (**On the Pallium**. Chapter 1)

Tertuliano claramente demonstra que a percepção em seu tempo era a de que se vivia em tempos de riqueza e abundância, um período de prosperidade econômica e dá a entender que, na falta de problemas maiores, pequenas frivolidades cotidianas se tornavam questões relevantes, mas que na sua opinião eram discussões fúteis. Em *De Anima*, ao escrever sobre a origem da alma, ele menciona claramente o visível crescimento populacional de sua época que, segundo ele, era fruto da abundância de seu tempo, vejamos:

Certamente é suficientemente óbvio, que se uma pessoa observar todo o mundo está se tornando cada dia mais cultivado e mais povoado que antigamente. Todos os lugares são agora acessíveis, todos são bem conhecidos, todos são abertos para o comércio; as mais adoráveis fazendas obliteraram todos os traços do que um dia foram perigosos e tristes desperdícios, os campos cultivados subjulgaram as florestas, os rebanhos expulsaram as feras selvagens, desertos de areia foram semeados, planta-se inclusive em locais pedregosos, pântanos foram drenados, e onde antes haviam pequenos e solitários chalés hoje existem grandes cidades. (**The soul's testimony**. Capítulo 30. Tradução do autor)<sup>17</sup>

A visível expansão agrícola que suprimia até os desertos e as florestas tinha por consequência o crescimento populacional que tornava o mundo “mais povoado que antigamente” e o desenvolvimento das cidades e de suas redes comerciais. Portanto, a sociedade africana da segunda metade do século II d.C. e primeira metade do século III d.C. pode ser entendida como múltipla e plural. Apesar de ser uma sociedade de economia avançada, como já vimos, possuía um espectro social bastante amplo e repleto de realidades diferentes coexistindo. A propagação do cristianismo atingiu todos estes estratos sociais. A obra de Tertuliano nos permite dizer que o desenvolvimento do cristianismo no Norte da África romana se deu como um fenômeno urbano de massas, ou seja, foi nas cidades e em toda sua complexidade social que o cristianismo encontrou terreno fértil para sua propagação. Em *Apologeticum* Tertuliano descreve sua percepção sobre o tamanho da propagação dos cristãos em seu tempo, vejamos o trecho a seguir:

---

<sup>17</sup>“Surely it is obvious enough, if one looks at the whole world, that it is becoming daily better cultivated and more fully peopled than anciently. All places are now accessible, all are well known, all open to commerce; most pleasant farms have obliterated all traces of what were once dreary and dangerous wastes; cultivated fields have subdued forests; flocks and herds have expelled wild beasts; sandy deserts are sown; rocks are planted; marshes are drained; and where once were hardly solitary cottages, there are now large cities.” (**The soul's testimony**. Chapter 30)

Nós chegamos recentemente, e já estamos presentes entre vocês em todos os lugares – cidades, ilhas, fortalezas, vilas, mercados, o próprio campo, tribos, companhias militares, os palácios, o senado, o fórum – Nós não lhes deixamos nada além dos templos de seus deuses. (**The apology**. Capítulo 37. Tradução do autor)<sup>18</sup>

A presença de cristãos nos círculos mais abastados da sociedade cartaginesa é atestada pelo testemunho do próprio Tertuliano. Em sua obra *De Idolatria* ele comenta sobre mulheres que são claramente descritas como ricas por exemplo, e fazem parte da comunidade cristã à qual ele pertence. Há, inclusive, menções a membros da elite política da cidade. No que diz respeito aos trabalhadores urbanos, a presença de cristãos é altamente documentada nas obras de Tertuliano. Como veremos mais à frente, ele relata em vários de seus tratados sobre os mais variados temas, questões envolvendo a presença de cristãos em trabalhos que podem ser considerados questionáveis de acordo com sua moral cristã. Como, por exemplo, uma passagem na qual ele questiona um oleiro que trabalha construindo imagens de divindades ligadas ao paganismo ou outro texto no qual ele questiona um comerciante que vendia incenso e artefatos ligados às práticas de rituais pagãos, por exemplo. Assim, a obra de Tertuliano nos mostra que boa parte dos membros de sua comunidade era composta por pequenos comerciantes urbanos. (FILORAMO; RODA, 1997, p. 54)

Entre os mais pobres os cristãos também estavam presentes. A obra de Tertuliano também nos apresenta escravos e principalmente as viúvas como membros da comunidade cristã. Vale ressaltar que ser viúva no mundo greco-romano antigo era estar em uma situação social muito delicada. De modo geral, as mulheres se encontravam desamparadas após a morte de seus maridos, pois estes eram os responsáveis pelo seu sustento e, não em raras ocasiões, era comum que as viúvas se tornassem verdadeiras mendicantes pelas ruas das cidades antigas. Não é sem propósito que a moral cristã pregava a caridade para com as viúvas e os mais pobres como um dos pontos altos do “ser cristão”. Tanto este pensamento é inovador no seu contexto que, como veremos logo mais adiante, o envolvimento dos cristãos com os mais pobres servia de fator identificador dos membros da comunidade cristã para o restante da comunidade não cristã (REBILLARD, 2012, p.

---

<sup>18</sup>“We are but of yesterday, and we have filled every place among you - cities, islands, fortresses, towns, market-places, the very camp, tribes, companies, palace, senate, forum - we have left nothing to you but the temples of your gods.” (**The apology**. Chapter 37)

15-16). Assim, podemos concluir que o movimento cristão foi, em grande medida, um movimento amplo, de largo alcance e de profunda penetração na sociedade cartaginesa antiga.

### 2.3 O CRISTIANISMO E SEU DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL NA PROVÍNCIA DA ÁFRICA ROMANA NOS SÉCULOS II D.C. E III D.C.

Compreender o início do movimento de Jesus Cristo é uma tarefa árdua e complexa que nos leva diretamente a questão da formação do Estado Judaico após o domínio de Alexandre da Macedônia (356 – 323 d.C.). O intermitente conflito entre os invasores helênicos e as autoridades judaicas moldaram as condições político-sociais que culminaram no aparecimento de diversos movimentos judaicos entre os séculos I a.C. e I d.C., tais como o movimento de Jesus. Os problemas começam quando Antíoco IV, rei da dinastia Selêucida entre 175-164 a.C., governante da Judeia, decide leiloar o cargo de sumo sacerdote entre judeus partidários de uma visão helenística do judaísmo. Por consequência a Judéia atravessou um período de Helenização que gerou forte reação por parte de setores mais tradicionalistas da sociedade. O ponto alto desta resistência foi a revolta do Macabeus que acabou pressionando os governantes Selêucidas a concederem certa autonomia aos Judeus, o que consequentemente levou a um breve período de interrupção do processo de helenização da Judeia. Este breve período de autonomia chega ao fim com a intervenção romana no ano de 63 a.C. (SELVATICI, 2012, p. 134)

O governo romano delega a autoridade da Palestina a Herodes (37 a.C. - 4 a.C.), recém proclamado Rei. Devido a sua origem Iduméia e sua forte predileção pela cultura e os costumes helênicos, a velha questão helenismo x tradicionalismo estava posta novamente. Apesar de seus esforços para agradar os judeus através do financiamento de grandes obras, por exemplo a reforma do templo de Jerusalém e outros grandes projetos de apoio a comunidades judaicas da diáspora, seus esforços não foram suficientes para mitigar sua forte relação com Roma e a cultura helênica. A partir daí novamente se iniciam os conflitos envolvendo partidários do processo de helenização e conservadores tradicionalistas que não viam este processo com bons olhos. É nesse contexto de disputa que diversos

grupos começam a aparecer no judaísmo. (SELVATICI, 2012, p. 137-144)

As principais correntes judaicas eram os essênios, os samaritanos, os saduceus e os fariseus. Os samaritanos são o antigo povo da região da Samaria ao norte da Judeia que, desde há muito tempo, prestavam seu culto sagrado no monte Gazirim e, na maioria das vezes, nem sequer eram considerados judeus, pelos habitantes da Judéia. Os essênios formavam uma comunidade judaica conservadora que acreditava que o templo estava contaminado e, portanto, viviam de certo modo isolados do restante da comunidade judaica praticando rituais de purificação. Os saduceus eram os membros da elite política e econômica da Judeia que controlavam o sacerdócio e conseqüentemente o templo. E, por último, outro grupo muito importante para entendermos o movimento de Jesus são os fariseus. Estes eram uma espécie de contraponto muito mencionado pelos seguidores de Jesus em seus textos mais antigos. Eram vistos como legalistas muito conservadores e tradicionalistas que pregavam um forte apego à letra da Lei e dos textos sagrados. Assim, dadas as circunstâncias do contexto político-social da época eles tinham grande representatividade em grande parte da população.

Tentar reconstruir o movimento do Jesus histórico é uma tarefa complicada e cheia de desafios, mas não é impossível. De acordo com a tradição cristã, Jesus seria um humilde carpinteiro do interior da Judeia que, aos 30 anos aproximadamente, iniciou um movimento de pregação que carregava multidões por onde passava e também muitos inimigos, devido a suas fortes críticas dirigidas contra dois dos principais grupos judaicos daquele momento, os saduceus e os fariseus. Segundo Sena Pera, é consenso hoje na historiografia que algumas informações possam ser levadas como verdadeiras a seu respeito. Tais como sua profissão, sua filiação, suas atividades públicas e sua condenação e morte. No entanto, o que mais nos interessa é a sua mensagem, seu profundo alcance e o impacto que ela teve em seus seguidores a ponto de lhes provocar uma intensa vontade de espalhá-la por todo o mundo e para todos. Segundo Selvatici, “A devoção a Cristo teve um crescimento rápido e notável em razão das fortes experiências religiosas dos fiéis, sua crença nos milagres operados por Jesus, o que conferiria a ele um status divino, mais especificamente, o título de Filho de Deus” (SELVATICI, 2015, p. 51). Sua pregação profética e a forte convicção de seus seguidores em sua proclamação messiânica representaram uma quebra de paradigma no Judaísmo tradicional que conquistou muito rapidamente vários

adeptos ao longo das diversas comunidades judaicas da diáspora. E é a partir daí, no contato com outros povos e crenças religiosas que o cristianismo se desenvolve e adquire suas principais características, que são o proselitismo atuante e o universalismo, que lhe permitem desenvolver a ponto de, em poucos séculos, conquistar o mundo romano (SENA PERA, 2009, p. 17-26).

No princípio o surgimento do cristianismo não significou nada de especial ou estranho sob o ponto de vista das autoridades romanas. Era visto como mais um movimento nascido dentro do já dividido judaísmo e que por um bom tempo teve sua identidade muito ligada a ele. Ao menos no primeiro século as fronteiras entre a identidade judaica e a identidade cristã não estavam estabelecidas e, especialmente fora da Judéia, foram muito tênues por várias décadas. Era comum ver cristãos frequentando sinagogas e o uso das escrituras judaicas, por exemplo, se tornou usual muito rapidamente nas comunidades cristãs. Apenas após as guerras judaicas contra Roma, a destruição do Templo e as posteriores revoltas judaicas é que as fronteiras entre cristãos e judeus começaram a tomar forma especialmente na Judeia, ao menos no que diz respeito ao discurso das lideranças destes grupos. Este processo ainda levaria mais tempo para se desenvolver na diáspora.

Esta proximidade entre as duas religiões serviu para o cristianismo passar despercebido pelas autoridades romanas no princípio, pois o judaísmo desde o tempo do general Julio César era visto como uma espécie de “*Religio Licita*”,<sup>19</sup> nas palavras de Gilvan Ventura da Silva. Ou seja, os judeus gozavam de certo apoio e simpatia por parte das autoridades romanas e por isso desfrutavam de alguns benefícios raramente concedidos a outros povos e o cristianismo, que no princípio era visto como um movimento judaico, acabou se beneficiando deste tratamento diferenciado. No entanto, diferentemente da visão das autoridades romanas, escritores pagãos evidenciam que a população pagã não fazia um bom juízo nem do judaísmo e menos ainda do cristianismo. O judaísmo provocava desconfiança pelas guerras e revoltas que ocasionava e pela condição especial com a qual era tratado, mas o cristianismo passou a ser muito mal visto, pois era entendido como um movimento supersticioso. Se existe algo que se tornava incomodo aos olhos romanos é a superstição. Nas palavras de Gilvan Ventura da Silva:

---

<sup>19</sup>É importante salientar que o termo *religio licita* não aparece na documentação romana. O único autor a fazer uso da expressão é o próprio Tertuliano em sua Apologia. Paula Fredriksen (2007), por este motivo, refuta a ideia de que os romanos conferissem estatuto jurídico a práticas religiosas na medida em que não há registro de leis romanas que tornem uma religião ilegal juridicamente.

Um dos mais importantes escritores romanos do alto império, por exemplo, considerava o cristianismo um flagelo pernicioso oriundo da Judéia em torno do qual se reuniam indivíduos que nutriam ódio pelo gênero humano, o que bem podia significar uma acusação de magia, razão pela qual o cristianismo representou, desde cedo, uma superstição (*superstitio*) ameaçadora para a segurança do Estado. (2006, p. 243)

Dessa forma o cristianismo tinha uma imagem ruim na mentalidade pagã, fruto da interpretação da fé cristã por parte dos pagãos. A fé cristã representava uma novidade no contexto do império romano e o culto de um contraventor condenado não era bem visto aos olhos pagãos, nem a atribuição de poderes extraordinários a essa pessoa e muito menos a invocação dele, um morto, nos cultos. Isso era interpretado como magia e até necromancia.

No que diz respeito às origens e propagação do cristianismo, em seu princípio o movimento de Jesus pode até ter nascido na zona rural da Palestina, entretanto, logo se deu sua propagação para as zonas urbanas se tornando ainda no primeiro século um movimento baseado nas cidades do mundo antigo. Logo, através dos apóstolos e missionários se propagou para uma bem constituída rede social espalhada pelo mundo greco-romano. As cidades romanas foram desde o início do período imperial objeto de fomento desenvolvimentista por parte das políticas imperiais, fato este que acabou por gerar uma rede de estruturas políticas, econômicas e de oportunidades que eram o centro da vida social no mundo romano. As rotas comerciais e as consequentes viagens de negócios propiciaram um ambiente fértil de mobilidade e oportunidades para o surgimento e a difusão de uma variada gama de grupos religiosos por todo o Império Romano. (WORTHAM, 2016, p. 573)

Pesquisadores apontados por Wortham<sup>20</sup> defendem que o sucesso da rápida propagação do cristianismo no mundo greco-romano está relacionado à correlação de três fatores. O fato de que a economia religiosa romana era desregulada, ou seja, não havia um controle formal por parte do estado romano quanto às práticas religiosas exercidas ao logo do império, o pluralismo religioso característico de um vasto império que comportava uma enorme quantidade de nações e culturas diferentes. E o terceiro fato seria o alto grau de envolvimento

---

<sup>20</sup> STARK; FINKE (2002).

religioso experimentado no império neste período. Portanto a correlação destas três circunstâncias é o que teria propiciado o rápido crescimento do cristianismo na medida em que, segundo Wortham, “a religião era entendida como provedora de positivos benefícios pessoais a seus seguidores” (2016, p. 579). Assim, devido à desregulamentação do mercado religioso romano que não sofria coerção por parte do Estado é possível observar o surgimento e o rápido crescimento de várias formas religiosas por todo o império, especialmente os cultos de mistério que floresciam neste período, como o culto de Ísis, de Serápis, de Mitra e etc... que mantinham certas similaridades com o cristianismo. E gozavam, de certo modo todos eles, de tolerância em um primeiro momento no império, pois não representavam uma ameaça direta à autoridade romana. Dessa forma o cristianismo se desenvolveu mais rapidamente nas cidades onde já se encontrava um alto nível de pluralismo religioso de características similares às suas.

No entanto, devido à rápida expansão do cristianismo que logo no século II d.C. já havia alcançado quase toda a extensão da bacia do mediterrâneo, as diversas comunidades cristãs separadas por longas distâncias ainda não possuíam “um conjunto de regras sistematizadas nem um livro próprio” (SOARES, 2013a, p.39). Cada comunidade era liderada e dirigida por uma liderança local que exercia sua própria interpretação a respeito da conduta e dos ensinamentos de Cristo e dos apóstolos. Logo, vários cristianismos se estabeleceram ao longo do império. Devido a esta grande diversificação do pensamento cristão as comunidades cristãs acabaram por se desenvolver com características próprias. Portanto, a constituição de uma Igreja Cristã só ocorreu devido a muitos conflitos e negociações decorrentes de crises internas no âmbito teológico inerentes a essas comunidades e também como consequência de questionamentos externos que acabaram por levar ao desenvolvimento do aparato teológico cristão ao longo dos séculos seguintes através da literatura eclesiástica.

O modelo tripartido de administração adotado pela igreja, quando esta já se encontrava consolidada no império, a partir do início do século IV d.C., segue o modelo administrativo imperial onde os territórios eram divididos em governos locais, regionais e diocesanos. Este modelo, no entanto, tem uma história de desenvolvimento até se consolidar que varia muito de acordo com a localidade no império. No caso específico do Norte da África, mais especificamente em Cartago, este modelo teve um desenvolvimento complexo. Como mencionado anteriormente,

a figura de um bispo (um bispo tal qual os pressupostos deste modelo) só pode ser precisamente averiguada em Cartago a partir do Bispado de Cipriano, por volta de 250 d.C. No entanto, a fim de compreendermos melhor qual a autoridade e o papel de Tertuliano, que teria sido presbítero em Cartago algumas décadas antes de Cipriano, precisaremos analisar melhor este processo de consolidação de uma autoridade episcopal na cidade, na medida em que Tertuliano faz parte de tal processo.

De modo geral no cristianismo, a partir do desaparecimento gradual da figura dos apóstolos a autoridade foi, pouco a pouco, sendo transferida para os bispos e presbíteros que eram eleitos pela comunidade. É importante notar que, segundo Silva e Soares, “A historiografia atual, todavia, conclui que apesar das divergências entre os autores paleo-cristãos, na segunda metade do século II os termos “Bispo” e “Presbítero” eram equivalentes, exprimindo duas maneiras distintas de se aludir à mesma função” (SILVA; SOARES, 2012, p. 1). Pesquisadores tais como Ubiña salientam que o episcopado monárquico se impôs e se estabeleceu desde meados do século II d.C. ao longo da era imperial romana e a literatura cristã, inclusive Tertuliano, demonstra com fartura os alicerces deste poder que estavam assentados em sua origem divina. (apud 2013b, p. 9)

Deste modo, procuro compreender melhor quais elementos possibilitaram a gradual consolidação das autoridades do clero a partir da segunda metade do século II em diante. Os textos de clérigos dos séculos II e III expressam a origem do poder dos bispos como sendo algo divino, ou seja, o bispo era visto como alguém designado por Deus para ocupar esta função e, portanto, possuía não apenas plena autoridade para pastorear seus fiéis, mas também tinha obrigação de vigiar sobre suas ovelhas. Assim o episcopado de caráter monárquico foi gradualmente se consolidando em todo o mundo romano a partir do século II na medida em que havia uma concentração de poderes e funções cada vez maior nas mãos de cada vez menos pessoas, até chegarmos à figura de uma única pessoa, o Bispo (SILVA; SOARES, 2012, p. 2). Assim como diz Soares, “o Bispo é livre para administrar sua congregação como lhe apraz, devendo dar conta dos seus atos somente a Deus” (SOARES, 2013b, p. 10). Portanto, todos os setores da vida de um cristão estavam sujeitos à autoridade episcopal, tanto as questões de âmbito pessoal quanto as de âmbito familiar e social. Estas figuras foram consolidando sua autoridade perante a comunidade cristã à medida que o cristianismo se desenvolvia

em uma pluralidade de movimentos por todo o império, fato este que ameaçava a integridade da Igreja. Desse modo, os líderes da comunidade assim como Tertuliano se colocavam à frente da comunidade para que através de seus discursos pudessem contribuir pela manutenção da integralidade da Igreja, tanto no âmbito doutrinal quanto nas questões disciplinares. Agindo desta forma ao exercer liderança estas figuras passavam a gradualmente conquistar sua autoridade perante a comunidade cristã.

É neste processo que se insere Tertuliano: se não podemos afirmar que Tertuliano foi um bispo, pois de fato não o foi, o presbítero Tertuliano está inserido em um contexto de gradual consolidação da autoridade destes líderes que, no caso de Cartago, culminaria com o bispado de Cipriano apenas aproximadamente três décadas depois de Tertuliano, por volta do ano 250 d.C. Munier nos mostra que a autoridade dos bispos “se afirma na Igreja principalmente de três maneiras: 1) Com a formulação das Leis, 2) com o exercício da Justiça e 3) com a punição dos erros” (Apud SILVA; SOARES, 2012, p. 3). Portanto, a obra de Tertuliano e sua atuação como presbítero expressam, ao menos no nível do discurso, que sua intenção era a de buscar abranger a todos estes pontos. Através de seus textos sobre doutrina a ideia era a de contribuir para a formação e a defesa de um escopo de doutrinas e regras que seriam o fundamento ideológico do cristianismo. Em seus tratados a respeito das práticas cotidianas dos fiéis, Tertuliano buscava coibir e disciplinar o comportamento e o relacionamento de sua comunidade cristã em relação à sociedade como um todo. No entanto, sua influência ainda não se estendia muito para além do discurso. Na prática, como já vimos brevemente, Tertuliano ainda não gozava do poder que, por exemplo, Cipriano alcançaria algumas décadas depois. O bispo Cipriano, com uma autoridade mais consolidada, centralizava em sua pessoa a autoridade da Igreja em Cartago e exercia o poder de fato ao julgar e punir a comunidade cristã.

Como vimos, Tertuliano se encontrava em seu tempo em um momento específico do desenvolvimento do poder eclesiástico em Cartago, onde sua liderança e autoridade se dava muito mais no discurso do que na prática. Não obstante, é preciso destacar que o reconhecimento do lugar ocupado por Tertuliano no clero de sua época não torna menor sua influência sobre o clero ao qual pertencia. Sua influência sobre o clero, como já demonstrada, era grande e, dessa forma, a obra de Tertuliano foi muito lida e reverberada por seus colegas em seus

discursos e pregações, atingindo a toda a comunidade cristã, especialmente na província africana. Basta recuperarmos a fala de Jerônimo ao recordar que Cipriano via Tertuliano como seu ‘mestre’, por exemplo. Segundo Silva e Soares, “a obra de Tertuliano gozou de ampla difusão em meios cristãos, como comprova o fato de ter sido conservada em sua totalidade. Entre seus leitores mais assíduos se encontrava Cipriano, que foi bastante influenciado pelo pensamento de Tertuliano” (SILVA; SOARES, 2012, p. 3).

#### 2.4 SER CRISTÃO EM CARTAGO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO II D.C. E INÍCIO DO SÉCULO III D.C.: UMA ANÁLISE DA COMUNIDADE CRISTÃ DE TERTULIANO

Ser cristão para Tertuliano significava abraçar e aceitar a fé em Cristo. Para ele uma pessoa era cristã a partir do momento em que aceitava ser instruída na fé, ou seja, até mesmo os catecúmenos<sup>21</sup> já eram considerados por ele como legítimos cristãos. Neste trecho de *De Corona Militis* ele aponta quem faz parte do grupo dos fiéis, vejamos: “Eu afirmo que nenhum dos fiéis terá uma coroa sobre sua cabeça, exceto na hora do julgamento. Será assim para todos, dos catecúmenos aos confessores, dos confessores aos mártires, ou (se este for o caso) os negadores” (**De Corona Militis**. Capítulo 2. Tradução do autor).<sup>22</sup> Por mais que ainda não fossem batizados, mas por já estarem em preparação para o batismo, Tertuliano os considerava e os contava entre os cristãos. Inclusive, é interessante notar que muitos dos tratados de Tertuliano são direcionados exatamente a estas pessoas. Podemos afirmar isto pois são textos que tratam de questões como, ‘qual o melhor momento para se batizar?’, ou seja, eram textos para cristãos que ainda não eram batizados. Desta forma, podemos concluir que a associação ao grupo dos cristãos começa, para Tertuliano, antes mesmo do batismo, no entanto, não é claro se haveria um ritual de entrada para os catecúmenos comparável ao batismo, por exemplo. Rebillard aponta que é possível que houvesse, sim, algum ritual, mas que variasse de organização para organização.

<sup>21</sup> Os catecúmenos, termo originário do grego ‘ensinar’, na igreja antiga são aqueles que ainda não haviam sido batizados, mas estavam em um processo de aprendizado e preparação para o batismo, ou seja, eram aqueles que estavam sendo ensinados nas doutrinas da fé cristã.

<sup>22</sup> “I affirm that not one of the Faithful has ever a crown upon his head, except at a time of trial. That is the case with all, from catechumens to confessors and martyrs, or (as the case may be) deniers.” (**De Corona milites**. Capítulo 2.)

No que diz respeito à manutenção desta associação como cristão, podemos dizer que não se tratava de uma questão que despertasse tanto interesse de Tertuliano. Na verdade há apenas uma breve menção na obra *Ad Uxorem* (Para sua esposa) a certos deveres que um cristão deveria seguir. Nesta obra, ao falar sobre os deveres do marido e da esposa, Tertuliano menciona obrigações comuns a todos os cristãos que deveriam ser colocadas em prioridade na vida do casal para a “satisfação do Senhor”, mas nada que prejudicasse, caso não fosse seguida, a associação do indivíduo ao cristianismo (REBILLARD, 2012, p. 11). Vejamos algumas dessas obrigações:

Mas deixemos que ela veja como ela desempenhará suas obrigações para com seu marido. Ao Senhor, em todas as ocasiões, ela é incapaz de satisfazer de acordo com os requisitos da disciplina; tendo a seu lado um servo do demônio, um agente de seu senhor que atrapalha a busca pelas obrigações dos crentes: Então ... se há banquetes para serem observados, o marido no mesmo dia deve oferecer um banquete amigável; se uma visita de caridade deve ser feita, nunca um problema de família é mais urgente. Por quem sofreria sua esposa, pela causa de visitar os irmãos, de ir de rua em rua até outras pessoas, e de fato a todos os pobres, os vilarejos? Quem irá desejosamente suportar que ele seja tirado do seu lado pelas convocações noturnas, se for necessário? Quem, finalmente, irá sem ansiedade suportar sua ausência todas as noites das solenidades pascais? Quem irá, sem suspeitar de si mesmo, dispensá-la para comparecer àquela Ceia do Senhor a qual difamam? Quem irá fazê-la sofrer ao ir sorrrateiramente para a prisão beijar as feridas dos mártires? Nem, verdadeiramente, para encontrar a qualquer um dos irmãos para trocar o beijo? Para oferecer água aos pés dos Santos? Para pegar (de alguma forma para eles) de sua comida, de sua taça? Ansiar por eles? Tê-los em sua mente? Se um irmão peregrino chegar, qual será a hospitalidade para ele em um lar estranho? (**To his Wife**. Livro II. Capítulo 4. Tradução do autor)<sup>23</sup>

Este longo excerto da obra *Ad Uxorem* nos revela algumas das

---

<sup>23</sup>“But let her see to (the question) how she discharges her duties to her husband. To the Lord, at all events, she is unable to give satisfaction according to the requirements of discipline; having at her side a servant of the devil, his lord's agent for hindering the pursuits and duties of believers: so that ... if there are fasts to be observed, the husband that same day holds a convivial banquet; if a charitable expedition has to be made, never is family business more urgent. For who would suffer his wife, for the sake of visiting the brethren, to go round from street to street to other men's, and indeed to all the poorer, cottages? Who will willingly bear her being taken from his side by nocturnal convocations, if need so be? Who, finally, will without anxiety endure her absence all the night long at the paschal solemnities? Who will, without some suspicion of his own, dismiss her to attend that Lord's Supper which they defame? Who will suffer her to creep into prison to kiss a martyr's bonds? nay, truly, to meet any one of the brethren to exchange the kiss? to offer water for the saints' feet? to snatch (somewhat for them) from her food, from her cup? to yearn (after them)? to have (them) in her mind? If a pilgrim brother arrive, what hospitality for him in an alien home?” (**To his Wife**. Book II. Chapter 4)

várias situações que fazem parte da vida cristã da comunidade à qual Tertuliano pertencia e às quais ele se refere como sendo obrigações dos cristãos que deveriam ser respeitadas pelos verdadeiros crentes. O cuidado com os pobres, o cuidado dos mártires presos e mesmo o comparecimento às atividades costumeiras da congregação são entendidos como deveres cristãos, a ponto de Tertuliano dizer que qualquer urgência familiar deve ficar em segundo plano quando se trata das obrigações cristãs. No entanto, como veremos logo adiante, o não cumprimento destes deveres não significava um prejuízo à associação do indivíduo junto à congregação a que pertencia.

Na verdade, a associação ao grupo dos cristãos, para Tertuliano, não parecia ser algo possível de ser perdido. Aliás, este era um tema pouco mencionado por Tertuliano em suas obras. Rebillard em sua análise destaca um trecho da obra *De Apologeticum* no qual Tertuliano fala sobre a associação cristã, vejamos:

No mesmo local exortações são feitas, as reprovações e as censuras sagradas são administradas. Pois o trabalho de julgar levado entre nós é de grande gravidade, de modo que beneficia aqueles que se sentem seguramente sob os olhos de Deus; e vocês terão o maior exemplo de julgamento quando alguém pecar tão gravemente que for necessária severidade de nossa parte nas orações, na congregação e em toda as relações sagradas entre a comunidade. (**The apology**. Capítulo 39. Tradução do autor)<sup>24</sup>

Neste trecho, Tertuliano menciona certo tipo de punição pública como forma de reparação para aqueles que cometiam pecados graves. No entanto, mesmo em casos de reincidência isso não significava que o indivíduo perderia sua associação, o máximo que poderia acontecer era o indivíduo ficar o resto de sua vida no grupo daqueles que estavam sendo publicamente punidos, ou seja, as pessoas não eram expulsas da igreja (REBILLARD, 2012, p. 12). Em outro momento na mesma obra Tertuliano compara a associação cristã a outros tipos de associações do seu contexto e reflete que “ser cristão”, ou fazer parte da comunidade cristã, não é algo que pode ser comprado e, no que diz respeito às doações ou ao dinheiro que é levantado na congregação, ele faz questão de

---

<sup>24</sup>“In the same place also exhortations are made, rebukes and sacred censures are administered. For with a great gravity is the work of judging carried on among us, as befits those who feel assured that they are in the sight of God; and you have the most notable example of judgment to come when any one has sinned so grievously as to require his severance from us in prayer, in the congregation and in all sacred intercourse”. (**The apology**. Chapter 39)

ressaltar que é utilizado apenas para o propósito voluntarioso do cristianismo, vejamos este trecho:

Os homens experimentados entre nossos Anciãos presidem sobre nós, obtendo esta honra não por que compraram, mas por seu caráter estabelecido na comunidade. Não há compra e venda de nenhum tipo nas coisas de Deus. Apesar de termos uma caixa de coleta, ela não é comprada, como estas religiões que tem um preço. Mensalmente, se for de sua vontade, cada um deposita uma pequena doação na caixa, mas apenas se for de sua vontade e se puder: pois não há compulsão; é tudo voluntário. Estas doações são um fundo de depósito piedoso. (**The apology**. Capítulo 39. Tradução do autor)<sup>25</sup>

A necessidade de se diferenciar de outras religiosidades que aparentemente tinham práticas similares às de sua comunidade cristã acaba por nos mostrar como se dava parte do financiamento dessas comunidades cristãs, eram um grupo gerido e mantido através de doações pela própria comunidade de fiéis que depositavam sua confiança de forma voluntariosa na sua organização religiosa.

Rebillard aponta que uma série de estudos historiográficos sobre as características do 'ser cristão' nos séculos II d.C. e III d.C., especialmente em Cartago, vem tentando buscar marcadores externos que identificassem os cristãos na vida comunitária, assim, muito tem se estudado sobre a aparência, sobre as roupas, sobre a forma de falar, sobre os nomes ou ocupações dos cristãos. Apesar de alguns pontos poderem ser questionados não é possível afirmar de modo geral que os cristãos se distinguissem por nenhuma destas características. Assim, Rebillard chega à conclusão de que não podemos identificar um cristão em Cartago neste período através de marcadores externos evidentes. Portanto, ele argumenta que a identificação de um cristão na comunidade se dava por associação, ou seja, é devido ao fato de que se reuniam sempre e com frequência em um local fixo que sua associação como um cristão ficava evidente aos olhos da comunidade. O próprio Tertuliano menciona várias vezes em seus textos que sua comunidade possuía um local próprio para suas reuniões. Em *Praescriptione Haereticorum* ele diz: "A maioria deles nem possui Igrejas" (Neste caso refere-se ao local de reunião). Muitas vezes

---

<sup>25</sup> "The tried men of our elders preside over us, obtaining that honour not by purchase, but by established character. There is no buying and selling of any sort in the things of God. Though we have our treasure-chest, it is not made up of purchase-money, as of a religion that has its price. On the monthly day, if he likes, each puts in a small donation; but only if it be his pleasure, and only if he be able: for there is no compulsion; all is voluntary". (**The apology**. Chapter 39)

em seus discursos ele salienta o conhecimento que a comunidade não cristã tinha daquele local, portanto podemos afirmar que o local de reunião destes cristãos era seu principal marcador identitário no que diz respeito à comunidade externa, de modo que aqueles que ali se associavam se tornavam conhecidos como cristãos pela comunidade. (REBILLARD, 2012, p.12-14)

A comunidade cristã de Tertuliano realizava ordinariamente duas reuniões, uma diária na parte da manhã, logo no início do dia, e outra, a principal, realizada uma vez por semana à noite. Nesta reunião semanal se celebrava um banquete entre os associados onde muito provavelmente se realizava a partilha do pão (REBILLARD, 2012, p. 15). O ponto fundamental para compreendermos a estrutura da identidade da comunidade cristã à qual pertencia Tertuliano é notarmos o quanto estas reuniões frequentes, sem dúvida, criavam um forte senso de pertencimento ao grupo, ou seja, um forte laço de união. Havia ainda outros dois momentos em que um cristão era identificado por associação pela comunidade de não cristãos, duas questões delicadas para os cristãos e que causavam algum tipo de reação da comunidade não cristã.

A primeira eram as visitas realizadas pelos cristãos às prisões. O cárcere no mundo romano antigo era um local de exclusão do indivíduo da vida comunitária onde ele próprio ou sua família deveria bancar sua estadia enquanto este aguardava julgamento ou a execução. Sendo assim, muitos destes cristãos presos eram abandonados por suas famílias no cárcere e eram justamente os cristãos que tinham a missão de dar os proventos mínimos a seus mártires no seu momento de angústia. Assim, se tornava evidente a identificação destas pessoas como cristãs, afinal de contas aos olhos da comunidade, apenas cristãos é que poderiam estar ali ajudando cristãos. A outra ocasião que servia como marcador externo para a identificação dos cristãos na comunidade eram as constantes visitas de caridade aos mais pobres e necessitados. Rebillard (2012, p. 15-17) menciona o quanto isso causava incômodo na comunidade não cristã, pois a presença destes cristãos em meio aos espaços ocupados pelos pobres não era algo esperado.

Podemos apontar ainda outros dois marcadores externos que identificavam os cristãos perante os olhos da comunidade. Eram o tradicional gesto de cumprimento com um beijo, algo bastante comum entre os não cristãos também, no entanto, estes se cumprimentavam desta forma apenas entre família, ou seja, os cristãos se cumprimentando indiscriminadamente com um beijo, independentemente

se fossem familiares ou não, chamava a atenção da comunidade para algo que não era usual. Outro gesto que tornava ainda mais explícita a identidade cristã era o sinal da cruz. Os cristãos desde cedo na história do cristianismo repetiam este gesto simbólico no seu dia-a-dia. Tertuliano menciona este gesto como sendo algo muito comumente praticado pelos cristãos nos mais ordinários momentos da vida cotidiana como ao entrar e sair de lugares, ao vestir-se, ao banhar-se, ao sentar-se à mesa, ao acender as velas e etc. A lista de exemplos estende-se a uma gama variada de ações comuns. Em *Ad Uxorem* ele questiona a esposa cristã que se casaria com um marido não cristão se “você vai passar despercebida quando fizer o sinal na sua cama ou no seu corpo?” Além disso, Rebillard (2012, p. 17) aponta que há relatos de fontes não cristãs que mencionam estes sinais sendo usualmente praticados pelos cristãos, o que por si só nos mostra o caráter identificador deste tipo de gesto.

Para finalizarmos os traços que marcavam explicitamente um cristão e os identificava perante a comunidade não cristã na Cartago de finais do século II d.C. e início do III d.C., nós evidentemente não podemos deixar de mencionar a questão das abstenções, ou seja, aquilo que os cristãos não faziam. Eventos que em razão da sua não participação tornavam evidente a associação de tais pessoas como cristãs. De modo geral eram todas as atividades públicas que envolviam cultos e sacrifícios aos deuses e aos imperadores.

Bevens aponta que recentemente os pesquisadores têm compreendido a identidade romana no período imperial a partir do ponto de vista de que houve uma transformação importante no que significa ‘ser romano’ neste período em relação ao período anterior. Muito da identidade romana no período republicano estava relacionado ao tradicionalismo das instituições da república romana e suas cerimônias; o culto à imagem dos ancestrais e suas origens. Portanto, participar dos eventos e festividades no período republicano era parte constituinte do ‘ser romano’, era como se a identidade romana se manifestasse na civilidade e estar ligado à política republicana era o cerne ideológico desta identidade, uma espécie de culto das estruturas políticas. Votar, por exemplo, era algo exclusivo dos romanos, apenas um romano podia votar. Era um fator de forte identificação. (BEVENS, 2010, p. 16-36)

O início do período imperial sucede um período de descrença nas instituições republicanas que, após quase um século de guerras civis, teve como consequência a emergência da figura do imperador, o líder máximo que assumia e

concentrava em si todas as funções, todos os poderes do império. Dessa forma, o apego às instituições e o culto à civilidade foram progressivamente dando lugar a uma identidade cuja base central era a religião. Ser romano passou a ser algo manifestado na crença e no culto ao panteão romano, os verdadeiros mantenedores do poderio do império e origem do poder do imperador. Logo a *pietas* (o seguimento correto dos ritos religiosos) e as festividades religiosas passaram a ganhar muita importância do ponto de vista ideológico para o império, na medida em que serviam de aglutinador das massas em torno da figura do imperador e eram, portanto, a base ideológica da autoridade romana. Portanto, os mitos de origem que exaltavam as origens dos imperadores eram uma importante forma de fundamentar ideologicamente a autoridade imperial. A ideia muito presente no período Republicano dos “Pais de Roma” - os grandes líderes das origens -, o tradicionalismo, é deixada de lado em prol de mitos de origem que liguem a imagem dos imperadores e suas linhagens a figuras religiosas, assim sua autoridade passa a ser de origem divina. (BEVENS, 2010, p. 37-59)

A vida pública romana era repleta de festividades e atividades que eram vitais para a manutenção ideológica do império. Muito embora não adotassem uma postura hostil em relação à autoridade romana, sendo fiéis à ideia de que o poder do imperador tinha origem divina e a ordem romana deveria ser respeitada, ao negar-se a participar da vida pública e comunitária das cidades os cristãos eram rapidamente identificados, pois esta recusa era vista como um desrespeito e desobediência às tradições e às autoridades romanas de modo geral. O calendário festivo no império romano era visto como algo essencial para a construção da civilidade romana, logo a não participação causava sérios problemas aos cristãos. O monoteísmo cristão aliado ao não comparecimento aos festivais pagãos e especialmente a não prestação do culto ao imperador eram, não por acaso, os principais motivos das perseguições sofridas pelos cristãos neste período. (SILVA, 2006, p. 243)

Após apresentarmos uma breve síntese das características da identidade cristã e, principalmente, de como os não cristãos construían sua percepção sobre os cristãos, veremos brevemente como estes temas eram assimilados no âmbito da prática. Rebillard nos aponta que é possível observar como se dava a prática cristã ao analisarmos os tratados publicados por Tertuliano que condenavam a participação cristã nestas festividades e eventos das cidades

romanas. A premissa que o historiador levanta é a de que se Tertuliano se preocupa tanto a ponto de ter que condenar os teatros, o circo, os festivais e etc... é porque isto o estava incomodando de alguma forma. Assim, quando ele próprio apresenta em sua obra argumentos levantados por cristãos utilizados para poder justificar sua presença nestes eventos nós podemos inferir, segundo Rebillard, que os cristãos não se importavam tanto assim em frequentar os teatros, o circo, os jogos, os festivais e etc..., todos os eventos de mesma natureza (REBILLARD, 2012, p. 23). O próprio Tertuliano aponta dois destes argumentos para defender suas presenças em tais eventos. O primeiro argumento seria o fato de que não havia nenhuma espécie de proibição explícita nas Escrituras Sagradas sobre estes eventos, o que, portanto, os tornaria lícitos. O segundo argumento seria o de que participar destes eventos simplesmente não era visto como algo relevante para a fé e a disciplina cristã na visão destes fiéis, no sentido de que não se entendiam estes eventos como religiosos e, portanto, não era necessário acionar a identidade cristã nestes momentos e outras identidades eram utilizadas. Por isso é importante sempre ressaltarmos a diferença que existe entre o discurso construído por membros do clero, como Tertuliano, e a realidade da prática social que em muitos casos se apresenta como algo bem distinto da idealização construída na literatura eclesiástica.

Outro exemplo similar é a questão da forma pela qual as mulheres cristãs se vestiam, em *De Cultu Feminarum*, ele responde a diversos questionamentos das mulheres da comunidade cristã que aparentemente se queixavam de não poder usar certos tipos de roupas ou de fazer certas coisas, tais como pintar os cabelos, maquiar-se e coisas do gênero. Seguindo os mesmos parâmetros do exemplo anterior, as mulheres argumentavam que não existiam proibições específicas nas Escrituras acerca destas questões. No entanto, Tertuliano contra argumentava com a noção de castidade, decência e humildade que ele depreendia das Escrituras, diz ele; “Ou por simples ignorância ou por dissimulação elas conduzem a si mesmas como se a castidade consistisse apenas na integridade da carne e em evitar a fornicação de fato” (**On the apparel of women**. Livro II. Capítulo 2. Tradução do autor).<sup>26</sup> Novamente, é importante ressaltar em mais este

---

<sup>26</sup>“Either from simple ignorance or else from dissimulation, have the hardihood so to walk as if modesty consisted only in the (bare) integrity of the flesh, and in turning away from (actual) fornication.” (**On the apparel of women**. Book II. Chapter 2)

exemplo a diferença entre o discurso do clérigo e a prática dos cristãos. Na prática estas mulheres também não viam necessidade em ativar sua identidade cristã com relação a estas questões pessoais. Neste caso outras identidades eram ativadas. (REBILLARD, 2012, p. 23-24)

Casos mais complexos e delicados do que estes são os casos que Tertuliano combate em sua obra *De Idolatria*: cristãos que aparecem em profissões ligadas aos cultos pagãos, como por exemplo, escultores de ídolos, vendedores de incenso, comerciantes de materiais ligados aos cultos pagãos e até mesmo astrólogos. Nestes casos a condenação por parte de Tertuliano é enérgica e na sua obra há uma constante tentativa de refutar um por um os argumentos dos que defendem estas práticas. No entanto, podemos notar, tal como nos apresenta Rebillard (2012, p. 27), que “estes debates ilustram o alcance do desentendimento entre os cristãos, os quais são um lembrete salutar de que, no caso de se buscar determinar as formas e graus da participação cristã na vida das cidades, não devemos ter em mente uma atividade monolítica comum a todo o grupo, mas pelo contrário, tentar levar em conta o alcance das variações individuais”. Ou seja, o discurso construído por Tertuliano tinha o intuito de criar um cristão ideal aos olhos do clero, no entanto, no âmbito da prática a comunidade cristã é bem mais complexa do que o idealismo do clero. Segundo Magalhães de Oliveira:

O que essas fontes nos mostram são inúmeros contextos em que cristãos decidem não ativar seu cristianismo como o princípio definidor de sua identidade. A conclusão é a de que, ao contrário do que desejariam clérigos como Tertuliano e Agostinho, a experiência da identificação religiosa não era central para os cristãos no seu dia-a-dia. (MAGALHÃES DE OLIVEIRA, 2017, p. 2-3.)

Ao fazer parte da população da cidade, os cristãos se utilizavam de múltiplas identidades ao longo da vida cotidiana dependendo das situações e nem sempre a identidade cristã era vista como o cerne, o definidor dos comportamentos das pessoas, muito embora estes fossem os desejos do clero.

Assim, ao passo que os cristãos utilizavam aspectos identitários diferentes em resposta a circunstâncias diferentes podemos afirmar que entender os cristãos como um grupo separado dentro da estrutura social da cidade antiga não condiz com a realidade dos comportamentos observados. Segundo Rebillard, “a ‘Cristianidade’ era apenas uma de muitas afiliações que importavam na vida

cotidiana, e nós não deveríamos assumir que o grau de pertencimento ao grupo associado à categoria dos cristãos era alto, estável e consistente como as alegações de Tertuliano deveriam ser. Nós temos, no entanto, que levar em consideração que os cristãos, assim como outros habitantes do império romano, não pertenciam a apenas uma coletividade que determinava sua identidade” (2012, p. 33). Eram, além de cristãos, membros da sociedade romana e conviviam em diferentes graus e formas com ela. E é justamente deste contato que, como vimos, surgiam os conflitos que os clérigos tentavam administrar.

### **3. TERTULIANO *ADVERSUS MARCIONEM*: CONSTRUINDO UMA IDENTIDADE CRISTÃ ATRAVÉS DA DESCONSTRUÇÃO DE UM ADVERSÁRIO**

Uma das figuras mais intrigantes e impactantes do cristianismo do segundo século é Marcião, alguém que permanece até hoje um caso complexo para se estudar. Ainda existem muitas questões em aberto no que diz respeito a suas obras e o tamanho do impacto de sua forma de conceber a fé cristã para o desenvolvimento do cristianismo no segundo século. Algumas das principais questões que envolvem este personagem são difíceis de responder devido à falta de remanescentes de seus escritos, o que nos deixa dependentes de seus opositores que constituem o único testemunho que temos sobre sua vida e seu pensamento religioso. Esta dependência implica outro grande problema para quem pretende pesquisá-lo que é a questão da confiabilidade dos relatos de seus detratores acerca dos acontecimentos da vida dele e dos seus escritos. São problemas intrincados, porém como veremos mais adiante é possível chegarmos a afirmações conclusivas principalmente com relação a seu pensamento religioso a partir da reconstrução de seus escritos, reconstrução esta que teve diversos avanços nas pesquisas acadêmicas ao longo dos últimos dois séculos. Além destes dois problemas fundamentais com os quais temos que lidar há duas questões a respeito de seu impacto para a formação do cristianismo que permanecem controversas até hoje no meio acadêmico que são interligadas. Ambas dizem respeito à formação do Canon Bíblico, algo de evidente importância para a construção da identidade cristã, e a controversa relação de seu Evangelho com o Evangelho canônico de Lucas, cuja prioridade e antecedência vêm sendo questionadas por pesquisadores contemporâneos. (ROTH, 2010, p. 288-290)

Dessa forma, neste capítulo analisarei a obra *Adversus Marcionem* com o objetivo de apresentar como Tertuliano constrói uma identidade cristã a partir da desconstrução de um dos seus principais adversários. Faz-se necessário, então, para que possamos entender este processo de desconstrução, conhecer melhor a figura de Marcião, sua vida, obra e seu pensamento teológico. Por isso, os primeiros sub-tópicos deste capítulo se dedicam a apresentar esta importante figura do cristianismo do segundo século, sua obra, seu pensamento religioso e os principais desenvolvimentos das pesquisas sobre ele no meio acadêmico nos últimos tempos para que enfim possamos compreender a forma antagônica como Tertuliano

constrói, ou melhor, desconstrói a sua imagem ao mesmo tempo em que constrói um tipo ideal de cristianismo tendo por finalidade delimitar o seu “verdadeiro” cristianismo e os “verdadeiros” cristãos em oposição aos Marcionitas.

### 3.1 MARCIÃO E AS CONTROVÉSIAS ACERCA DE SUA VIDA: AS VERSÕES DE SEUS DETRATORES

A primeira coisa que devemos ter em mente ao falar sobre a vida de Marcião é que existem poucas fontes que falam sobre ele e praticamente todas elas são textos de detratores “buscando difamar Marcião ao invés de prover informação confiável”. (FOSTER, 2010, p. 269. Tradução do autor.) É por isso que carecemos de mais detalhes sobre sua vida e mesmo a informação que possuímos pode ser considerada, como afirma Foster, em grande parte como especulativa. Por exemplo, é relevante notar que a região do Ponto, ou melhor, a província Romana do Ponto é mencionada até em textos canônicos do cristianismo, como Atos dos Apóstolos e a 1ª Carta de Pedro que são textos anteriores a Marcião e estas passagens nos demonstram que já havia comunidades judaicas bem consolidadas nesta província bem como comunidades cristãs desde o 1º século e aparentemente havia certo nível de relacionamento entre estas comunidades. Isto nos permite notar o nível de maturidade no qual se encontrava o cristianismo no período em que Marcião estava atuante assim como nos permite observar que havia certo grau de relacionamento entre as comunidades cristãs e judaicas. Estas observações são informações valiosas para nos ajudar a compreender o pensamento religioso de Marcião como veremos adiante. (FOSTER, 2010, p. 270)

No entanto, muitos episódios da vida de Marcião que aparecem mencionados por seus detratores carecem de mais substância comprobatória para que possamos afirmar com acuidade sua veracidade. Por exemplo, alguns mencionam que ele teria se encontrado com Cerdo<sup>27</sup>, o Sérvio, e depois teria se tornado seu sucessor. Com efeito, ambos compartilhavam de uma mesma interpretação dualista sobre a Divindade, então é possível imaginar que houve

---

<sup>27</sup> Conhecido gnóstico antigo que teria vivido na primeira metade do século II, sua origem é pouco conhecida, no entanto é possível que tenha sido discípulo de Simão, o mago, outro gnóstico influente do período. Sua pessoa nos é apresentada por Irineu de Lion em sua obra *Contra as Heresias*.

realmente um encontro entre os dois, mas seria um exagero afirmar que Marcião seria seu sucessor, pois havia grandes diferenças no restante do escopo teológico de ambos. (FOSTER, 2010, p. 271-273.)

Outro exemplo mencionado por seus opositores seria o de um encontro entre Marcião e o Bispo Policarpo de Esmirna, neste caso Foster aponta para uma coexistência dos dois personagens em uma região muito próxima e por um mesmo período de tempo. No entanto, sem material mais robusto para comprovar ficamos reféns de possíveis especulações de seus detratores. (FOSTER, 2010, p. 271-273.)

Mas isso não significa que não podemos chegar a nenhuma afirmação conclusiva a respeito de suas atividades públicas, alguns fatos podem ser levados em conta, tais como a sua presença em Roma por certo período, algo que pode ser atestado devido à substanciosa doação que ele fez àquela Igreja de cerca de 200 sestércios, mencionada em diversas fontes. O que se debate ainda hoje em dia é se ele foi realmente expulso de lá pelos presbíteros romanos, tal como afirmam nas fontes, ou se, mais provavelmente, houve uma separação consensual entre ambas as partes, afinal de contas as diferenças de ideias também o teriam levado a se afastar naturalmente da Igreja.

As circunstâncias da morte de Marcião ou o ano permanecem um mistério, não há informações sobre estes fatos entre os que se referem a sua vida. Atualmente imagina-se que teria morrido entre os anos 160-170 d.C. haja visto que deixam de existir menções a respeito de suas atividades públicas após este período. (FOSTER, 2010, p. 273)

Desse modo, no que diz respeito aos relatos sobre a história de vida de Marcião, podemos reconhecer ao menos duas tradições ou versões que encontramos nas fontes. A primeira tradição é a apresentada por Tertuliano em sua obra *Adversus Marcionem* e a outra tradição é a que se constrói a partir das outras três fontes que mencionam relatos da vida de Marcião.<sup>28</sup> De modo geral as duas versões diferem mais no que diz respeito aos atos praticados por Marcião antes de sua estadia em Roma. No caso de Tertuliano não há muitas informações sobre este

---

<sup>28</sup> São elas: Pseudo-Tertuliano, *Adversus Omnem Haereses*; Epifânio, *Panarion*; Filastro, *Diversarum Hereseon Liber*. São três obras datadas de finais do século IV que, portanto, são posteriores a Tertuliano e Marcião e, conseqüentemente, apresentam versões sobre a vida de Marcião que são em grande parte fruto de tradições orais construídas ao longo do tempo entre as comunidades cristãs das quais faziam parte.

período, há apenas menções a sua origem ser da região do Ponto. No entanto, as outras três fontes mencionam alguns outros detalhes sobre sua vida, como por exemplo, que ele era filho de um bispo local e que em determinado momento teria se envolvido com uma virgem a quem teria estuprado e como consequência deste ato ele teria sido expulso pelo próprio pai daquela região. As outras fontes mencionam ainda que após ter sido expulso ele teria ido para a Ásia Menor, onde teria ficado por um tempo e inclusive teria se encontrado pessoalmente com o apóstolo João, o evangelista, que o teria excomungado da Igreja. Entretanto, como Sebastian Moll aponta em seu artigo *Three Against Tertullian: The second tradition about Marcion's Life* esta segunda tradição sobre sua vida é, no mínimo, muito pouco confiável e parece ser fruto de tradições orais bem posteriores a Tertuliano cujo objetivo era criar a mais degradante narrativa possível sobre seu inimigo. Assim, concordo com Moll quando ele conclui que a versão de Tertuliano é a mais próxima possível da realidade, ou melhor, é a que mais nos oferece informações confiáveis sobre a vida de Marcião. (MOLL, 2008, p. 169-185.)

Embora uma breve descrição de Marcião tenha sido feita na introdução à dissertação, a fim de apresentar uma versão mais completa sobre ele o relato mais comumente aceito sobre a vida de Marcião é o apresentado a seguir: ele nasceu na região noroeste da Ásia Menor, possivelmente em uma cidade chamada Sinope que ficava localizada às margens do Mar Negro. Por ser um importante porto comercial desta região, Sinope acabou se tornando um local propício para o crescimento econômico da família de Marcião que, ao que tudo indica, estava envolvida com o comércio marítimo. Pertencer a uma família rica e com acesso a uma rede internacional de comércio facilitou sua aproximação com o cristianismo que, já naquele período, se espalhava pelo império romano principalmente através das rotas comerciais. É possível que seu pai tenha sido de fato um bispo local e Marcião pode ter deixado Sinope após começar a divergir sobre ensinamentos e interpretações da Igreja. A partir daí ele teria ido para Roma onde ficou por alguns anos até o momento em que houve a separação definitiva entre ele e a Igreja por volta do ano 144 d.C. (FORTES, 2014, p. 46). Segundo Ionitã,

As razões urgentes para a excomunhão de Marcião, apenas quatro anos após sua chegada em Roma, não foram apenas as edições bíblicas..., mas especialmente seus ensinamentos sobre o Deus do Antigo Testamento, como o malvado Demiurgo e juiz cruel, uma antítese para o verdadeiro Deus revelado ao mundo apenas através de Cristo, soma-se a isso o rápido sucesso de seus ensinamentos entre os crentes e a implícita divisão na comunidade cristã. (IONITÃ, 2013, p. 70. Tradução do autor)

Depois desta separação ele retorna a sua cidade natal para fundar a sua própria Igreja cristã. Esta Igreja fundada por ele não deve, de forma alguma, ser menosprezada, afinal de contas ela perdurou com estrutura hierárquica e liturgia própria até, ao menos, meados do século V d.C., além do fato de ter sido tão impactante e respeitada que provocou necessidade de resposta por ao menos duas das principais lideranças do cristianismo do segundo século, Tertuliano e Irineu de Lion. Para Ionitã,

Ele representava totalmente um grande perigo para a comunidade cristã tanto quanto para a judaica. Se os rabinos estavam preocupados com a teologia Marcionita eles devem ter sido dependentes dos Pais da Igreja para sua defesa contra ele. (2013, p. 74. Tradução do autor).

Isto ocorre porque não se encontram textos judaicos de argumentação contra Marcião da mesma forma que encontramos entre os cristãos. A rápida resposta da Igreja em se desvencilhar de Marcião em 144 d.C. e as posteriores obras de importantes líderes cristãos demonstravam preocupação em contra argumentar os marcionitas. Junte-se a isso os relatos de presença de Igrejas marcionitas até meados do século V d.C. e temos evidências de que o Marcionismo foi provavelmente a maior ameaça ou o maior rival da Igreja cristã no mundo antigo, ao menos no que diz respeito à concorrência entre os próprios movimentos cristãos. Ionitã reforça esta ideia, pois para ele “A vitalidade desta Igreja é realmente impressionante, uma vez que o pertencimento a ela não era algo herdado, devido ao celibato dos marcionitas, mas era resultado de contínuas conversões de adultos. De fato, é impressionante o quanto uma forma tão ascética e celibatária de cristianismo conseguiu se impor” (IONITÃ, 2013, p. 78-79. Tradução do autor). Ou seja, para os escritores cristãos do final do segundo século e início do terceiro os marcionitas representavam a principal “heresia” a ser combatida. (WILLIAMS, 1989, p. 477)

Nos próximos subtópicos apresentaremos de forma mais abrangente suas obras e seu pensamento teológico, mas de modo geral sua principal obra é o livro chamado *Antíteses*, do qual infelizmente não restou nenhum exemplar até nós. Possivelmente por ter sido considerado um material persuasivo e “herético” não houve preservação de seus exemplares. Esta obra servia como uma espécie de introdução comentada aos seus textos considerados sagrados, o seu evangelho e o *Apostolikon*. Na prática seu evangelho ficou conhecido como uma edição do evangelho canônico de Lucas e o seu conjunto de textos apostólicos se resume a um conjunto de cartas normalmente atribuídas ao apóstolo Paulo que, dizem seus opositores, também foram editadas para se encaixar em suas doutrinas. (FORTES, 2014, p. 46)

### 3.2 O MUNDO IMPERFEITO DO CRIADOR, O DEMIURGO X SUA ANTÍTESE, O DEUS “FORASTEIRO” DE MARCIÃO

Se há um estudo marcante e que influenciou e ainda influencia as pesquisas sobre Marcião até os dias atuais é a obra clássica de Adolf Von Harnack, *Marcion: The Gospel of an alien God*. Neste livro do início do século XX, Harnack analisa em detalhes as principais fontes que mencionam Marcião oriundas da antiguidade e busca reconstruir seus textos através de uma análise comparativa entre estas fontes. Neste extenso trabalho de reconstrução ele acaba por construir uma determinada visão sobre a pessoa de Marcião e seu pensamento religioso que se estabeleceu como uma espécie de modelo ou parâmetro nos estudos sobre esta figura entre as gerações posteriores de estudiosos. No entanto, mais recentemente sua interpretação vem sofrendo algumas críticas que merecem nossa atenção, pois contribuem para compreendermos melhor este importante personagem do cristianismo do segundo século. Sebastian Moll, um dos principais pesquisadores contemporâneos neste assunto apresenta algumas críticas ao historiador alemão que merecem consideração, principalmente no que diz respeito ao que ele considera uma visão parcial de Marcião cujo fundamento são as próprias aspirações teológicas do autor alemão. Segundo Moll, não é novidade para os leitores de Harnack que o teólogo sempre fez questão de demonstrar pouco apreço pelo Antigo Testamento de modo geral e que, em suas reflexões teológicas, ele achava desnecessária a

presença destas escrituras nos cânones modernos da Bíblia, pois imaginava que a Igreja Cristã contemporânea já havia superado esta etapa em sua história, no sentido de que ele imaginava que este seria o desenvolvimento natural da teologia cristã após a reforma protestante. (2010, p. 281-282)

Então, ao se deparar com Marcião em seus estudos era como se ele tivesse se encontrado com seu semelhante direto da antiguidade. A sua relação com Marcião foi tão forte que ele mesmo declara em sua obra o “amor à primeira vista” ao descobri-lo. Portanto, ao levarmos em consideração estas questões sobre a vida de Harnack podemos concluir, segundo Moll, que a visão de Harnack sobre Marcião é passível de críticas. Para Moll, é difícil apresentarmos um novo retrato sobre a pessoa de Marcião, pois como já vimos anteriormente é, no mínimo, contestável a assertividade com que fatos sobre a vida de Marcião são colocados e tomados como verdade absoluta.

Na tentativa de construir um novo retrato acerca de Marcião algumas questões parecem importantes. Em primeiro lugar, é fundamental o fato de que Marcião nasceu em uma comunidade cristã e, conseqüentemente, ele tinha conhecimento de uma tendência do cristianismo de sua época em conciliar as escrituras hebraicas com as escrituras cristãs. Esta tendência está expressa na obra de diversos autores anteriores a ele, tais como Inácio de Antioquia e a carta de Barnabé, por exemplo. Portanto, a ideia central para Moll é a de que Marcião não se via satisfeito com esta tentativa de conciliação devido à sua visão negativa sobre o mundo e a humanidade, que eram criações do Deus das escrituras hebraicas. Ou seja, sua teologia não interpreta o Antigo Testamento com base no Novo Testamento, mas sim o contrário, ele interpreta o Novo Testamento com base no Antigo e devido a esta linha de raciocínio é que ele chega à conclusão de que o Antigo Testamento representa o Demiurgo e o Novo Testamento representa o verdadeiro Deus anunciado por Jesus Cristo. (MOLL, 2010, p. 283)

Moll aponta quatro críticas principais contra a visão de Harnack sobre Marcião: A primeira questão é a forma como Harnack diz que Marcião faz distinção entre um Deus justo e um Deus bom. Neste sentido, YAHWEH é interpretado como um ser severo, porém praticante de uma justiça balizada em seus princípios individuais. Entretanto, Moll lembra que a essência do pensamento religioso de Marcião é o dualismo. Desta forma, a oposição que ele faz é entre um Deus mal e um Deus bom. A segunda questão é o uso do apóstolo Paulo por

Marcião. Para Harnack isto implicaria em sua interpretação acerca do Antigo Testamento, no entanto para Moll, como já mencionamos, a utilização dos textos de Paulo age justamente de modo retroativo, ou seja, é com base em sua interpretação das escrituras hebraicas que ele adota e interpreta a literatura paulina como fundamento para seu pensamento religioso. O terceiro problema também diz respeito às escrituras hebraicas: na visão de Harnack elas eram completamente obsoletas para Marcião, no entanto Moll nos lembra que as escrituras hebraicas são completamente necessárias para Marcião, pois é a partir de sua crença nesses textos que ele desenvolve sua interpretação em forma de antítese com o evangelho de Cristo. Afinal de contas ele tinha uma visão dualista sobre a divindade, logo, ele acreditava nas escrituras hebraicas, mas tinha uma visão pessimista quanto ao Deus apresentado por elas, para ele este Deus era mau. E, por fim, Moll aponta um anacronismo histórico ocasionado pela visão protestante de Harnack sobre Marcião: Harnack identificou em Marcião uma espécie de primeiro reformador da Igreja. Concordo com Moll quando ele conclui ser inconcebível tentar compreender Marcião como uma espécie de proto reformador protestante. Nem sequer havia uma Igreja formada, consolidada e dominante naquele momento. Vários cristanismos disputavam pela hegemonia e o marcionismo foi apenas mais um desses cristanismos que tiveram grande impacto no segundo século.

Todavia, existem alguns parâmetros gerais que compõem o pensamento religioso de Marcião sobre os quais há pouca divergência entre os estudiosos deste assunto. A interpretação religiosa de Marcião assenta-se na ideia central de que o Deus Todo-poderoso tinha de ser 100% bom e desprovido de maldade, o que o levou a questionar a origem do mal. Através de sua experiência e vivência no mundo ele pode observar que este mundo é cheio de maldade, imperfeição, guerras, violência e etc... Logo, a consequência lógica para ele era que este mundo mau e imperfeito foi criado por um Deus igualmente mau e imperfeito a quem ele denomina Demiurgo, tomando emprestado o termo da filosofia de Platão. A resposta para quem era este Deus mau estava, segundo Marcião, nas sagradas escrituras hebraicas que descreviam a criação deste mundo por um Deus que, no seu entendimento, se apresentava malvado e vingativo. Assim, ele defendia uma ideia simples,

YAHWEH era um ser perverso. A fé incondicional de Marcião no testemunho do apóstolo Paulo, que em suas cartas pregava a oposição radical entre a Lei de Moisés e o Evangelho de Jesus Cristo, o confirmou nesta ideia: o autor desta lei impossível de cumprimento era também YAHWEH..., esta lei, portanto era malvada. (PIÑERO, 2007, p. 86)

Então, ao comparar o Deus retratado nas escrituras hebraicas que era apresentado com características de mau, vingativo, assassino, castigador e cruel em muitos episódios e histórias, em comparação com o Deus apresentado na literatura paulina de características bondosas, tais como, amoroso, misericordioso, piedoso e pacífico ele passa a não ter dúvidas quanto a sua suposição. De acordo com Ionitã, “para Marcião, a igreja era uma ‘novidade absoluta’, que nada tinha a ver com o judaísmo ou outra religião antiga” (IONITÃ, 2013, p. 74). O centro do argumento teológico de Marcião deriva de sua interpretação da carta de Paulo aos Gálatas na qual ele apresenta uma interpretação aparentemente negativa sobre a Lei de Moisés. Assim, era como se tudo o que estivesse descrito nas escrituras hebraicas fosse contrário ao que ele encontrava nos escritos de Paulo. Vejamos o que Poorthuis diz sobre isso:

Interessantemente Marcião não interpreta o Antigo Testamento de uma maneira alegórica, pela qual as muitas batalhas de Israel podem ser vistas como lutas espirituais contra os sentidos, como os Pais da Igreja fizeram em sua reação contra Marcião. Nem ele lê as histórias tipologicamente, como predições de Cristo. O que está escrito está escrito e dessa forma o Antigo Testamento forma uma afiada antítese com o ensinamento de Cristo. (POORTHUIS, 2016, p. 290)

Ou seja, para Marcião havia ao menos dois deuses, o Demiurgo criador do mundo e o Deus supremo e perfeito, forasteiro deste mundo a quem Jesus Cristo veio apresentar e anunciar. A ideia era a de que esta entidade suprema e perfeita era estranha a este mundo e, movida pela compaixão ao ver o sofrimento dos homens neste mundo imperfeito e cheio de pecados, acaba decidindo enviar um salvador para livrar os homens das mãos imperfeitas do Demiurgo. Dessa forma, no juízo final aqueles que fossem dignos do Deus supremo seriam salvos e seus espíritos ascenderiam para contemplar e estar por toda a eternidade junto dele (PIÑERO, 2007, p. 86-90). Contudo, Marcião foi muito além de apenas desenvolver uma reflexão teológica concisa, ele fundou uma Igreja muito bem estruturada. Segundo Foster,

Ele foi além de simplesmente propor uma cosmologia alternativa ou articular ou sistema teórico de crenças. Ele e seus seguidores criaram reuniões que rivalizavam e tentavam desafiar o status de outras reuniões cristãs... ritos sacramentais, incluindo o batismo sob o nome triuno e uma forma de celebração eucarística que deve ter sido mais elaborada do que um simples ritual de pão e vinho foram praticados nas reuniões. (FOSTER, 2010, p. 277)

Além de Tertuliano, cujas reflexões sobre Marcião analisaremos mais detalhadamente nos próximos sub-tópicos, existe outro autor importante cujas reflexões merecem ser apresentadas brevemente, pois ele nos auxilia a compreender o pensamento religioso de Marcião. O autor em questão é Irineu, o Bispo de Lion que viveu na segunda metade do século II d.C. e produziu uma grande obra apologética chamada *Adversus Haereses* cujo foco principal era o combate ao gnosticismo que havia se proliferado nos meios cristãos e feito vários adeptos. Em diversos momentos de sua obra, Irineu menciona Marcião e chega a qualificá-lo como o mais astuto entre todos os gnósticos que ele combatia e é justamente este o ponto que nos chama a atenção, pois para Irineu Marcião era um gnóstico e esta não é uma categoria usualmente utilizada para descrever Marcião nos dias atuais. Muito embora me pareça inevitável reconhecer que o gnosticismo certamente influenciou direta ou indiretamente o pensamento religioso de Marcião, o fato é que ele normalmente não é enquadrado nesta categoria pelos estudiosos que o pesquisam.

O gnosticismo não é comumente entendido como uma religião, segundo Piñero, por gnosticismo se entende “uma atmosfera religiosa na qual estava em ebulição um conjunto de ideias que podiam se abraçar dentro de umas religiões ou outras” (PIÑERO, 2007, p. 91. Tradução do autor). Assim, o gnosticismo pode ser entendido como um conjunto de ideias e princípios de caráter religioso. A Gnose, palavra de origem grega que significa ‘conhecimento’, é um conjunto de ideias que entende que há uma contradição inerente ao ser humano que é a questão do mal no mundo e toda a sua imperfeição. Ao se sentir aprisionado e oprimido por este mundo mau o ser humano então teria a tendência a buscar sua liberdade desta prisão e, de alguma forma, alcançar o mundo perfeito representado na personificação da divindade à qual cada um dos grupos crê pertencer. Dessa forma, a gnose, conhecimento ou “conhecimento da verdade” pode ser entendido como um “sentimento comum que existia na base de diferentes sistemas espirituais ou que se

forma no interior deles” (PIÑERO, 2007, p. 92. Tradução do autor). Esta atmosfera religiosa é fruto do legado de diversas reflexões exotéricas provenientes da Ásia Menor antiga e, inclusive, é resultado da influência de alguns filósofos, tais como Pitágoras e Platão.

Irineu considera Marcião um gnóstico embora reconheça suas peculiaridades. Dizia Irineu que ele era o sucessor de um antigo gnóstico sírio chamado Cerdo, pois ambos tinham uma compreensão parecida acerca da pessoa de Jesus Cristo e o papel do Deus dos hebreus. De acordo com Fortes,

Podemos dizer que Marcião é partidário de um gnosticismo próprio, pois o seu pensamento difere, em parte, dos outros gnósticos. Ele não está muito preocupado em especial sobre a desordem das coisas que governam o mundo, nem tão pouco está preocupado com as emanações eônicas. Também não faz interpretações alegóricas das escrituras tão como fazem os outros gnósticos. Em contrapartida, as ideias que tem sobre cristo e Deus Pai têm muito em comum com o Gnosticismo. (FORTES, 2014, p. 47)

É como se Marcião tivesse optado por opor os textos cristãos às escrituras hebraicas, Jesus x YAHWEH, e no entendimento de Irineu isso era considerado uma mutilação do evangelho. Novamente vemos em Irineu a ideia de que Marcião via no Deus dos hebreus um ser mau e imperfeito enquanto Cristo teria vindo para transmitir a verdadeira “Gnose” (conhecimento) sobre a verdade e o mundo e, desta forma, possibilitar que os homens alcançassem a perfeição. Portanto, “Marcião pode ser considerado como ‘um representante radical do gnosticismo’, focado principalmente na Bíblia e sua interpretação” (IONITÃ, 2013, p. 68), devido a suas origens em um ambiente profundamente influenciado pelo gnosticismo e pelo judaísmo. No entanto, a respeito das peculiaridades que diferenciavam o marcionismo do gnosticismo de modo geral, Ionitã diz o seguinte:

Uma das mais óbvias diferenças entre Marcionismo e Gnosticismo reside no fato de que a orientação gnóstica dos cristãos tolerava entre seus círculos extremamente elitistas apenas certas pessoas, com grande treinamento intelectual, promovendo ensinamentos exotéricos. Marcião, ao invés, apesar de claros elementos gnósticos, permanece grandemente fiel ao texto bíblico e cria uma comunidade baseada num simples e claro cânon, acessível a todos. (IONITÃ, 2013, p. 77. Tradução do autor)

Logo, como vimos, não é uma tarefa fácil definir se Marcião deve ou não ser considerado um gnóstico, mas há algo que é inegável. Embora

provavelmente tenhamos que considerá-lo, como fazem a maioria dos estudiosos a seu respeito, fruto de um cristianismo original e próprio, é inegável que a forte presença de gnósticos na região da Ásia menor de seu tempo o influenciou de alguma maneira. Algumas de suas principais doutrinas religiosas me parecem bastante próximas do gnosticismo.

Há um último ponto que gostaríamos de mencionar no que diz respeito ao pensamento religioso de Marcião. Trata-se da análise, a nosso ver, completamente anacrônica que alguns pesquisadores contemporâneos têm feito sobre este personagem quanto a uma possível identificação dele com o antissemitismo. Tais pesquisadores<sup>29</sup> apontam Marcião como uma espécie de primeiro antissemita da história devido à interpretação que ele faz das escrituras hebraicas que seriam a causa e a origem primária do antissemitismo. Nós gostaríamos brevemente de refutar esta colocação, em primeiro lugar por entendermos que é completamente descabido e anacrônico imputar a um personagem do segundo século d.C. uma ideologia desenvolvida mais de quinze séculos depois de sua morte, se formos pensar nos moldes contemporâneos do antissemitismo. Em segundo lugar, Poorthuis nos lembra que, além de uma ideia anacrônica, por não levar em conta todo o contexto de formação do antissemitismo moderno, esta noção não encontra respaldo no pensamento religioso de Marcião haja vista que, como já mencionamos, ele de fato tinha uma interpretação negativa a respeito das escrituras hebraicas, mas isso não significa que ele não acreditasse em sua veracidade. Ele apenas rejeitava o deus dos hebreus por considerá-lo um ser inferior e imperfeito - a verdadeira antítese do deus anunciado por Cristo. No entanto, ele não demonstrava nenhum tipo de problema com o povo judeu e a sua fé. Na contramão de Marcião, os apologistas cristãos desde muito cedo eram quase unânimes em atacar o judaísmo na medida em que construíam sua narrativa antijudaica e, para Poorthuis, se tivéssemos que imaginar uma raiz ou origem antiga do antissemitismo, estes apologistas é que teriam “assentado os fundamentos de séculos de antijudaísmo” (POORTHUIS, 2016, p. 293-294).

---

<sup>29</sup> Para mais informações, ver: POORTHUIS (2016, p. 291). Onde ele discorre sobre Martin Buber, Adolf Von Harnack e algumas pesquisas ligadas ao Instituto Nazista para a Influência Judaica.

### 3.3 A OBRA DE MARCIÃO E AS TENTATIVAS DE RECONSTRUÇÃO DOS SEUS TEXTOS: A ANTÍTESE, O EVANGELHO E O *APOSTOLIKON*.

É provável que se nós tivéssemos de escolher qual foi o principal fator de mobilização que levou os apologistas cristãos a dedicarem textos contra Marcião o problema das escrituras sagradas cristãs seria o primeiro. É visível o descontentamento, tanto em Tertuliano quanto em Irineu e também nas outras fontes que o mencionam, em relação ao Canon de Marcião, um conjunto de livros sagrados que ele compilou para servir de fundamento para sua Igreja. De acordo com Piñero, “a confecção e publicação desta lista (escrituras sagradas cristãs) teve sua primeira ocorrência com Marcião” (PIÑERO, 2007, p. 90). Embora fosse uma bíblia bem breve, ela foi suficiente para provocar reações entre os cristãos e foi responsável por iniciar os debates a respeito da formação das Sagradas Escrituras cristãs, algo que apenas viria a se consolidar a partir do século IV quando a Igreja se tornaria hegemônica no império romano. Para Piñero, o impacto do marcionismo para esta discussão foi tamanho que “a Igreja marcionita se estendeu rapidamente e somente pode ser freada com a difusão de uma lista de escrituras sagradas contrárias à sua, que foi difundida pela Igreja majoritária” (PIÑERO, 2007, p. 90). Inclusive, para Moll, o fato de Marcião ter sido o primeiro cristão a ter editado uma lista de livros limitada e entendida como Sagrada Escritura dos cristãos teve um grande impacto na forma como as escrituras hebraicas passaram a ser compreendidas, pois até então não havia um Antigo Testamento e um Novo Testamento, eram apenas os textos sagrados. Entretanto Marcião foi o primeiro cristão a realizar esta oposição entre Antigo Testamento e Novo Testamento, o que influenciou grandemente a divisão bi-partida dos textos sagrados que permanecem até hoje desta maneira. (MOLL, 2010, p. 285)

O legado textual de Marcião é composto por um Evangelho<sup>30</sup>, um Apostolikon<sup>31</sup> e um texto que, como veremos adiante, pode ser considerado uma espécie de introdução comentada desta compilação de textos considerados

---

<sup>30</sup> Tertuliano diz que Marcião se referia a este texto apenas como “Evangelho” sem fazer referência a um autor, no entanto ele alegava que a autoridade deste texto advinha de Paulo. Os Antigos apologistas cristãos ao se referirem a este texto o consideravam uma versão editada do evangelho canônico de Lucas, como veremos há várias discussões a respeito destas alegações.

<sup>31</sup> Agrupamento de cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, as cartas que faziam parte deste compêndio eram: Gálatas, 1ª e 2ª Coríntios, Romanos, 1ª e 2ª Tessalonicenses, Efésios, Colossenses, Filemon e Filipenses nesta ordem.

sagrados cujo nome é *Antitheses*<sup>32</sup>. Sobre o *Apostolikon* há três fontes que nos permitem tentar reconstruí-lo: o Dialogo de Adamantium atribuído tradicionalmente a Orígenes, o *Panarium* de Epifânio e a obra *Adversus Marcionem* de Tertuliano. Nestas três obras se encontram citações de trechos do *Apostolikon* que nos ajudam a reconstruir os textos originais das cartas difundidas por Marcião. Entretanto, como já ressaltamos previamente, trata-se de seus detratores, o que nos obriga a prestar uma atenção ainda maior às intenções dos escritores a respeito da maneira como utilizam estas citações. Por exemplo, segundo Clambeaux's:

O objetivo de Tertuliano era destruir os argumentos marcionitas. Devido a isto devemos prestar atenção a suas motivações polêmicas. Várias citações das cartas de Paulo mostram sinais de terem sido modificadas por Tertuliano, com o propósito de fazer as citações se enquadrarem em seus argumentos mais habilmente. (CLAMBEAUX'S apud FOSTER, 2010, p. 274)

Por isso esta é uma tarefa árdua e complexa, pois é difícil discernir com precisão as citações que são fiéis ao texto difundido por Marcião e as citações que podem ter sido modificadas pelos oponentes de Marcião de maneira consciente ou inconsciente, mas que podem alterar a interpretação que se faz dele. A respeito deste método de reconstrução dos textos marcionitas com base nas citações atribuídas a ele nas obras de seus detratores, Roth menciona que a melhor maneira de sabermos se a citação é confiável ou não é estudar sistematicamente o estilo linguístico do autor em questão, ou seja, o método que ele utiliza para fazer estas citações. No exemplo de Tertuliano, a partir de uma análise de sua obra e suas citações de passagens de textos canônicos foi possível distinguir padrões que permitem identificar quando as citações eram confiáveis, no sentido de serem fiéis ao texto original, ou quando a citação sofria algum tipo de interferência que, por menor que fosse, demonstrava uma intenção de harmonizar o texto às preferências do autor. Através desta metodologia, Roth pode reconstruir com alguma confiabilidade partes dos textos marcionitas, especialmente seu Evangelho e o *Apostolikon* (ROTH, 2008, p. 291-294).

Todavia, existem controvérsias. Williams é um dos estudiosos adeptos de uma versão mais pessimista a respeito das possibilidades de reconstrução dos textos marcionitas, ele chega até mesmo a questionar a

---

<sup>32</sup>Provável único texto originalmente escrito por Marcião que servia como uma introdução a suas reflexões teológicas e preparação para a leitura de seus textos sagrados.

possibilidade de reconstruir o pensamento religioso de Marcião. Para ele os obstáculos causados pela falta de remanescentes dos textos marcionitas em si e a inteira necessidade de se tentar reconstruí-los com base em fragmentos de menções de seus opositores limitam grandemente nossas possibilidades de chegarmos a conclusões precisas acerca de Marcião e o marcionismo. O método que ele definiu ser o mais apropriado para esta empreitada foi o de comparar as fontes disponíveis e especialmente as citações atribuídas a passagens de textos marcionitas em mais de uma fonte para ver se conferiam umas com as outras, ou seja, comparar passagens iguais em fontes diferentes para reconstruir com precisão os textos de Marcião. No entanto, suas conclusões são limitadas, pois ele encontrou apenas 23 citações exatamente correspondentes que lhe permitiram identificar os traços mais fiéis possíveis dos textos e do pensamento marcionita. (WILLIAMS, 1989, p. 477-482)

Quando o assunto são as controvérsias a respeito das obras de Marcião, seu evangelho é, sem dúvida, o texto mais debatido ainda hoje. Principalmente porque há um questionamento quanto ao papel desempenhado por Marcião na construção dos evangelhos canônicos, especialmente os sinópticos. As fontes para uma tentativa de reconstrução são as mesmas, porém o mais relevante a respeito deste texto talvez seja sua origem. Há duas interpretações sobre a origem desta obra em debate atualmente. A versão tradicional disseminada pelos antigos apologistas cristãos - a mais comumente aceita ainda hoje - é de que o evangelho utilizado por Marcião era uma versão editada do evangelho canônico de Lucas tal como conhecemos hoje. Para estes antigos cristãos, Marcião teria “mutilado” o texto de Lucas. Para eles Marcião teria deliberadamente editado o texto, pois acreditava que certas partes do evangelho que demonstravam conexão entre o judaísmo e o cristianismo estavam corrompidas e teriam sido adições feitas por copistas posteriores aos discípulos de Paulo. Por isso, ele teria retirado estas passagens do texto.

Entretanto, uma nova perspectiva vem sendo discutida pela qual se imagina a possibilidade de o evangelho de Lucas ser, na verdade, posterior ao texto de Marcião. Alguns pesquisadores baseados no fato de que não há relatos da existência do evangelho de Lucas anteriores à metade do século II d.C., supõem que o evangelho de Lucas possa ter sido redigido como resposta ao texto de Marcião (FOSTER, 2010, p. 275-276). Para Klinghardt, por exemplo, o evangelho de

Lucas é que teria sido um desenvolvimento posterior ao evangelho de Marcião. Dessa forma, para ele os Sinópticos tiveram, todos eles, uma mesma base em comum, o evangelho de Marcos. Seguindo esta lógica, o evangelho de Matheus e também o evangelho de Marcião seriam desenvolvimentos redacionais do evangelho de Marcos. E, por fim, o evangelho de Lucas teria sido um desenvolvimento redacional do evangelho de Marcião.<sup>33</sup> (KLINGHARDT, 2008, p. 1-27)

Há ainda uma terceira via, menos comum nos debates, mas também relevante. John Knox comenta em um breve estudo sobre as características linguísticas do evangelho de Marcião, comparado às características linguísticas do evangelho de Lucas, que, além das duas interpretações debatidas anteriormente no que diz respeito às origens destes textos, é possível que ambos os evangelhos possam ser fruto de um protoevangelho que se tenha perdido e que teria servido de base para a redação de ambos os textos, ou seja, uma versão mais curta de Lucas e um pouco maior de Marcião (KNOX, 1939, p. 193-201). No nosso ponto de vista estas duas abordagens novas ainda são muito especulativas e carecem de mais fundamentos que as comprovem. Assim, é difícil ignorar a abundância de relatos que evidenciam a interpretação tradicionalmente aceita sobre a origem destes textos.

Outro ponto importante que envolve mais especificamente a obra *Adversus Marcionem* de Tertuliano e que também tem sido debatido no meio acadêmico recentemente é a questão acerca de qual texto Tertuliano tinha disponível para si quando ele fez sua leitura e análise das obras de Marcião. Bom, como sabemos, é importante ter acesso ao material mais original possível para que minimizemos o erro que seria chegar a conclusões a respeito do pensamento de um determinado autor a partir de uma fonte de segunda mão que pode ou não ter sido modificada pelas mais variadas razões e então nos induzir a ideias e pensamentos diferentes daqueles do autor original. Este tipo de “contaminação” pode ocorrer consciente ou inconscientemente. São inúmeros os casos de versões de textos bíblicos, por exemplo, com diferenças significativas em várias passagens e, até mesmo, adições ou exclusões de partes inteiras de textos que evidentemente originaram diferentes interpretações a respeito destas obras. No caso de traduções isto é ainda mais comum, haja vista que não é uma tarefa fácil expressar em uma língua diferente exatamente o mesmo sentido original que se pretendeu dar ao texto.

---

<sup>33</sup> Para mais informações a respeito desta teoria, ver: KLINGHARDT (2008).

Afinal de contas as categorias de pensamento são diversas em culturas e línguas diferentes. Não são igualmente raros os casos de traduções que comprometem o raciocínio e a intencionalidade dos autores originais.

Tendo isso em mente, é importante refletir sobre qual texto Tertuliano utilizou, em qual versão ele baseou sua análise. Pois, isso poderia causar interferências em sua interpretação. Harnack, em seu clássico estudo sobre Marcião, postulou a ideia de que Tertuliano utilizou uma versão latina da obra de Marcião e esta premissa influenciou os estudos sobre Marcião ao longo do século XX. Contudo, recentemente após ser feita uma análise comparativa entre as citações das cartas de Paulo feitas por Tertuliano e as atribuídas a Marcião, ou seja, no que diz respeito ao *Apostolikon* a análise comparativa concluiu que Tertuliano teria ele mesmo traduzido para o latim a obra de Marcião. Ou seja, sua análise foi feita em primeira mão a partir de uma versão grega dos textos marcionitas (ROTH, 2009, p. 429-430). A evidência é ainda maior quando o assunto é seu evangelho. Roth chega a concluir após extensa análise comparativa entre as citações de que “a evidência é mais bem explicada pela visão de que o próprio Tertuliano é o grande responsável pelo texto latino de Marcião na medida em que ele o traduziu totalmente do grego” (ROTH, 2009, p. 430). Assim, podemos concluir que Tertuliano demonstrou ter preocupação com a procedência do material analisado, o que nos permite acessar trechos dos textos marcionitas o mais próximo possível dos originais.

Entretanto, uma questão específica chama a atenção de quem tenta reconstruir os textos de Marcião a partir de Tertuliano. É o problema de Tertuliano acusar Marcião de “mutilar” o evangelho, no sentido de retirar passagens do texto, mas estas passagens em questão não fazem parte do evangelho de Lucas e sim do evangelho de Mateus. Para este problema intrincado e de difícil resposta Roth propõe duas possibilidades. A primeira seria que Tertuliano teria uma familiaridade muito maior com o evangelho de Mateus e, por isso, nos casos em que ele faz estas acusações ele teria cometido um simples erro de memória. Devido a estar tão familiarizado com o texto de Mateus, ele pode ter se confundido em alguns casos. A segunda possibilidade é a de que Tertuliano, ao se referir ao “Evangelho”, estava na verdade se referindo ao conjunto dos quatro evangelhos da forma como os conhecemos hoje e, neste caso, estaria fazendo referência à exclusão do evangelho de Mateus por Marcião. Em todo caso esta é apenas mais uma das várias questões que ainda permanecem em aberto quando o assunto são os textos de Marcião.

Por fim, a última obra relacionada a Marcião seria a *Antitheses*. Segundo Harnack este era um texto de comentários de Marcião a partir de sua leitura e interpretação da sua lista de livros sagrados nos quais ele constrói um raciocínio lógico de comparação e oposição entre as escrituras hebraicas e suas escrituras cristãs com a intenção de explicar seu pensamento religioso e demonstrar como o Deus revelado por Jesus Cristo é a antítese do Deus criador deste mundo. Infelizmente, tal como ocorre com os outros textos, temos acesso a apenas algumas citações e raciocínios atribuídos a ele a partir de seus detratores.

No que diz respeito ao estilo textual da obra *Antitheses*, Scherbenske demonstra que era uma espécie de introdução ao evangelho de Marcião, ou seja, era um texto introdutório do gênero Isagógico. Algo que era bem comum no mundo antigo e “funcionava como um tratado introdutório” desenvolvido para “guiar os neófitos na disciplina e reforçar as essências de tal conhecimento naqueles já iniciados” (SCHERBENSKE, 2010, p. 258). O objetivo desta obra seria o de guiar seus leitores para a leitura de seus textos sagrados para que os “leitores pudessem aprender a interpretar a bíblia hebraica e o cânon de Marcião corretamente antes mesmo de suas primeiras leituras” (SCHERBENSKE, 2010, p. 258). Assim, a obra *Antitheses* não seria uma dissertação repleta de argumentos bem construídos, mas na realidade uma “acumulação de discretas, mas inter-relacionadas, afirmações antitéticas que elucidam seus principais temas” (SCHERBENSKE, 2010, p. 258). Para Scherbenske, uma das maiores evidências deste gênero literário da *Antitheses* é a forma como Tertuliano responde a Marcião, sempre mencionando a “sua própria antítese” que supostamente refutava os argumentos marcionitas a partir da justaposição de ideias opostas. Dessa forma, Scherbenske conclui:

Tertuliano, nossa principal fonte antiga para a *Antitheses* indica explicitamente que ele entende a *Antitheses* como um trabalho introdutório desenvolvido para instruir os leitores na teologia marcionita e sua interpretação. Ele identifica este trabalho como ‘o *Summo Instrumento* através do qual seus discípulos são iniciados e tornados obstinados em sua heresia’. (SCHERBENSKE, 2010, p. 258)

Como pudemos observar, a obra de Marcião não era muito extensa, porém causou impacto suficiente para provocar reações de alguns dos principais apologistas cristãos dos primeiros séculos. Inclusive, o seu cânon de escrituras

cristãs foi o pontapé inicial no processo de construção da Bíblia cristã. Logo, sua relevância para a construção de uma identidade cristã me parece inevitável. Infelizmente temos de lidar com o fato de que não chegaram até nós remanescentes de seus textos originais o que, como vimos, dificulta grandemente o trabalho dos pesquisadores preocupados com o desenvolvimento do cristianismo no segundo século, entretanto isso não impossibilita o trabalho. Diversas pesquisas atuais têm, cada vez mais, permitido reconstruirmos seus textos e, conseqüentemente, nos aproximarmos de seu pensamento religioso. Assim, vejamos agora como Tertuliano desconstrói seu adversário e assenta as bases de sua identidade cristã em contraposição ao marcionismo.

#### 3.4 DESCONSTRUINDO MARCIÃO: O “BÁRBARO HEREGE”.

A obra *Adversus Marcionem* se subdivide em cinco livros nos quais Tertuliano busca refutar e contra argumentar os ensinamentos de Marcião. No primeiro livro o objetivo do autor é refutar o dualismo de Marcião. Para ele não podem existir dois deuses, pois só pode existir apenas um ser eterno e supremo e a ideia de que poderiam existir duas divindades permitiria acreditar que existiriam infinitos deuses e seria impossível dizer qual deveria ser adorado, por exemplo. No segundo Livro Tertuliano se atém à defesa do deus dos Judeus, o criador deste mundo. Dessa forma sua intenção é defender sua existência e a plenitude de seus atributos divinos, tais como eternidade, onipotência, onisciência e onipresença. Ele se utiliza das Escrituras hebraicas para reivindicar estes atributos. É importante salientar que Marcião não negava a existência de YAHWEH, mas apenas o considerava um Deus inferior e imperfeito. O terceiro livro tem como argumento central a defesa de que o deus proclamado por Jesus Cristo era o deus de Israel, YAHWEH. Para Marcião Jesus Cristo não era o messias hebraico e não representava o Deus dos judeus. Ele era representante de outro Deus, o deus supremo. Tertuliano busca desenvolver seus comentários salientando as características judaicas da pregação de Cristo e ressaltando sua conexão com o povo de Israel que foram seus ouvintes originais. Por fim, nos dois últimos livros Tertuliano busca refutar as doutrinas marcionitas a partir de seus próprios escritos. O quarto e o quinto livros são inteiramente exclusivos sobre uma refutação, passagem por passagem do evangelho de Marcião, de alguns trechos da *Antitheses* e do

*Apostolikon* nos quais Tertuliano busca apontar nestes próprios textos aspectos que revelam que o Deus proclamado no evangelho e nas cartas de Paulo era o único e mesmo Deus de Israel e o seu Cristo.

Ao construir seu discurso contra Marcião o objetivo de Tertuliano é defender o que ele considera um tipo ideal e correto de cristianismo perante comunidades que ele considera hereges, incorretas e desviantes do seu cristianismo. É evidente ao longo do texto que havia algum nível de interação entre os cristãos marcionitas e os cristãos, assim denominados por Tertuliano, apostólicos. O próprio livro é fruto desta interação. Embora a obra tenha sido escrita com o intuito principal de servir aos cristãos que compartilhavam da mesma fé de Tertuliano para que pudessem talvez se defender ou se posicionar contra os marcionitas, é também bastante frequente por toda a obra momentos em que Tertuliano parece estar se dirigindo diretamente aos marcionitas, ou seja, era também sua intenção que este livro chegasse até as mãos de seus oponentes. O fato é que a produção deste tipo de discurso acaba por criar fronteiras e definir características que constroem identidades. Vejamos como, ao se comparar e descrever Marcião, sua vida, doutrinas e formação, Tertuliano acaba contribuindo para a construção de uma identidade cristã no início do século III d.C.

Barth identifica três características fundamentais que sustentam o processo de construção das identidades étnicas. A noção de uma identidade partilhada, ter uma história em comum e possuir uma herança cultural tradicional. É evidente que estes aspectos possuem estreita ligação e muitas vezes encontram justificativas em comum, como veremos, e estas três características fundamentais são construídas impreterivelmente através da interação social e se tornam evidentes através de um processo de autodescrição de si mesmo ou o grupo ao qual pertence e de descrição do outro ou do outro grupo ao qual não se pertence. Vejamos então na prática como este processo funciona.

A primeira característica a ser analisada é a noção de uma identidade partilhada. Parte-se do princípio de que grupos diferentes compartilham de identidades diferentes, neste caso estamos tratando de identidades culturais. No caso de Tertuliano é visível a contraposição que ele faz entre civilizados x incivilizados, letrados ou intelectuais x ignorantes, Greco-Romanos x bárbaros. Vejamos o excerto abaixo:

O mar chamado Euxino, ou hospitaleiro, é traído pela sua natureza e ridicularizado por seu nome. Mesmo o lugar onde está situado o preveniria de ser reconhecido como hospitaleiro e, no entanto, envergonhado de suas próprias características bárbaras ele mesmo se colocou a certa distância de nossas águas mais **civilizadas**. Tribos estrangeiras o habitam, se de fato viver em carroças pode ser considerado 'habitar'. Eles não têm lugar certo para morar, sua vida é inoperante, suas atividades sexuais são promíscuas e em sua maioria desveladas mesmo quando eles a escondem. Eles alertam sobre isso ao pendurar um saco no jugo de suas carroças para que ninguém inadvertidamente entre. Tão pouco respeito eles têm por suas armas de guerra. Eles separam os corpos de seus pais junto à carne de ovelhas para engolirem em seus banquetes. Se algum deles morre em condições ruins para se comer sua morte é uma desgraça. As mulheres também perderam a gentileza junto com a modéstia de seu sexo. Elas exibem seus seios e fazem seus trabalhos domésticos munidas de machados de batalha. Elas preferem as batalhas às obrigações matrimoniais. Há dificuldade também no clima, nunca há muita luz do dia, o sol sempre pobre, o único ar que têm é neblina. O ano todo é inverno, todos os ventos que sopram vêm do Norte. A água se torna água apenas após aquecê-la. Rios não são rios, apenas gelo. As montanhas estão totalmente empilhadas de neve. Tudo é tórpido, tudo é severo. Selvageria é a única coisa morna, tal selvageria qual a que o teatro tem providenciado através dos contos Táuricos de sacrifícios, romances cólquidas e crucificações caucasianas. (TERTULLIAN, 1972, Livro I. Cap. 1. Tradução e grifo do autor)<sup>34</sup>

Este extenso trecho logo no início da obra é elucidativo do método adotado por Tertuliano ao longo de quase toda a obra. Ele inicia um processo de desconstrução do seu adversário ao qualificá-lo como oriundo de uma região bárbara cujo povo ao qual pertence não partilha da mesma identidade helênica e civilizada da qual ele e seus leitores partilham. A contraposição é clara com relação à cultura greco-romana considerada mais avançada para ele. Antes mesmo de descrever a pessoa de Marcião a desconstrução de seu oponente começa pelo seu

---

<sup>34</sup> "The sea called Euxine, or hospitable, is belied by its nature and put to ridicule by its name. Even its situation would prevent you from reckoning Pontus hospitable: as though ashamed of its own barbarism it has set itself at a distance from our more civilized waters. Strange tribes inhabit it—if indeed living in a wagon can be called inhabiting. These have no certain dwelling-place: their life is uncouth: their sexual activity is promiscuous, and for the most part unhidden even when they hide it: they advertise it by hanging a quiver on the yoke of the wagon, so that none may inadvertently break in. So little respect have they for their weapons of war. They carve up their fathers' corpses along with mutton, to gulp down at banquets. If any die in a condition not good for eating, their death is a disgrace. Women also have lost the gentleness, along with the modesty, of their sex. They display their breasts, they do their house-work with battle-axes, they prefer fighting to matrimonial duty. There is sternness also in the climate—never broad daylight, the sun always niggardly, the only air they have is fog, the whole year is winter, every Wind that blows is the north wind. Water becomes water only by heating: rivers are no rivers, only ice: mountains are piled high up with snow: all is torpid, everything stark. Savagery is there the only thing warm—such savagery as has provided the theatre with tales of Tauric sacrifices, Colchian love-affairs, and Caucasian crucifixions". (TERTULLIAN, 1972, Book I. Ch. 1)

local de origem. A imagem construída por Tertuliano é sombria e selvagem. O Ponto é para ele símbolo da vida incivilizada e seus habitantes são descritos como verdadeiros selvagens de costumes bárbaros. É de se destacar comportamentos descritos por ele que claramente demonstram um povo com pouco pudor e carente de valores cristãos, ao menos do seu ponto de vista. Destaca-se neste sentido a descrição das mulheres do Ponto, que, ao contrário de seu entendimento sobre como deve ser o tipo ideal de uma mulher cristã, andam desnudas, guerreiam e não apresentam comportamento sutil ou de submissão aos homens, valores fundamentais para as mulheres cristãs segundo Tertuliano. Dessa forma, ele aos poucos constrói um antítipo de Cristão, ou seja, tudo o que um cristão não deveria ser ou fazer ele descreve como sendo características dos habitantes do Ponto.

Vejamos outro exemplo de caracterização dos habitantes do Ponto como sendo bárbaros selvagens, apresentado por Tertuliano:

(...) é claro que é um outro assunto, se entre os homens do Ponto as crianças daquela raça bárbara partiam para a batalha... os mesmos que sabem lidar com uma lança antes mesmo de mastigar. Contudo agora, desde que não é o natural em nenhum país dar permissão para que as crianças vão para a guerra antes de aprenderem a viver. (TERTULLIAN, 1972. Livro III. Cap. 13. Tradução do autor)<sup>35</sup>

Neste trecho sobre as crianças que lutavam em guerras ele torna claro o contraste entre a cultura selvagem dos bárbaros e a civilização greco-romana. No entanto, apesar de todas estas características desabonadoras o pior acontecimento do Ponto foi o nascimento de Marcião, vejamos:

Mesmo assim a coisa mais **bárbara** e melancólica a respeito do Ponto é que Marcião nasceu lá. Mais inoperante do que um Cítio, mais vagante do que um habitante de carroças, mais incivilizado do que os Massagetas, mais insolente do que as Amazonas, mas escuro do que a neblina, mais frio do que o inverno, mais áspero do que o gelo, mais traiçoeiro do que o Danúbio e mais precipitado do que o Cáucaso. Evidentemente que, quando por ele o verdadeiro Prometheus, Deus Todo-Poderoso, é rasgado em migalhas com suas blasfêmias. Mais condutor de coisas ruins do que as feras selvagens daquela região bárbara é Marcião. Pois, é algum castor mais auto-castrante do que este homem que aboliu o casamento? Qual rato do Ponto é mais corrosivo do que o homem que roeu os evangelhos? (TERTULLIAN, 1972. Livro I. Cap. 1. Tradução e grifo do autor)<sup>36</sup>

<sup>35</sup>“Of course it is another matter if among the men of Pontus the infants of that barbarous race break forth to battle... These same who know how to handle a spear before they learn to chew. But now, since nature in no country gives permission for infants to go to war before they learn to live”. (TERTULLIAN, 1972. Book III. Ch. 13)

<sup>36</sup>“Even so, the most barbarous and melancholy thing about Pontus is that Marcion was born there, more uncouth than a Scythian, more unsettled than a Wagon-dweller, more uncivilized than a Massagete, with more effrontery than an Amazon, darker than fog, colder than winter, more brittle

Marcião é a síntese de tudo o que há de ruim no Ponto, afinal de contas um lugar tão ruim com habitantes tão selvagens só poderia gerar um personagem tão nefasto quanto ele, correto? Esta é, ao menos, a lógica que Tertuliano pretende passar para seu leitor, é impossível que um bárbaro oriundo de uma região tão incivilizada quanto o Ponto pudesse ser o representante do verdadeiro cristianismo. No entanto, apesar de todas as qualidades más atribuídas a ele o pior que ele fez foi, segundo Tertuliano, adulterar o evangelho e abolir o casamento. Para Tertuliano o casamento é instituição cristã fundamental e ao longo de todo o livro ele dedica vários momentos para refutar o celibato total imposto pelos marcionitas. Embora ele mesmo pregasse um comportamento ascético para os cristãos, seu ascetismo não ia tão longe quanto o dos marcionitas. Tertuliano era a favor do casamento e o sexo era visto como permitido apenas para fins de procriação e dentro do casamento. Além do mais, para ele uma pessoa só poderia se casar apenas uma vez em sua vida, sendo irregular um segundo casamento. No entanto, é importante notar o quanto estas questões eram importantes para identificar e diferenciar as comunidades cristãs naquele momento. Vejamos um desses exemplos onde ele defende o casamento como característica do “verdadeiro” cristianismo:

Devemos nos perguntar se isto é justamente condenado (casamento). Não que tenhamos a intenção de demolir as bênçãos da castidade, como fazem certos Nicolaitas, advogados dos vícios e desejos. Mas sim como quem, sem condenar as relações matrimoniais, reconhece e busca a castidade dando a esta preferência não como uma coisa boa ao invés de uma coisa ruim, mas como algo melhor sobre algo bom. Pois, nós não repudiamos as relações matrimoniais, apenas a posicionamos em um nível de menor importância. Nem exigimos castidade, mas aconselhamos a favor dela. Mantendo ambas as coisas boas e melhores para que sejam seguidas de acordo com a força de cada homem. (TERTULLIAN, 1972. Livro I. Cap. 29. Tradução do autor)<sup>37</sup>

---

than ice, more treacherous than the Danube, more precipitous than Caucasus. Evidently so, when by him the true Prometheus, God Almighty, is torn to bits with blasphemies. More ill-conducted also is Marcion than the wild beasts of that barbarous land: for is any beaver more self-castrating than this man who has abolished marriage? What Pontic mouse is more corrosive than the man who has gnawed away the Gospels?” (TERTULLIAN, 1972. Book I. Ch. 1)

<sup>37</sup>“We have to inquire whether it is justly condemned: not that we intend to demolish the blessedness of chastity, as do certain Nicolaitans, advocates of vice and wantonness; but as those who, without condemning marital intercourse, recognize and seek after chastity, giving it preference, not as a good thing over a bad one, but as a better thing over a good one. For we do not repudiate marital intercourse, but give it lower rank: nor do we demand chastity, but advise it, retaining both the good thing and the better, to be followed according to each man's powers”. (TERTULLIAN, 1972. Book I. Ch. 29)

Para Tertuliano o casamento era algo fundamental para a vida da Igreja cristã, pois sem casamentos não poderia haver famílias e filhos, logo não haveria como o cristianismo se perpetuar ao longo do tempo. Segundo ele Jesus ama as criancinhas, assim não poderia ele ser o representante do Deus de Marcião, pois afinal de contas, ele abomina o casamento, cujo fruto são as criancinhas (TERTULLIAN, 1972. Livro 4. Cap. 23). Como vimos essa era uma das principais doutrinas marcionitas e, conseqüentemente, uma das que mais chamavam a atenção de Tertuliano. Ele retoma várias vezes esse assunto ao longo de sua obra, o que evidencia sua importância para a formação de sua identidade cristã, haja vista que as famílias são a base da comunidade.

Outro artifício muito utilizado por Tertuliano ao desconstruir seus oponentes é a ironia. Ao se referir a esta doutrina da proibição do matrimônio entre os marcionitas ele o faz de modo a ridicularizar o Deus de Marcião, vejamos:

Possivelmente ele (o Deus de Marcião) tem medo do excesso de população, medo do trabalho de liberar a tantos, medo de fazer um grande número de hereges e de ter muitos marcionitas prolíficos gerados de marcionitas. Menos Bárbara do que isso era a dureza do Faraó, que os assassinou quando ainda eram recém-nascidos. O Faraó tomava suas almas, mas este aqui nem lhes dá almas. O Faraó os removia da vida, mas este aqui nem sequer os admite na vida. Em motivo de homicídio não há diferença entre os dois. (TERTULLIAN, 1972. Livro I. Cap. 29. Tradução do autor)<sup>38</sup>

Tertuliano tem uma forma muito ácida de escrever, não contente em refutar seus oponentes ele ainda se permite humilhar a eles e suas crenças. É muito comum, ao longo do texto, encontrarmos Tertuliano adjetivando Marcião ou os marcionitas de “tolos”, “imprudentes”, “infelizes”, “hostis”, “desprezíveis”, “mentirosos”, “loucos”, “obstinados” e etc. são várias as qualidades pejorativas atribuídas a eles como forma de desqualifica-los pessoal e intelectualmente, como neste trecho, “Marcionitas são em geral astrólogos e não tem vergonha nem disso, de que suas vidas são dirigidas pelas estrelas do Criador” (TERTULLIAN, 1972. Livro 1. Cap. 18. Tradução do autor). O objetivo era o de construir uma narrativa na qual fossem apresentados como inferiores em todos os sentidos, como se esta

<sup>38</sup>“Possibly he is afraid of excess of population, afraid of the labour of liberating too many, afraid of making large numbers of heretics, of having too prolific Marcionites begotten of Marcionites. Less arbarous than this was Pharaoh's hardness, which slew them as they were born. Pharaoh takes away their souls, but this one does not give them souls: Pharaoh removes them out of life, but this one does not admit them into life. In the matter of homicide there is no difference between the two”. (TERTULLIAN, 1972. Book I. Ch. 29)

avaliação de inferioridade fosse recair sobre suas considerações teológicas, ou seja, eram desqualificados para que seus argumentos e raciocínios também fossem postos em dúvida e descreditados.

Ainda no que diz respeito a aspectos de identificação culturais ou comportamentais, Tertuliano menciona em algumas passagens “vícios” e “pecados” aos quais os marcionitas estavam sujeitos devido às fraquezas de sua religião. Vejamos um exemplo:

Portanto, vocês que se recusam a temer seu Deus porque ele é bom, o que os impede de cair em todo tipo de vícios. Os grandes prazeres da vida, eu suponho, para todos aqueles que não temem a Deus? Porque se ausentar daqueles prazeres populares, da excitação das corridas, da selvageria dos shows com animais selvagens, a depravação dos palcos? Porque também diante das perseguições vocês não oferecem incensos e ganham sua vida, pela negação? (TERTULLIAN, 1972. Livro I. Cap. 27. Tradução do autor)<sup>39</sup>

Neste trecho ficam evidentes as fronteiras que os cristãos não deveriam cruzar na sua vida cotidiana, algo que já observamos no primeiro capítulo e que era muito combatido por Tertuliano nos textos que escrevia para sua própria comunidade. Aqui podemos ver mais um exemplo de cuidados que os cristãos deviam ter, segundo Tertuliano, na sua convivência social. O circo, a corrida, os teatros e principalmente o martírio. Aqui ele critica a fraqueza da fé marcionita que supostamente seria presa fácil para a tentação da vida no mundo romano. Mas, para nós, o importante é notar a delimitação proposta por Tertuliano no que diz respeito à interação social dos cristãos que fica evidente quando ele julga o que é considerado vício e o que não é. Além das questões de interação social temos também o problema do comportamento individual. Na mesma linha do discurso acima, Tertuliano diz o seguinte sobre os hábitos dos cristãos:

Observe que também houve consideração a respeito daqueles que cometeram gula, luxúria e depravação. Coisas que na maioria das vezes se acalma quando a barriga esta disciplinada. Pois, ‘o povo comeu e bebeu e se levantou para tocar’. E mais, para que a ganancia do dinheiro fosse colocada em cheque, a rivalidade no uso de uma variedade cara de comidas foi posta de lado. E por fim, o

---

<sup>39</sup>“So then, you who decline to fear your god because he is good, what keeps you from bubbling over into all manner of vice the superlative enjoyment of life, I suppose, for all who do not fear God? Why absent yourself from those popular pleasures, the excitement of the race-course, the savagery of the wild beast show, the lechery of the stage? Why also during persecution do you not at once offer your incense, and so gain your life by denial?” (TERTULLIAN, 1972. Book I. Ch. 27)

propósito era de que o homem pudesse estar mais facilmente em forma para o jejum a serviço de Deus, acostumado a escantear vícios de grande reputação e não tendo desejos de se alimentar com delícias. (TERTULLIAN, 1972. Livro II. Cap. 18. Tradução do autor)<sup>40</sup>

Aqui vemos Tertuliano comentando sobre hábitos alimentares e definindo quais comportamentos são considerados aceitáveis e quais são considerados vícios ou pecados dos quais os cristãos devem se abster. Grandes banquetes e festas eram comuns na vida cotidiana no mundo romano, portanto ao propor regular os hábitos alimentares dos cristãos ele estava fazendo clara distinção entre o tipo ideal cristão x os não cristãos. Afinal de contas os cristãos não devem ser como aquelas pessoas do mundo gananciosas, gulosas e luxuriosas. Ao menos este era o discurso, como vimos, na prática nem sempre é assim. Um último aspecto de identidade cultural, mas não menos importante, que diz respeito à atribuição de características dentro do universo do cristianismo são as características carismáticas da fé, ou seja, a forma pelas quais as pessoas experimentam ou vivem sua religião no seu dia a dia. Vejamos esta passagem onde Tertuliano cobra os marcionitas por algumas características que ele entende essenciais, mas que ele não encontra nas igrejas marcionitas:

Então deixe Marcião por em evidencia qualquer dom que exista proveniente de seu Deus, qualquer profeta, desde que tudo falado não pelas emoções humanas, mas pelo espírito de Deus que prenunciou coisas que viriam a acontecer e também tornou manifestos os segredos do coração. Que ele produza um Salmo, uma visão, uma oração, desde que seja espiritual, em êxtase, que significa em suspensão da mente, se puder acrescentar também uma interpretação da língua. Também deixe que ele me prove que na sua presença alguma mulher profetizou, alguma grande comunicadora em meio aquelas mais santas mulheres deles. (TERTULLIAN, 1972. Livro V. Cap. 8. Tradução do autor)<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup>“Observe too that there was also consideration of those com-comitants of gluttony, lust and lechery, which for the most part cool down when the belly is under discipline: for, The people had eaten and drunk, and risen up to play. And further, so that greed of money should be kept in check, at least in so far as the expense of living is alleged as an excuse for it, rivalry in the use of expensive varieties of food was put down”. (TERTULLIAN, 1972. Book II. Ch. 18)

<sup>41</sup>“So then let Marcion put in evidence any gifts there are of his god, any prophets, provided they have spoken not by human emotion but by God's spirit, who have foretold things to come, and also made manifest the secrets of the heart: let him produce some psalm, some vision, some prayer, so long as it is a spiritual one, in ecstasy, which means abeyance of mind, if there is added also an interpretation of the tongue: let him also prove to me that in his presence some woman has prophesied, some great speaker from among those more saintly females of his”. (TERTULLIAN, 1972. Book V. Ch. 8)

Este trecho nos ajuda a visualizarmos a experiência de fé na comunidade de Tertuliano, é importante lembrar que neste momento ele já demonstrava apreço e aproximação pelo movimento montanista cujas características se assemelham muito às descritas acima, uma experiência de fé carismática. No entanto, em meio a seu discurso fica evidente que ele não encontra este tipo de comportamento nas igrejas marcionitas, o que para ele é evidência da não comunhão destas igrejas com Deus e seu espírito santo. Pois as Igrejas 'Apostólicas', para ele as 'verdadeiras', deviam ter todas as características apontadas acima. Algo que ele mesmo deixa claro neste trecho, por exemplo: "Então a tarefa de Marcião é colocar em evidencia hoje na sua Igreja algum espírito do seu Deus porque a partir de agora ele não pode mais estar suprimido e o ato de profetizar não pode mais ser desprezado" (TERTULLIAN, 1972. Livro V. Cap. 15. Tradução do autor).<sup>42</sup> Para Tertuliano estas experiências carismáticas eram fundamentais no cotidiano das reuniões cristãs e constituíam características básicas cujas verdadeiras comunidades cristãs deveriam apresentar, pois eram evidência da presença e aprovação de Deus aos seus verdadeiros fiéis.

A segunda característica fundamental da constituição dos grupos étnicos a ser analisada é a de se possuir uma história em comum. Esta é provavelmente a característica mais ressaltada nos textos dos antigos escritores cristãos para reivindicar a legitimidade de sua fé. É a reivindicação da tradição apostólica. A ligação de suas igrejas com as primeiras comunidades e os primeiros líderes cristãos faz com que seus discursos e suas reflexões teológicas sejam consideradas legítimas interpretações da fé cristã. O cristianismo proclamado nas igrejas supostamente fundadas por apóstolos do próprio Jesus tinha autoridade de verdade divina e evocava inspiração do próprio espírito santo de Deus na medida em que seus fundadores teriam sido escolhidos diretamente pelo próprio Messias. O argumento mais recorrente de todo o livro de Tertuliano é justamente contra a novidade que representava o Deus pregado por Marcião e o seu Cristo que, segundo ele, não tinham ligação com as igrejas apostólicas. Vejamos um exemplo:

---

<sup>42</sup>"So Marcion's task is to put in evidence today in his church some spirit of his god which from now on is not to be quenched, and prophesyings that are not to be despised". (TERTULLIAN, 1972. Book V. Ch. 15)

Na apresentação de minha posição contra todas as heresias meu habito é de dar ênfase na evidencia da datação, reivindicando que a nossa regra de fé veio primeiro e que toda heresia teve sua emergência mais recentemente. (TERTULLIAN, 1972. Livro V. Cap. 19. Tradução do autor)<sup>43</sup>

Tertuliano apela para o reconhecimento das datas, ou seja, seu argumento é de que Marcião é posterior à era apostólica e, portanto, os textos originais e o verdadeiro cristo foram pregados antes dele e só depois ele entrou em contato com essa pregação e com esse Cristo e acabou modificando seu entendimento. Em vários momentos do texto ele ressalta a distância temporal entre o início da pregação de Cristo em Israel e o início da pregação de Marcião em meados do segundo século. Para ele os mais de 100 anos de distância evidenciam a novidade do Deus proclamado por Marcião que não era o mesmo proclamado por Jesus e seus discípulos. Vejamos como ele reforça este argumento:

Em resumo: Se é de comum acordo que o que tem a melhor reivindicação para a verdade é aquilo que vem prioritariamente mais cedo, e que possui esta prioridade aquilo que tem existido desde o princípio, e o que tem existido desde o princípio é o que vem dos apóstolos. Assim, não haverá menos concordância de que o que foi deixado pelos apóstolos é o que é mantido sagrado e inviolado nas igrejas que os apóstolos fundaram. (TERTULLIAN, 1972. Livro IV. Cap. 5. Tradução do autor)<sup>44</sup>

Possuir uma história em comum palpável e possível de ser traçada desde o seu princípio era, sem dúvida, o principal fator legitimador encontrado pelos antigos escritores cristãos para reivindicar a autoridade do cristianismo que pregavam e servia de fator identificador e diferenciador entre as comunidades cristãs. Como vimos na citação acima, para Tertuliano, esse é seu principal argumento para refutar a legitimidade de todas as “heresias” ou todos os cristianismos considerados desviantes de acordo com sua concepção da fé. E é nesse momento que se torna evidente o problema do cânon das escrituras sagradas cristãs proposto por Marcião, pois se o legítimo cristianismo é o proclamado pelos

<sup>43</sup> “In my statement of case against all heresies my custom is to mark out a short cut on the evidence of dating, claiming that our rule of faith came first and that all heresy is of more recent emergence”. (TERTULLIAN, 1972. Book V. Ch. 19)

<sup>44</sup> “To sum up: if it is agreed that that has the greater claim to truth which has the earlier priority, and that has the priority which has been so since the beginning, and that has been since the beginning which was from the apostles, there will be no less agreement that that was handed down by the apostles which is held sacred and inviolate in the churches the apostles founded”. (TERTULLIAN, 1972. Book IV. Ch. 5)

apóstolos do Messias e eles supostamente deixaram vários textos escritos, por eles mesmo ou por discípulos ligados a eles, como não aceitar a autoridade destes escritos? Para Tertuliano era inconcebível a rejeição proposta por Marcião de todos os escritos apostólicos exceto aqueles atribuídos ao apóstolo Paulo. Marcião alegava que tanto os evangelhos quanto as cartas atribuídas aos outros apóstolos haviam sido corrompidos ao longo do tempo no processo de transmissão desses textos e por isso, não eram mais confiáveis. Vejamos o que diz Tertuliano sobre esta questão:

(...), Mas se foi após a era apostólica que a verdade sofreu adulteração no que diz respeito à fé em Deus, acontece que no seu próprio tempo a tradição apostólica não sofreu adulteração no que diz respeito às regras da fé em Deus. E nós devemos ser levados a reconhecer como apostólica nenhuma outra tradição que não seja a pregada hoje pelas igrejas apostólicas. No entanto, você não encontrará nenhuma igreja de origem apostólica cujo cristianismo repudia o Criador. E mais, se essas igrejas forem consideradas como sendo corrompidas desde o princípio pode alguma igreja ser levada em consideração? (...) Coloque em evidência apenas uma de suas igrejas cuja origem é apostólica, e você terá me convencido. (TERTULLIAN, 1972. Livro I. Cap. 21. Tradução do autor)<sup>45</sup>

Novamente o fator legitimador é a tradição apostólica mantida nas igrejas apostólicas cuja origem pode ser traçada desde o princípio. O desafio proposto aos marcionitas de provar a origem apostólica de ao menos uma de suas igrejas serve de demonstração da proporção desta reivindicação. Afinal de contas, se os marcionitas conseguissem provar que ao menos uma de suas igrejas tinha a origem ligada a um apóstolo, Tertuliano se veria, em suas próprias palavras, “convencido”. É visível o quanto a origem apostólica servia de fator de distinção entre os cristianismos nos primeiros séculos. Mesmo os evangelhos e os outros textos cristãos tinham de passar por esse teste para que sua autoridade fosse validada, vejamos dois exemplos:

---

<sup>45</sup>“But if it was after the apostolic age that the truth suffered adulteration as regards the rule of faith in God, it follows that in its own time the apostolic tradition suffered no adulteration as regards God's rule of faith, and we shall be called upon to recognize as apostolic no other tradition than that which is today set forth in the apostolic churches. But you will find no church of apostolic origin whose Christianity repudiates the Creator. Or else, if these churches are taken to have been corrupt from the beginning, can any churches be sound? ... Put in evidence a single one of your churches which is of apostolic origin, and you will have me convinced”. (TERTULLIAN, 1972. Book I. Ch. 21)

A mesma autoridade das igrejas apostólicas serve de testemunha para os outros evangelhos, que não menos do que o de Lucas, nós possuímos através de sua atuação e de acordo com seus textos. Eu quero dizer João, Matheus e, também, aquele produzido por Marcos que é considerado como sendo de Pedro de quem Marcos era interprete... (TERTULLIAN, 1972. Livro IV. Cap. 5. Tradução do autor)<sup>46</sup>

(...) nós temos também igrejas que foram tuteladas por João. No entanto, Marcião desautoriza o seu Apocalipse, mesmo que a sucessão de seus bispos quando traçada de volta a suas origens se encontrará alicerçada em João como seu originador, do mesmo modo a legitimidade das outras igrejas devem ser testadas. (TERTULLIAN, 1972. Livro IV. Cap. 5. Tradução do autor)<sup>47</sup>

Para Tertuliano os evangelhos possuem autoria, os Apóstolos. No entanto, Marcião não dá crédito a ninguém por seu evangelho. Ele aceita apenas Paulo como representante do verdadeiro Deus e Tertuliano lembra que Paulo é posterior aos apóstolos de Cristo e ele mesmo reconhecia a autoridade dos outros apóstolos que o precederam. Dessa forma, seria ilegítimo recusá-los em favor apenas daquele que veio por último (TERTULLIAN, 1972. Livro IV. Cap. 2.). Ele não negava a existência das igrejas marcionitas e o seu alcance no mundo romano, sua preocupação era apenas com a legitimidade de sua fé. Qualificá-los como uma novidade no mundo cristão, algo posterior e sem ligação com as origens apostólicas das principais igrejas era importante para desautorizar sua concepção religiosa, suas obras escritas e principalmente seu cânon de escrituras cristãs. Vejamos o que ele diz a respeito:

Admitimos que aquele evangelho também tem suas igrejas, mas elas são em si mesmas recentes e espúrias. Se você procurar sua ancestralidade é mais provável você encontrá-la de origem apóstata que de origem apostólica, tendo por fundador ou Marcião ou algum de seus seguidores. (TERTULLIAN, 1972. Livro IV. Cap. 5. Tradução do autor)<sup>48</sup>

---

<sup>46</sup>“That same authority of the apostolic churches will stand as witness also for the other gospels, which no less than Luke's we possess by their agency and according to their text—I mean John's and Matthew's, though that which Mark produced is stated to be Peter's, whose interpreter Mark was”. (TERTULLIAN, 1972. Book IV. Ch. 5)

<sup>47</sup>“We have also churches which are nurselings of John's: for although Marcion disallows his apocalypse, yet the succession of their bishops, when traced back to its origin, will be found to rest in John as originator. In the same way also the legitimacy of the other churches is to be tested”. (TERTULLIAN, 1972. Book IV. Ch. 5)

<sup>48</sup>“Admittedly that gospel too has its churches; but they are its own, of late arrival and spurious: if you search out their ancestry you are more likely to find it apostatic than apostolic, having for founder either Marcion or someone from Marcion's hive”. (TERTULLIAN, 1972. Book IV. Ch. 5)

Desse modo o marcionismo é caracterizado como uma novidade, algo que representa uma ruptura, que não possui vínculo, não possui uma história em comum com as origens do cristianismo e, de acordo com este raciocínio, não pode ser legítimo ou ter uma autoridade divina. Marcião é visto como um antigo conhecedor do “verdadeiro” cristianismo que, por razões próprias, optou por modificar e romper com a tradição apostólica e passou a pregar seu próprio cristianismo. Um verdadeiro “herege” que escolheu o desvio ao invés da tradição, como podemos ver em seguida:

Em verdade o Euxino deu à luz um animal mais aceitável para os filósofos do que para os cristãos. Aquele adorador de cães Diógenes carregava uma lamparina por volta do meio dia, em busca de um homem, enquanto Marcião ao apagar a luz de sua fé perdeu o Deus que um dia havia encontrado. Seus seguidores não podem negar que a sua fé no princípio concordava com a nossa, pois sua própria carta prova isto. Para que sem mais a acrescentar aquele homem possa ser considerado um herege ou optante, que, esquecendo o que um dia foi, optou por conta própria por aquilo que antes não existia. Pois aquilo que são importações posteriores devem ser reconhecidas como heresia, precisamente pois deve ser considerado verdade aquilo que foi entregue desde antigamente e desde o princípio. (TERTULLIAN, 1972. Livro I. Cap. 1. Tradução do autor)<sup>49</sup>

Por fim, o terceiro fator destacado por Barth é o de se possuir uma herança cultural tradicional. Este é sem dúvida o argumento central da obra *Adversus Marcionem*, pois é a partir da defesa da herança judaica, na defesa do Deus dos judeus e de suas escrituras que reside o maior fator de diferenciação entre a concepção teológica de Tertuliano em contraposição a Marcião. O argumento central é de que a concepção religiosa proposta e defendida por Marcião proclamava um Deus estrangeiro e desconhecido que não possuía raízes no mundo dos homens e o seu Cristo é igualmente uma novidade e nada tinha a ver com o Messias judaico. Vejamos em suas próprias palavras:

---

<sup>49</sup> “Truly the Euxine has given birth to a wild animal more acceptable to philosophers than to Christians: that dog-worshipper Diogenes carried a lamp about at midday, looking to find a man, whereas Marcion by putting out the light of his own faith has lost the God whom once he had found. His followers cannot deny that his faith at first agreed with ours, for his own letter proves it: so that without further ado that man can be marked down as a heretic, or 'chooser', who, forsaking what had once been, has chosen for himself that which previously was not. For that which is of later importation must needs be reckoned heresy, precisely because that has to be considered truth which was delivered of old and from the beginning”. (TERTULLIAN, 1972. Book I. Ch. 1)

Então quando me contam sobre um novo Deus, desconhecido e sobre o qual nunca falaram no mundo antigo, nos tempos antigos do antigo Deus. Quando eu ouço que em todas aquelas eras passadas ele não existia, era antigo apenas através da ignorância dos homens sobre ele. E aquele Jesus Cristo, ele mesmo novo, mas sob nomes antigos, o revelou como ninguém havia feito até agora. (TERTULLIAN, 1972. Livro I. Cap. 8. Tradução do autor)<sup>50</sup>

A desconexão entre as antigas raízes judaicas e a novidade do Deus proclamado por Marcião tornam seu discurso ilegítimo, pois o “verdadeiro” Deus deveria ser eterno e conhecido desde o princípio pela sua criação. O raciocínio de Tertuliano leva em conta a onipotência atribuída ao Deus que teria criado todo o universo e seria, portanto, conhecido e reconhecido por sua própria criação desde os tempos mais antigos. Sua novidade colocaria em xeque a plenitude de seus atributos divinos, logo, ele só poderia ser uma invenção posterior:

Aquele homem do Ponto achou conveniente inventar um segundo Deus enquanto negava o primeiro. Eu, entretanto, nego totalmente a existência do segundo enquanto mantenho que o primeiro é Deus em sua plenitude. Marcião só poderia construir sua mentira se primeiro destruísse a verdade. (TERTULLIAN, 1972. Livro II. Cap.1. Tradução do autor)<sup>51</sup>

Ele recorre ao argumento da antiguidade como fator legitimador da sua fé, aquele Deus era conhecido por todos os povos desde muitas eras passadas e o conhecimento dele era transmitido de geração em geração entre os povos como uma herança da humanidade. Nas palavras de Tertuliano:

O conhecimento inerente à alma desde o princípio é o dom de Deus, o mesmo e único seja entre os Egípcios, Sírios ou homens do Ponto. É o Deus dos Judeus que a alma dos homens chama de Deus. Abstenha, bárbaro e herege de colocar Abraão como mais velho do que o mundo. Mesmo que Deus tenha sido o criador de uma família e mais nenhuma, ele não era posterior ao seu Deus. Até mesmo os homens do Ponto o conheciam antes mesmo de conhecerem o seu Deus. (TERTULLIAN, 1972. Livro I. Cap. 9. Tradução do autor)<sup>52</sup>

<sup>50</sup> “So when I am told of a new god, unknown and unheard of in the old world, in old time, under the old God: when I hear that in all those past ages he was not, was ancient only in men's ignorance of him, and that one Jesus Christ, himself new but under ancient names, has revealed him, as no one had until now”. (TERTULLIAN, 1972. Book I. Ch. 8)

<sup>51</sup> “That man from Pontus has seen fit to invent a second god, while denying the first: I however totally deny the existence of the second, while maintaining that the first is God in full right. Marcion could only build up his falsehood by first breaking down the truth”. (TERTULLIAN, 1972. Book II. Ch.1)

<sup>52</sup> “The knowledge inherent in the soul since the beginning is God's endowment, the same and no other whether in Egyptians or Syrians or men of Pontus. It is the God of the Jews whom men's souls call God. Abstain, barbarian and heretic, from setting up Abraham as older than the world. Even if God

De modo que todo ser humano sobre a face da terra de algum modo reconhecia a divindade do Criador devido ao dom da vida incutido na alma de toda a Criação divina. Dessa forma, Tertuliano cria um laço eterno entre os homens e Deus, ou seja, o Criador possuía um vínculo com toda sua criação, de modo que o Deus de Marcião, nunca antes proclamado, não possuía conexão com os homens, logo, era um estrangeiro e “nenhuma menção jamais foi feita de um segundo Deus ou um segundo Cristo até a ofensa de Marcião vir à tona” (TERTULLIAN, 1972. Livro III. Cap. 1. Tradução do autor).<sup>53</sup> Assim, o Deus e principalmente o Cristo de Marcião tem sua origem questionada e Tertuliano aproveita para caracterizá-lo como fruto de inspirações pagãs, especialmente os filósofos. Para ele, “nosso conhecimento sobre Deus veio a nós pelos profetas e por Cristo, não por filósofos nem por Epicuro<sup>54</sup>” (TERTULLIAN, 1972. Livro II. Cap. 16. Tradução do autor).<sup>55</sup> Uma dupla distinção aqui é feita. A origem na filosofia da religiosidade de Marcião em contraposição à origem divina, tradicional e antiga vinculada à religiosidade de Tertuliano que se tornou conhecida “pelos profetas”. A distinção é clara, a ideia de que a “verdade” possui uma base sólida e confiável enquanto a heresia é fruto de reflexões vãs e se origina dos homens nos meios pagãos. O verdadeiro Cristo já havia sido prenunciado pelos profetas através das escrituras hebraicas. E tudo o que se cumpriu em Jesus Cristo foi profetizado no passado pelos servos do Criador, vejamos:

Sendo assim, eu proponho para provar que os mesmos milagres, que são a única evidência que vocês utilizam para dar razão a sua crença em Cristo. O Criador já há muito tempo, de tempos em tempos, os escreveu através de seus servos e desde muito tempo tem indicado que seriam cumpridos pelo seu Cristo. (TERTULLIAN, 1972. Livro III. Cap. 3. Tradução do autor)<sup>56</sup>

---

had been the creator of one family and no more, he was not of later origin than your god: even the men of Pontus knew him before they knew of yours”. (TERTULLIAN, 1972. Book I. Ch. 9)

<sup>53</sup>“No mention was ever made of a second god or a second Christ until Marcion's offence came in”. (TERTULLIAN, 1972. Book III. Ch. 1)

<sup>54</sup>Filósofo grego do século III a.C. cujo pensamento se centrava na ideia da busca pela felicidade por meio dos prazeres simples da vida cotidiana. (YOUNG, 2010. P. 279.)

<sup>55</sup>Our knowledge of God comes to us from the prophets and from Christ, not from the philosophers or from Epicurus”. (TERTULLIAN, 1972. Book II. Ch. 16)

<sup>56</sup>“I propose to prove that the same miracles which are the only evidence you lay claim to for belief in your Christ, the Creator had already of old wrought from time to time by his servants, and from time to time had indicated that they would be performed by his Christ”. (TERTULLIAN, 1972. Book III. Ch. 3)

Marcião é acusado de ter inventado uma separação entre a Lei e o Evangelho, entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento, e de ter colocado em lados opostos YAHWEH e Jesus. Para Tertuliano o Cristo e seus apóstolos jamais pregaram essa distinção e o Deus de Marcião “(...), Portanto, ele não foi revelado por Cristo, que veio antes da separação, mas foi inventado por Marcião” (TERTULLIAN, 1972. Livro I. Cap. 19. Tradução do autor).<sup>57</sup> Esta separação, muito explorada em sua obra *Antitheses*, é o centro da fé marcionita e justamente por isso é que a defesa da herança judaica do cristianismo é fundamental para Tertuliano deslegitimar seu oponente. Como ele mesmo diz:

A separação da Lei e do Evangelho é a primeira e principal exploração de Marcião. Seus discípulos não podem negar o principal argumento de seu documento, o documento pelo qual eles são induzidos e confirmados nesta heresia. Pois esta é a Antítese de Marcião, ou oposições contrárias, que foi projetada para mostrar o conflito e o desacordo entre a Lei e o Evangelho. (TERTULLIAN, 1972. Livro I. Cap. 19. Tradução do autor)<sup>58</sup>

Dessa forma, Tertuliano defende exaustivamente a herança judaica através da leitura e interpretação de diversas passagens das escrituras hebraicas que, no seu entendimento, se mostram em total conexão com passagens das escrituras cristãs, mesmo aqueles textos mantidos por Marcião. No entanto, ele faz questão de ressaltar que para dar razão a sua interpretação Marcião teria propositalmente adulterado os evangelhos, vejamos: “(...) No entanto, presumivelmente Marcião apagou do evangelho o testemunho de Cristo sobre o Criador (...)” (TERTULLIAN, 1972. Livro II. Cap. 17. Tradução do autor).<sup>59</sup> Como vimos, se houve de fato uma adulteração dos textos preservados por marcionitas nós ainda não temos como afirmar com certeza. Esta é uma das questões que permanecem em discussão no meio acadêmico. O que podemos afirmar com certeza é que Tertuliano se viu muito irritado ao não encontrar nos textos marcionitas

---

<sup>57</sup> “(...), And so he was not revealed by Christ, who came before the separation, but was invented by Marcion”. (TERTULLIAN, 1972. Book I. Ch. 19)

<sup>58</sup> “The separation of Law and Gospel is the primary and principal exploit of Marcion. His disciples cannot deny this, which stands at the head of their document, that document by which they are inducted, into and confirmed in this heresy. For such are Marcion's Antitheses, or Contrary Oppositions, which are designed to show the conflict and disagreement of the Gospel and the Law”. (TERTULLIAN, 1972. Book I. Ch. 19)

<sup>59</sup> “(...) for although Marcion has presumed to erase from the gospel this testimony of Christ to the Creator (...)”. (TERTULLIAN, 1972. Book II. Ch. 17)

passagens que evidenciam, segundo a sua interpretação, a conexão entre as escrituras hebraicas e as cristãs.

No entanto, apesar de sua irritação Tertuliano procura demonstrar minuciosamente principalmente através de seus dois últimos livros, nos quais ele comenta passagem por passagem os textos de Marcião, que mesmo em seu próprio evangelho e no *Apostolikon* há evidências claras para defender a herança judaica de Cristo. Ou seja, mesmo nos textos marcionitas ele aponta como o cristianismo é um desenvolvimento do judaísmo e que o Deus dos judeus é o único e mesmo Deus proclamado por Jesus Cristo e seus apóstolos, e Jesus Cristo é o Messias prenunciado pelos profetas judaicos. Uma minuciosa e extensa argumentação que aparece reafirmada por toda a obra e serve para defender a conexão entre YAHWEH e Jesus Cristo. Para ele, Jesus não descumpriu a Lei, mas a tornou perfeita e a levou à plenitude, vejamos:

De fato, a própria ansiedade de Marcião, no que diz respeito as circunstâncias já citadas, de colocar Cristo em oposição ao Criador, na verdade reforça a sua unidade..., Portanto, a antítese de Marcião torna mais fácil explicar como o modo de agir do Criador foi remodelado por Cristo ao invés de repudiado, restaurado ao invés de rejeitado. (TERTULLIAN, 1972. Livro II. Cap. 29. Tradução do autor)<sup>60</sup>

O evangelho é visto como um avanço, uma reinterpretação que leva à plenitude algo que ainda era incompleto. Nas suas próprias palavras, “(...) e assim também o evangelho é separado da Lei porque ele é um avanço a partir da Lei, diferente da Lei, contudo não é estranho à Lei, diferente, entretanto não oposto” (TERTULLIAN, 1972. Livro IV. Cap. 11. Tradução do autor).<sup>61</sup>

Assim, Tertuliano busca destacar que apesar de uma aparente contradição entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento, o próprio Deus havia predito através de seus profetas que a Lei teria um cumprimento até um tempo determinado e depois seria renovada, vejamos as palavras de Tertuliano:

---

<sup>60</sup>“In fact Marcion's very anxiety, by means of the instances cited, to set Christ in opposition to the Creator, does rather envisage their unity ... So Marcion's antitheses make it easier to explain how the Creator's mode of action was by Christ rather refashioned than repudiated, restored rather than rejected”. (TERTULLIAN, 1972. Book II. Ch. 29)

<sup>61</sup>“So also the gospel is separated from the law, because it is an advance from out of the law, another thing than the law, though not an alien thing, different, though not opposed”. (TERTULLIAN, 1972. Book IV. Ch. 11)

Nós também afirmamos que a 1ª epístola contra o Judaísmo é aquela apresentada aos Gálatas. E nós recebemos de braços abertos toda aquela abolição da antiga Lei. A abolição em si mesmo deriva da ordem do Criador, e eu já discuti mais de uma vez neste livro sobre a renovação prenunciada pelos profetas do Deus que é o meu. Mas, se o Criador prometeu que as coisas antigas iriam passar, porque ele disse que coisas novas viriam e Cristo marcou a data daquela passagem colocando João como uma fronteira fixa entre uma ordem e a outra, de coisas antigas chegando ao fim e novas coisas começando. O apóstolo também por necessidade revelou em Cristo após João, invalidando as coisas antigas enquanto validava as coisas novas. E, portanto, levava em consideração a este respeito a fé de nenhum outro Deus que não o Criador sob cuja autoridade foi profetizado que as coisas antigas passarão. (TERTULLIAN, 1972. Livro V. Cap. 2. Tradução do autor)<sup>62</sup>

O detalhe decisivo para Tertuliano é encontrado no próprio evangelho de Marcião, onde Jesus Cristo é identificado por um de seus apóstolos como “Filho de Davi”. Aparentemente um mero detalhe, mas que para ele vincula indiscutivelmente Jesus à figura do Messias judaico profetizado nas antigas escrituras hebraicas. Segundo Tertuliano, “Mas, de fato, por esta expressão ‘Filho de Davi’ eu posso, nos seus próprios termos destruir o argumento da antítese” (TERTULLIAN, 1972. Livro IV. Cap. 36. Tradução do autor).<sup>63</sup> De fato, pareceria lógico para um profundo conhecedor dos textos hebraicos visualizar a conexão expressa no termo “Filho de Davi”: Davi, o principal rei judaico, figura tipológica do Messias que há de vir, além da grande variedade de profecias judaicas que apontavam o Messias vindouro como oriundo da descendência de Davi. Logo, para Tertuliano a batalha contra os marcionitas estava ganha. A defesa da herança tradicional judaica se tornou um dos pontos centrais de sua obra que contribuiu para construir um discurso que conectava Cristo e o cristianismo ao judaísmo, como origem e fim de um processo. A legitimidade do “verdadeiro” cristianismo estava, assim, fortemente amarrada à conjunção de três fatores decisivos e interligados, as

---

<sup>62</sup>“We too claim that the primary epistle against Judaism is that addressed to the Galatians. For we receive with open arms all that abolition of the ancient law. The abolition itself derives from the Creator's ordinance, and I have already in these books more than once discussed the renovation foretold by the prophets of the God who is mine. But if the Creator promised that old things would pass away, because, he said, new things were to arise, and Christ has marked the date of that passing -setting up John as a boundary stone between the one order and the other, of old things thereafter coming to an end, and new things beginning,- the apostle also of necessity, in Christ revealed after John, invalidated the old things while validating the new, and thus has for his concern the faith of no other god than that Creator under whose authority it was even prophesied that the old things were to pass away”. (TERTULLIAN, 1972. Book V. Ch. 2)

<sup>63</sup>“But in fact by this expression son of David I can, on its own terms, blunt the point of the antithesis”. (TERTULLIAN, 1972. Book IV. Ch. 36)

“verdadeiras” igrejas cristãs eram aquelas que compartilhavam uma mesma identidade, possuíam uma história em comum e estavam pautadas pela defesa e continuidade de uma herança cultural tradicional, o judaísmo.

## CONCLUSÃO

As relações entre os cristãos e os não cristãos foram assunto de primeira importância para os antigos escritores cristãos. Desde o primeiro século via-se a necessidade de delimitar o que se podia ou não fazer, ou qual era o melhor comportamento de um “verdadeiro” cristão no exercício do convívio social. Como o cristianismo ainda era uma novidade no âmbito do império romano era natural que as bases fundamentais de sua identidade ainda tivessem que ser construídas no seio de suas primeiras comunidades. Espelhar-se nos outros para definir quem eram os cristãos foi desde o início o principal método utilizado pelas lideranças cristãs para construir estas fronteiras identitárias. Definir o seu antítipo para se auto definir foi a maneira encontrada para levar a cabo esta tarefa.

O movimento de Jesus, que surgiu como um movimento camponês do interior da Palestina encontrou terreno fértil para se desenvolver em meio a um judaísmo que já há algum tempo vinha sofrendo as consequências de um processo de helenização, o embate entre Helenismo e tradicionalismo já vinha gerando subdivisões e grupos no âmbito judaico e o discurso de quebra deste tradicionalismo aliado aos fortes aspectos de reivindicação messiânica atrelados a Jesus logo encontraram adeptos no universo da diáspora judaica. Os seguidores de Jesus na diáspora acabaram abrindo as portas do mundo romano para o desenvolvimento do cristianismo, que no seu contato com outras culturas desenvolveu uma religiosidade proselitista e universalista. Ao avançar do tempo e com o gradual desaparecimento das figuras dos apóstolos as comunidades cristãs viram a emergência da liderança dos presbíteros e bispos, agentes sacerdotais que eram eleitos em meio aos membros da comunidade e tinham a responsabilidade de serem verdadeiros pastores do rebanho cristão. O rápido e abrangente crescimento da fé cristã acabou gerando o surgimento de vários cristianismos espalhados ao longo do império romano que ameaçavam a unidade do movimento. Estas lideranças perceberam a necessidade de assentar as bases fundamentais de sua fé a fim de dar sustentação e unidade para o movimento. Logo, um cristianismo mais aceito pela maioria e cuja abrangência era maior no âmbito do império iria, pouco a pouco, sendo legitimado como um “cristianismo apostólico”. Em sua defesa diversos autores produziram discursos nos quais o contrapunham a “heresias”, ou cristianismos desviantes.

A obra de Tertuliano de Cartago é um exemplo deste processo. Por meio de sua análise conseguimos observar o quanto a construção do seu discurso age neste sentido, de lançar as bases da identidade cristã. Muitas de suas obras que são dedicadas ao público interno de sua comunidade servem justamente para criar limites entre cristãos e pagãos e, da mesma forma, vários de seus textos contra outros grupos cristãos, tais como os marcionitas, servem para delimitar o “verdadeiro cristianismo”. Pudemos notar através do depoimento de importantes figuras do cristianismo antigo que sua vasta obra teve grande influência no clero posterior a ele. O presbítero Tertuliano desenvolve uma argumentação de caráter jurídico, legalista (possivelmente fruto de sua formação) que inaugura a literatura cristã latina e a linguagem cristã latina. A influência de sua maneira de argumentar e de sua linguagem cristã permanece presente até hoje no cristianismo ocidental.

A cidade de Cartago, na província africana, era importante entreposto comercial do Mediterrâneo. Um polo cultural e econômico do império que foi o berço do cristianismo ocidental. Era uma espécie de celeiro do Mediterrâneo, que devido a antigas políticas de assentamento romanas foi uma região que, desde muito cedo, se desenvolveu e enriqueceu. Possuía uma grande população urbana e o cristianismo estava presente em todos os estratos desta população. Sua posição de importância no império a tornou local de grande influência política, cultural e religiosa no mundo antigo. Os primeiros cristãos teriam chegado lá ainda em finais do primeiro século justamente através das rotas comerciais. Em seu princípio o cristianismo ainda era visto como um movimento judaico e, portanto, passava despercebido pelas autoridades romanas. No entanto, após as guerras judaicas as atenções estavam voltadas para os judeus que haviam perdido boa parte de seus privilégios conquistados anteriormente e a distinção entre judeus e cristãos passou a se tornar mais evidente. As perseguições aos cristãos não demoraram muito a começar e Cartago não foi exceção. Na época de Tertuliano já o encontramos mencionando o martírio e sua importância para a identidade cristã.

No primeiro capítulo pudemos destacar vários aspectos da identidade cristã propostos por Tertuliano que transparecem em sua obra, especialmente no que diz respeito à relação dos cristãos com os não cristãos. Em primeiro lugar, no que diz respeito à associação cristã, é claro que a preocupação de Tertuliano era em abraçar quem aceitasse a fé em Cristo ao invés de repudiar ou punir más condutas, ou até mesmo expulsar aqueles que agissem errado. Para ele

não era nem necessário ser batizado para ser considerado cristão, um simples estudante que havia se disposto a se iniciar na fé já possuía este status. A manutenção da associação cristã não era o foco de seus textos já que parecia algo difícil de ser perdido, o máximo que poderia acontecer a algum cristão que cometesse erros era ser punido publicamente quantas vezes fosse necessário, mas sem o risco de ser expulso. Para ele eram obrigações dos cristãos o cuidado dos pobres, dos mártires e o comparecimento às reuniões semanais.

O segundo aspecto que aparece em sua obra e revela características identificadoras dos cristãos em relação aos pagãos são os comportamentos gestuais habituais dos cristãos. Há dois em especial que chamam a atenção pública, que são o tradicional cumprimento com um beijo e o sinal da cruz. Ambos os gestos eram comumente praticados por cristãos nos mais variados momentos do seu dia a dia e isso, com o passar do tempo, foi se consolidando como um fator de identificação cristã no que diz respeito à percepção da comunidade não cristã.

No entanto, a maneira mais comum de se identificar cristãos no mundo antigo era através da associação, ou seja, o terceiro aspecto identificador é também o mais óbvio, ao se reunirem frequentemente num mesmo local é evidente que a comunidade não cristã passaria a identificá-los como cristãos, mas não apenas no caso das reuniões congregacionais. Há também o caso das reuniões para visitas aos mártires presos e visitas aos mais pobres que não eram comportamentos usualmente praticados pela comunidade não cristã e, conseqüentemente, acabavam chamando a atenção dos mesmos.

Ainda assim, o principal fator de identificação cristã pelos não cristãos é o quarto aspecto, as abstenções, ou seja, é ao não participar da vida cotidiana em comunidade que os cristãos eram mais facilmente identificados por esta comunidade. Especialmente no que diz respeito às ausências das atividades públicas que envolviam cultos e ou sacrifícios aos deuses ou aos imperadores. Como já foi dito anteriormente, no período imperial as festividades cívicas e religiosas eram a base de sustentação ideológica da autoridade romana e o não comparecimento a elas era encarado como desrespeito e afronta aos deuses. Não por acaso este era o principal motivo das perseguições aos cristãos no mundo romano.

Contudo, também ficou evidente através de nossa análise do discurso produzido por Tertuliano que existe uma clara diferença entre discurso e prática. Enquanto temos o autor delimitando e definindo práticas aceitáveis para os “verdadeiros” cristãos também podemos perceber embates no âmbito da prática. Por exemplo, ao proibir a presença de cristãos no circo, nos teatros, nos festivais, nos banquetes, ao tentar propor a forma adequada pela qual as mulheres devem se vestir, as profissões que podem ou não ser praticadas por cristãos, fica implícito na construção de seu argumento que na prática os membros de sua comunidade não pareciam dar tanta importância para estas questões e claramente nem sempre seguiam suas recomendações. Novamente devemos retomar Barth e Siân Jones para entendermos que as identidades são fluidas e na prática os indivíduos ativam diferentes identidades em diferentes ocasiões no seu cotidiano.

No segundo capítulo voltamos nossa atenção para um caso mais específico, o livro *Adversus Marcionem*, com o intuito de analisar na prática como se deu o processo de construção de um antítipo cristão ao mesmo passo em que se construía uma ideia tipológica do que deveria ser o “verdadeiro” cristianismo. Ou seja, ao desconstruir seu oponente e seu sistema de crenças, Tertuliano acabou por fortalecer uma determinada visão de cristianismo e seu discurso serviu para solidificar e estabelecer limites para esta determinada visão do cristianismo, que ele denomina cristianismo apostólico. A interação social com os marcionitas acabou gerando a necessidade de uma resposta por parte do presbítero Tertuliano contra aquilo que ele considerava uma heresia, ou um desvio do “verdadeiro” cristianismo. Marcião foi um personagem histórico fundamental para o cristianismo do segundo século: ele e sua igreja têm sido considerados por muitos os maiores rivais da igreja cristã nos primeiros séculos, devido às proporções que sua igreja conquistou no período em que esteve ativa. Não à toa temos vários relatos de antigos escritores cristãos que escreveram contra os marcionitas e Tertuliano foi, sem dúvida, o principal deles.

Contudo, há muitas dificuldades em se pesquisar Marcião. Como vimos, a falta de remanescentes de seus escritos nos obriga a depender apenas das versões que seus detratores construíram a seu respeito. O maior problema é a confiabilidade das fontes sobre ele, que muitas vezes apresentam versões controversas sobre sua vida, como por exemplo, os relatos de seus improváveis encontros com figuras conhecidas do cristianismo, tais como Cerdo, Policarpo e

João, o evangelista. Análises críticas destas versões nos permitem concluir que a obra de Tertuliano constitui o relato mais confiável possível sobre este personagem. Em termos gerais, o que concluímos é que ele era de Sinope, no Ponto, era um mercador marítimo e esteve em Roma onde foi membro da Igreja por alguns anos até o momento de seu afastamento devido a diferenças de pensamento. A partir dali teria retornado para Sinope e fundado sua Igreja.

Sua concepção teológica foi influenciada pela presença de comunidades judaicas e gnósticas na Ásia menor de sua época. Embora não tenha sido um gnóstico, algumas ideias dele são bem próximas do gnosticismo, tais como a visão pessimista sobre o mundo, repleto de imperfeição e maldade e o sentimento de necessidade de libertação desta situação. Por causa desta concepção ruim sobre o mundo é que ele transfere esta maldade e imperfeição à religião judaica, ou seja, todo o conhecimento que ele tinha do judaísmo e das escrituras hebraicas o fez compreender que o criador deste mundo era YAHWEH e, conseqüentemente, este era um deus malvado e imperfeito. A aparente contradição entre as escrituras hebraicas, e sua divindade, com a mensagem de Cristo o levaram a entender que se tratavam de dois deuses diferentes. O criador era o demiurgo e o deus revelado por Cristo era uma divindade suprema e desprovida de maldade que se fez revelar para libertar as almas dos homens da escravidão da Lei do demiurgo. Marcião produziu ao menos três importantes obras, o seu evangelho, o *Apostolikon* e a *Antitheses*. Infelizmente pudemos verificar que nenhuma delas possui remanescentes e várias tentativas de reconstrução destes textos têm sido levadas a cabo por pesquisadores nos últimos anos, o que tem sido uma tarefa de difícil conclusão. Com estas obras Marcião se tornou o primeiro autor cristão a compilar um conjunto de livros considerados sagrados exclusivamente para os cristãos. Assim, o cânon de Marcião abriu as discussões que iniciaram a formação do Novo Testamento cristão, a recusa de todos os textos que não fossem atribuídos ao apóstolo Paulo gerou fortes reações no meio cristão.

Após a apresentação de Marcião, seu impacto e suas obras, nos voltamos para a análise do livro *Adversus Marcionem* onde Tertuliano desconstrói a imagem de seu oponente ao lhe atribuir todo o tipo de características negativas e atreladas a uma espécie de oposto, ou contrário, de um tipo ideal de cristão. A análise transcorreu tendo por pano de fundo a compreensão elaborada por Barth e Jones acerca do fenômeno das identidades, onde a construção de uma identidade

étnica pode ser observada como resultado de um processo de interação social em que atores pertencentes a grupos identitários diferentes se identificam através de autodescrição e descrição dos outros. A fim de delimitar as fronteiras étnicas alguns discursos são produzidos com o intuito de solidificar representações ideais. Concluímos que Barth ressalta três características fundamentais que regem o processo de construção das identidades e estas três características são facilmente identificadas ao longo da obra *Adversus Marcionem*, pois servem de argumento central do seu discurso.

Ter uma identidade partilhada em comum parece ter sido a característica mais utilizada para denegrir ou diminuir a pessoa de Marcião. Em diversos momentos do texto uma grande variedade de adjetivos pejorativos é atrelada a personalidade dele. A ironia demonstrada por Tertuliano demonstra a acidez de seus argumentos. Marcião é tipificado como um incivilizado, um ignorante ou um bárbaro. Desqualificar sua regra de fé a partir da desqualificação de sua pessoa foi uma das armas utilizadas por Tertuliano e o grande destaque dado a sua origem, um bárbaro do Ponto, certamente legitimava esta ideia, pois não identificava Marcião como um helênico desta forma ele não partilhava da mesma identidade dos outros. No entanto, o argumento de maior autoridade utilizado para deslegitimar o discurso de Marcião foi o de se possuir uma história em comum. O marcionismo é caracterizado como mais do que um rompimento, era algo novo, que ainda não existia e, portanto, sua legitimidade era questionada. A “verdadeira” fé e as “verdadeiras” igrejas cristãs são aquelas que possuem uma história em comum e são, supostamente, vinculadas aos apóstolos de Jesus. A tradição apostólica foi sem dúvida o maior argumento de autoridade utilizado pelos antigos escritores cristão para legitimar sua regra de fé. Não apenas Tertuliano, mas vários dos autores que combateram os cristianismos desviantes evocavam este discurso.

Ao trazer à tona este discurso Tertuliano pretendia rastrear todas as igrejas para saber qual teria sido fundada por algum apóstolo, pois eram nestas que supostamente, o “correto” cristianismo era ensinado. A utilização deste critério de seleção está diretamente relacionado à formação do cânon das escrituras sagradas cristãs. A regra de fé cristã era entendida como sendo aquela pregada pelos apóstolos e mantida nas igrejas fundadas por eles, logo, os textos escritos por eles que também eram mantidos por estas comunidades deveriam ter sua autoridade reconhecida. Ao negar todos os escritos apostólicos, menos os atribuídos ao

apóstolo Paulo, Marcião provocou a ira de muitos dos defensores da tradição apostólica. Tertuliano foi um destes que, por argumentar que as crenças proclamadas por Marcião representavam algo novo e não possuíam uma história em comum com as legítimas origens do cristianismo, afirmou que seu sistema de crença era uma “heresia”, ou um desvio da “verdadeira” fé cristã.

Por último, temos o argumento central da obra, cujo foco, afinal, eram os sistemas de crenças marcionitas. Não possuir uma herança cultural tradicional foi a característica, sem dúvida, mais destacada por Tertuliano ao longo da obra. O marcionismo e sua concepção sobre um Deus estrangeiro, desconhecido até então eram para Tertuliano o “calcanhar de Aquiles” dos marcionitas. A falta de conexão com as antigas raízes judaicas tornava o marcionismo algo ilegítimo. A separação entre as escrituras hebraicas e as escrituras cristãs fazia de Marcião um desviante, um corruptor do evangelho. Tertuliano argumenta passagem por passagem das obras de Marcião em favor da unidade de propósitos entre Antigo e Novo Testamento. Faz questão de ressaltar todas as características judaicas presentes na pregação cristã e, mesmo no evangelho de Marcião, ele aponta Cristo como sendo o Messias judaico ao ressaltar as diversas profecias mencionadas que destacam o cumprimento de diversas características messiânicas na pessoa de Jesus Cristo. O argumento definitivo de Tertuliano para defender a herança judaica do cristianismo fica por conta de uma expressão definitiva que aparece no evangelho de Marcião. “Filho de Davi” é a forma pela qual um apóstolo identifica Jesus no texto. Para Tertuliano nada poderia ser mais claro: Jesus Cristo só poderia ser o Messias judaico e não o representante do Deus desconhecido de Marcião.

A análise da obra nos apresenta minuciosamente o processo de construção de uma certa identidade cristã levado a cabo por Tertuliano. A desconstrução de seu oponente e de seu sistema de crenças acabou contribuindo para dar força a um tipo ideal de cristianismo que estava aos poucos se legitimando no mundo antigo.

Contudo, não param por aí os desafios. Marcião e seu impacto no cristianismo do segundo e terceiro séculos ainda devem ser mais bem compreendidos. Muitas questões permanecem abertas acerca desta que foi, sem dúvida, uma das figuras mais impactantes do cristianismo no segundo século. Desde as tentativas de reconstrução de seus textos até uma melhor compreensão das crenças que propagava são alguns dos pontos que permanecem sendo pesquisados

ainda hoje. Penso que os próximos passos nos estudos sobre este personagem devem ter por foco as relações do marcionismo com o gnosticismo e o judaísmo. A forte presença destas duas religiosidades na Ásia menor do segundo século definitivamente exerceu influência sobre o surgimento do discurso de Marcião e também em seu sucesso. Afinal de contas, seu discurso encontrou terreno fértil para se desenvolver e angariar adeptos que propiciaram a geração de uma das maiores ameaças da igreja cristã no mundo antigo, cuja derrota só foi conquistada após o século IV quando o cristianismo iniciava sua consolidação no império e contava com o apoio do próprio Estado imperial.

A partir da conclusão do presente trabalho de pesquisa, torna-se claro para mim que estudar o processo de construção das identidades no cristianismo antigo contribui para a compreensão do discurso de alteridade e exclusão que as religiões, por vezes, adotam. Estes discursos, em muitos casos, geram intolerância e preconceito religioso, uma realidade muito presente nos dias atuais. Entender o processo de construção de tais discursos permite desconstruí-los mais facilmente. Dessa forma, podemos auxiliar na construção de uma sociedade mais tolerante, plural e democrática, onde o respeito ao outro e às diferenças seja um valor fundamental.

## REFERÊNCIAS

### Fontes:

JEROME. **De Viris Illustribus.** 2018. Disponível em: <http://www.newadvent.org/fathers/2708.htm> Acesso em: Fev/2018.

TERTULLIAN, Quintus. **Adversus Marcionem.** Ernest Evans. Oxford University Press.1972.

TERTULLIAN, Quintus. **De Corona milites..** 2018. Disponível em: <http://www.tertullian.org/anf/anf03/anf03-10.htm> Acesso em: Fev/2018.

TERTULLIAN, Quintus. **On Exhortation to Chastity.** 2018. Disponível em: <http://www.tertullian.org/anf/anf04/anf04-15.htm> Acesso em: Fev/2018.

TERTULLIAN, Quintus. **On the Apparel of women.** 2018. Disponível em: <http://www.tertullian.org/anf/anf04/anf04-06.htm> Acesso em: Fev/2018.

TERTULLIAN, Quintus. **On the Pallium.** 2018. Disponível em: <http://www.tertullian.org/anf/anf04/anf04-03.htm> Acesso em: Fev/2018.

TERTULLIAN, Quintus. **The Apology.** 2018. Disponível em: <http://www.tertullian.org/anf/anf03/anf03-05.htm> Acesso em: Fev/2018.

TERTULLIAN, Quintus. **To his wife.** 2018. Disponível em: <http://www.tertullian.org/anf/anf04/anf04-13.htm> Acesso em: Fev/2018.

TERTULLIAN, Quintus. **The soul's testimony.** 2018. Disponível em: <http://www.tertullian.org/anf/anf03/anf03-20.htm> Acesso em: Fev/2018.

### Bibliografia:

ALTANER, Berthold; STUIBER Alfred. **Patrologia:** vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja. São Paulo. Paulinas. 1988.

AMES, Cecilia. Religión romana y cristianismo. La mirada de Tertuliano em *Apologeticum* y *Ad nationes*. **Circe 10** (2005-2006). Universidad Nacional de Córdoba. Argentina. P. 37-57.

BARTH, Fredrik. Introduction. In: **Ethnic Groups and Boundaries.** F. Barth (Ed.). Boston, MA: Little Brown, 1969, p. 9-38.

\_\_\_\_\_. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth; tradução de Élcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BEVENS, Edwin M. **A sacred people**: Roman identity in the age of Augustus. History Theses. Paper 40. Georgia State University. 2010.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**, São Paulo: Editora Ática, 1994.

CASEY, Robert P. The Armenian Marcionites and the Diatessaron. **Journal of Biblical Literature**. Vol. 57. No. 2 (Jun., 1938), pp. 185-194.

FERGUSON, Everett. Tertullian. **The expository times**. Volume 120. Número 7. Sage Publications. 2009. p. 313-321.

FILORAMO, Giovanni; RODA, Sergio. **Cristianismo e sociedade antiga**. São Paulo: Paulus, 1997.

FORTES, José Júlio. Credibilidade do Cristianismo no *Adversus Haeresis* de Irineu de Lião. **Dissertação** (Mestrado). Universidade Católica Portuguesa. Lisboa. 2014. 118 Folhas.

FOSTER, Paul. Marcion: His life, Works, beliefs and impact. **The Expository Times**. Vol. 121(6) p. 269-280.

FREDRIKSEN, Paula. Mandatory Retirement: Ideas in the Study of Christian Origins Whose Time Has Come to Go. In: CAPES, David B. et. al. (Org.). **Israel's God and Rebecca's Children**: Christology and Community in Early Judaism and Christianity: Essays in Honor of Larry W. Hurtado and Alan F. Segal. Waco: Baylor University Press, 2007. p. 25-38.

FUNARI, Pedro P. A. Identidades Fluidas. In: NOGUEIRA, P. A. S.; FUNARI, P.P. A.; COLLINS, J. J. (Orgs). **Identidades fluidas no Judaísmo antigo e no Cristianismo primitivo**. São Paulo: Annablume / FAPESP, 2010. p. 11-14.

GARCIA, Willian F. **Irineu de Lion e a formação do Novo Testamento**: Análise sobre a construção de uma identidade Cristã no século II d.C. Londrina. 2015. 18f. Monografia (Especialização em História das Religiões.). Universidade Estadual de Londrina. UEL. 2015.

GUARINELLO, Norberto. **História Antiga**. São Paulo: Contexto, 2013.

\_\_\_\_\_. Império Romano e identidade Grega. In: FUNARI, P.P. & SILVA, M.A.O. **Política e identidades no mundo antigo**. São Paulo: Annablume / FAPESP, 2009. p. 147-61.

IONITĂ, Alexander. Israel in Marcion's theology and the challenge of contemporary Marcionism for the Orthodox Church. **Revista Teológica**, vol. 95, n. 3. 2013. p. 67-84.

JONES, Siân. Categorias históricas e a práxis da identidade: a interpretação da etnicidade na arqueologia histórica. In: FUNARI, P.P.; ORSER JR., C. & SCHIAVETTO, S.N.O. (Orgs). **Identidades, discurso e poder**: Estudos da arqueologia contemporânea. SP: Annablume / FAPESP, 2005. p. 27-43.

KLINGHARDT, Matthias. The Marcionite gospel and the synoptic problem: A new suggestion. **Novum Testamentum**. Vol. 50 (2008). p. 1-27.

KNOX, John. On the Vocabulary of Marcion's Gospel. **Journal of Biblical Literature**. Vol. 58. No. 3.(Sep., 1939), p. 193-201.

LOPES, Geraldo. **Patrística Pré-Nicena**. São Paulo: Paulinas, 2014.

MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Júlio Cesar. **Identidades sociais na Antiguidade Tardia**: possibilidades teóricas e estudos de caso a partir da África de Agostinho. Conferência ministrada no I Seminário Internacional de Estudos sobre a Antiguidade e o Medieval. Centro de Letras e Ciências Humanas / Universidade Estadual de Londrina, 11/04/2017.

MCGIFFERT, Arthur C. The origin of High-Church Episcopacy. **The American Journal of Theology**. Vol. VI, No 3. (July, 1902). p. 417-438.

MOLL, Sebastian. Marcion: A new perspective on his life, theology, and impact. **The Expository Times**. Vol. 121(6) p. 281-286.

\_\_\_\_\_. Three against Tertullian: The second tradition about Marcion's life. **Journal of Theological Studies**. Vol. 59. (April, 2008). p. 169-180.

PIÑERO, Antônio. **Los Cristianismos Derrotados**. ¿Cuál Fue el pensamiento de los primeiros cristianos heréticos y heterodoxos? Madrid: Edaf, 2007.

PODOLAK, Pietro. **Tertuliano**. São Paulo: Loyola, 2010.

POORTHUIS, Marcel. The A-cosmic doctrine of Marcion and Paul's apocalypticism: Theo-political implications. **Political Theology**. Vol. 17. No. 3. May, 2016. p. 289-296.

REBILLARD, Eric. **Christians and their many identities in Late Antiquity**. North Africa, 200 – 450 C.E. New York: Cornell University Press, 2012.

ROTH, Dieter T. Did Tertullian possess a greek copy or latin translation of Marcion's Gospel? **Vigiliae Christianae**. Vol. 63 (2009) p. 429-467.

\_\_\_\_\_. Marcion's Gospel and Luke: The History of Research in current debate. **Journal of Biblical Literature**. Vol. 127. No3 (Fall, 2008). p. 513-527.

\_\_\_\_\_. Marcion's Gospel: Relevance, contested issues, and reconstruction. **The Expository Times**. Vol. 121(6) p. 287-294.

\_\_\_\_\_. Matthean texts and Tetullian's accusations in *Adversus Marcionem*. **Journal of Theological Studies**. (October, 2008) Vol. 59. p. 580-597.

SCHERBENSKE, Eric W. Marcion's Antithesis and the Isagogic Genre. **Vigiliae Christianae**. Vol. 64(2010). p. 255-279.

SELLARS, John. **Stoicism**. University of California Press, 2006.

SELVATICI, Monica. A formação do cânon do Novo Testamento: Atos dos Apóstolos e a construção de uma unidade cristã. In: SILVA, G. V.; LEITE, L. R. (Orgs.) **As múltiplas faces do discurso em Roma: textos, inscrições, imagens**. Vitória: EDUFES, 2013. p. 196-208.

\_\_\_\_\_. As relações entre judeus palestinos e o poder romano nos séculos I a.C. – I d.C. in: CARLAN; FUNARI; CARVALHO; SILVA (Orgs.) **História Militar do Mundo Antigo**. Guerras e culturas. São Paulo, Annablume, 2012. p. 133-148.

\_\_\_\_\_. Identidades religiosas no mundo romano: O caso dos Judeus e Cristãos na Ásia Menor dos séculos I e II D.c. **Antíteses**, Vol. 8, n. 16, p. 50-70, jul. /dez. 2015.

SENA PERA, Juan Pablo. **O anti-judaísmo de Justino Mártir no diálogo com Trifão**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Letras e Ciências Humanas e Naturais. 2009. 138 Folhas.

SILVA, Gilvan Ventura da. A Relação Estado/Igreja no Império Romano. In: SILVA, G. V.; MENDES, N. B. (org.). **Repensando o Império Romano: Perspectiva econômica, política e sociocultural**. Rio de Janeiro/Vitória: Mauad/EDUFES, 2006. p. 241-266.

SILVA, Gilvan Ventura da; SOARES, Carolline. Autoridade episcopal e conflito político na Antiguidade Tardia: A atuação de Cipriano de Cartago e de João Crisóstomo como reformadores da Igreja. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano V. nº 13. Maio de 2012. ISSN 1983-2850. p. 141-160.

SOARES, Carolline da Silva. Cipriano e o tratado *De Habitu Uirginum*: A construção das fronteiras entre as virgens cristãs e a busca pela pureza na igreja de Cartago (século III d.C.). **Romanitas – Revista de Estudos Greco-Latinos**, n. 1, p. 38-53. 2013 A.

\_\_\_\_\_. Conflito político e a afirmação do poder episcopal em Cipriano de Cartago (Século III d.C.). **XIV Jornada Interescuelas/Departamentos de Historia**. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo. Mendoza, 2013b.

STARK, Rodney. **O crescimento do cristianismo**: um sociólogo reconsidera a história. Trad. Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Paulinas, 2006.

STARK, R.; FINKE, R. Beyond church and sect: Dynamics and stabilities in religious economies. In: T. JELEN (Ed.) **Sacred market, sacred canopies: Essays on religious markets and religious pluralism**. P. 31-62. Lanham, MD: Rowman and Littlefield publishers, Inc., 2002.

WILLIAMS, David Salter. Reconsidering Marcion's Gospel. **Journal of Biblical Literature**. Vol. 108. No 3. (Autumn, 1989). Pp. 477-496.

WORTHAM, Robert A. Religious pluralism, cultural continuity and the expansion of early Christianity: Stark revisited. **The Social Science Journal** nº53. North Carolina, 2016. p. 573-580.

YOUNG, Julian. **Friedrich Nietzsche: A Philosophical Biography**. Cambridge University Press, 2010.